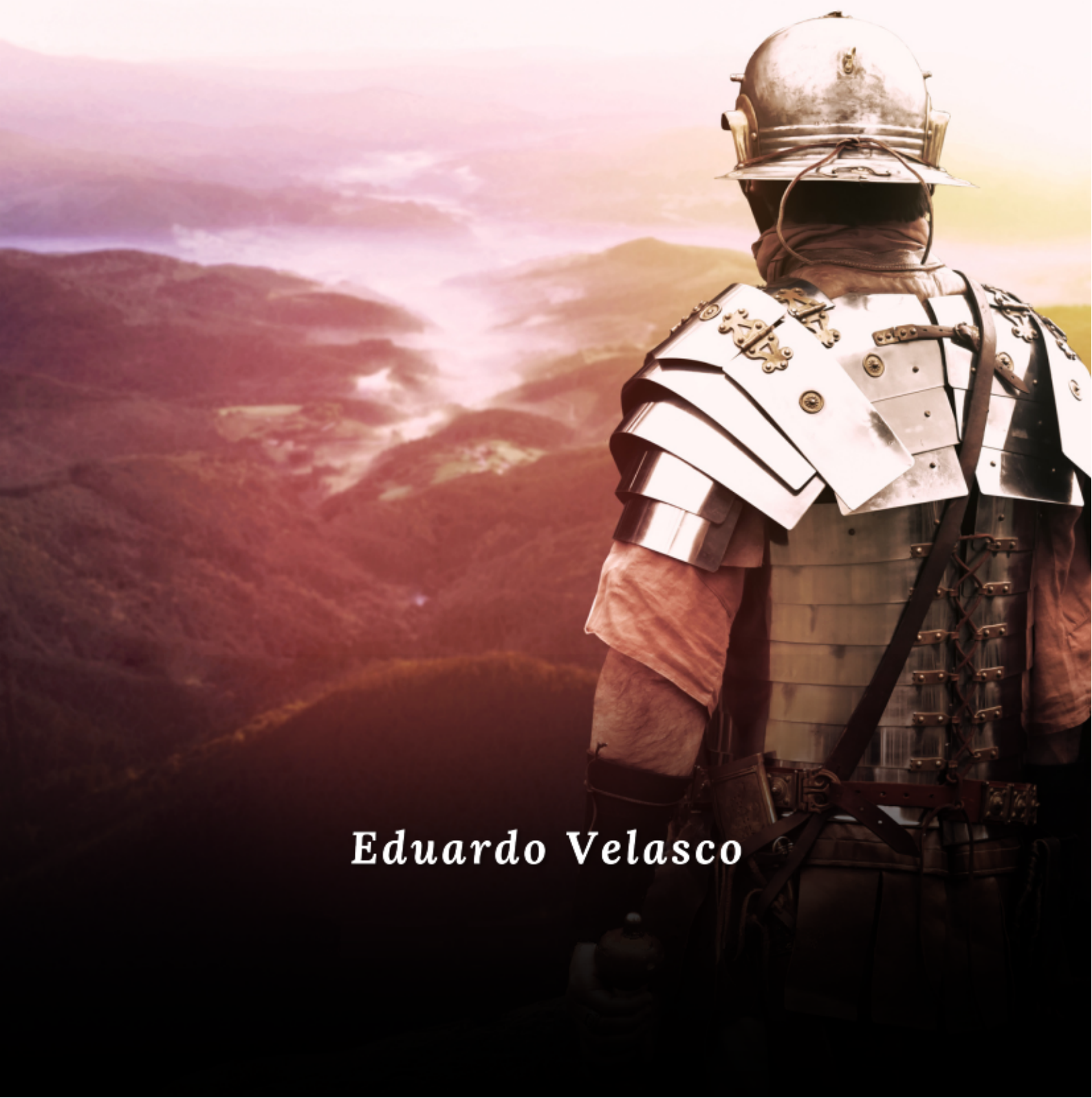
Roma

Contra Judeia

Eduardo Velasco

EDUARDO VELASCO

ROMA CONTRA JUDEIA

POSFÁCIO DE

TERRY KNIGHT

Etnonacionalista
Antiglobalista

"Os judeus há muito estão em rebelião, não apenas contra Roma, mas contra toda a humanidade." (Eufrates).

"Os judeus pertencem a uma força obscura e repulsiva. Eu sei quão numerosa é essa cabala, como eles permanecem unidos e que poder eles exercem através de seus sindicatos. Eles são uma nação de mentirosos e enganadores." (Cícero).

"Os temores dos judeus parecem ter sido confinados ao estreito reino da vida presente. A obstinação taciturna com que mantinham seus ritos e costumes sociais peculiares parecia caracterizá-los como uma espécie distinta de homens, que professavam insolentemente, ou mal disfarçavam, seu ódio implacável pelo resto da humanidade." (Edward Gibbon).

NOTA DO TRADUTOR

A tradução desse livro foi baseada numa série de textos publicados por Eduardo Velasco, na Página *Europa Soberana*, em 2013, que foi derrubado instantaneamente. O objetivo principal da tradução desse livro é mostrar para os leitores nacionalistas étnicos uma das maiores conspirações inventadas pelos judeus no primeiro século, inclusive essa conspiração é até maior que o Sionismo e a Nova Ordem Mundial. Essa conspiração foi responsável pela derrubada do Império Romano, pela inversão de todos os valores europeus, do enfraquecimento do corpo e da alma, e por último e não menos importante, da miscigenação desenfreada.

Sabemos a importância da religião como a base da civilização; é a partir dela que se mantém a ordem na sociedade, na preservação das tradições e da eterna lembrança dos ancestrais. Você acreditar em algo transcendental sempre será superior do que aquele que não acredita em nada. Niilismo é uma forma de decadência e contrário a vida e a natureza, mas nem toda religião segue a natureza — muitas religiões são contrárias a ela em diversos aspectos.

A minha intenção não é atacar nenhuma religião, mas expor que existe uma religião semítica que foi absorvida pelos europeus que está servindo como “Cavalo de Troia” contra a raça branca, incentivando o ódio contra as classes aristocráticas. Essa religião subversiva prega o pacifismo, igualitarismo, internacionalismo, a feiura do corpo, luta de classes, semelhante ao marxismo-comunismo, sendo, portanto, responsável pela queda do Ocidente.

A crítica dessa religião causadora pela queda do império Romano não vem de uma postura antirreligiosa ou ateia da minha parte. Eu, por exemplo, não sou a favor de perseguição religiosa ou hostilidade para os adeptos dessa religião subversiva (infelizmente eles estão sendo enganados e devem ser avisados por meios educativos). Porém, o contrário não acontece, vejo que essa religião causou guerras, mortes e destruição para Europa, além, claro, da intolerância com outras religiões de origem ariana. Dessa forma, esse livro critica essa religião do ponto de vista nacionalista, racial e espiritual, sem aderir ao marxismo cultural.

PREFÁCIO

A intenção é mostrar a relação entre Cristianismo e a queda do Império Romano, veremos os processos que marcaram o primeiro desenvolvimento do Cristianismo, aquela estranha síntese entre a mentalidade judaica e a greco-decadente que, desde o Oriente, devorou o mundo clássico até os ossos, minando as instituições romanas e a mentalidade romana até propiciar o seu colapso total. No entanto, começaremos nos concentrando nas províncias romanas orientais, especialmente a Judeia, que foram tomadas por Roma dos herdeiros de Alexandre, o Grande. Como eram as relações entre gregos e judeus? Qual foi o papel dos romanos na Ásia Menor e na gestão do problema judaico? Quais são as verdadeiras raízes de Israel e a atual instabilidade no Oriente Médio? Vale a pena aprofundar o assunto para se familiarizar com os fundamentos do que é hoje o maior conflito geopolítico do planeta: o Estado de Israel. Também será útil ver a impossibilidade a longo prazo de coexistência entre duas culturas radicalmente diferentes – neste caso, a greco-romana e a judaica.

Por enquanto, os romanos vão encontrar um povo que leve a tradição tão a sério quanto eles, mas substituindo aquele toque olímpico, artístico, atlético e aristocrático por uma centelha de fanatismo e dogmatismo, e trocando o patriotismo romano por uma espécie de pacto selado atrás das costas do resto da humanidade. Um povo, acima de tudo, com um sentido de identidade fortemente arraigado — de fato, muito mais do que qualquer outro povo — e que também se considerava nem mais nem menos que o "povo eleito".

— Eduardo Velasco

SUMÁRIO

PARTE I – AS BASES DO CONFLITO

Capítulo 1 – Contexto geopolítico, antropológico e étnico

Figura 1 - Deserto do Saara

Fonte - satswarooptravels (2020)

O Oriente Médio ou Levante — o que hoje são Turquia, Líbano, Síria, Iraque, Israel, Palestina, Jordânia e Egito — foi uma zona geoestratégica muito importante de confronto entre a Europa das florestas, das neves, dos rios e das brumas, e o profundo Oriente do espírito seco, ciumento, estéril e inóspito do deserto. Nesta área houve, desde tempos imemoriais, fluxos e refluxos tanto da Europa como da Ásia e África, e que se cristalizaram no aparecimento do Neolítico e das primeiras civilizações do mundo.

Parafraseando Nietzsche, diríamos que "se você olhar para o deserto por muito tempo, o deserto também olhará para você". Se existe um ambiente de seleção natural radicalmente diferente daquele das glaciações, é sem dúvida o ambiente desértico, monótono e infinito como os lamentos das canções hoje pregadas nos minaretes das mesquitas. Imerso nesse tipo de paisagem por muito tempo, é fácil para um homem ter visões, ver miragens e reflexos distorcidos, ouvir vozes que, segundo o folclore oriental, vêm de espíritos malignos e, finalmente, se perder, afundar no desespero e loucura, e deixar sua mente embarcar em uma jornada na escuridão, da qual ela nunca mais voltará. Os desertos são os lugares onde a total ausência do poder fertilizante do céu (representado pela chuva e relâmpagos, e por deuses tipicamente europeus como Zeus ou Júpiter) levou ao triunfo da areia e, portanto, à morte da Natureza e o nivelamento, a devastação, a equalização dos horizontes e a falta de permanência do mesmo terreno que é pisado. É completamente insensato pensar que todos esses elementos não deixam uma marca profunda na idiossincrasia e no imaginário coletivo de um povo.

Transparece no tema que estamos perante um confronto que, em última análise, se reduz a uma insurreição evolutiva do Oriente para não desaparecer numa competição desigual com as variedades humanas europeias. Em 56 a.C., em um

discurso intitulado “De Provinciis Consularibus”, proferido no Senado romano, o próprio Cícero descreve os judeus, junto com os sírios, como uma "raça nascida para ser escrava". Sírios e judeus eram comunidades étnicas nas quais a raça armênia foi fortemente representada, e que estão incluídos como culturas semíticas. As ondas semíticas constituíram, durante milênios, fonte de dor, desconforto, violência e tragédia para a Europa, dos cartagineses aos otomanos. Este livro tratará particularmente dos judeus, mas sem esquecer outros grupos, como os árabes, persas e sírios, que fizeram causa comum com eles em muitas ocasiões, inclusive durante a ascensão do cristianismo.

Embora hoje tentem endossar a Europa com um multiculturalismo irrealista, a realidade cotidiana e histórica é que a convivência entre raças diferentes só tem dois resultados: terceira-mundização (miscigenação, diminuição da inteligência, atraso tecnológico) e/ou balcanização (conflitos étnicos e rupturas territoriais). O que vamos ver neste livro, claro, não tem nada a ver com a defesa do multiculturalismo e da "convivência pacífica", já que durante séculos e séculos, a convivência entre gregos e judeus foi marcada por grandes ondas de violência sangrenta e, portanto, não funcionou.

Longe, portanto, da fantasia politicamente correta da "coexistência de culturas", investigaremos o início de uma série de limpezas étnicas em todo o Mediterrâneo Oriental, que culminaria no final do Império Romano com a erradicação, no norte da África e na Oriente Próximo, das comunidades grega e romana, e da maior parte do legado clássico, nas mãos do Oriente.

Capítulo 2 – Roma

A quantidade de adulteração e lixo derramado na história de Roma e na biografia de seus imperadores é incrível, mas não tanto se pensarmos que o Império Romano enfrentou diretamente o que mais tarde se tornaria duas forças muito poderosas: o judaísmo e o cristianismo. Roma representou durante séculos (como os macedônios a representaram antes dela) a encarnação armada e conquistadora da vontade europeia e o veículo do sangue indo-europeu no Oriente Próximo, em meio ao berço do mundo semítico, do judaísmo, do Neolítico e do matriarcado.

Em sua "Anábase de Alexandre, o Grande", Arriano nos conta como, enquanto Alexandre, o Grande, estava na Babilônia, recebeu embaixadas de inúmeros reinos do mundo conhecido. Uma dessas embaixadas veio de Roma, então uma humilde república dirigida por um conselho de patrícios idosos, chamados senadores. Alexandre, o Grande, viu os costumes e o comportamento dos embaixadores romanos e, sem hesitar, previu que, se seu povo continuasse fiel a esse estilo de vida sóbrio e correto, Roma se tornaria uma cidade muito poderosa. Antes de morrer, Alexandre o Grande deixou em testamento que fosse construída uma imensa frota para, algum dia no futuro, enfrentar a ameaça cartaginesa, que começava a surgir no horizonte. Roma, como herdeira da missão alexandrina, ela também herdou a tarefa geopolítica de acabar com os cartagineses, um povo de origem fenícia (atual Síria, Líbano e Israel) que se estabeleceu no que hoje é a Tunísia. Roma destruiu Cartago no ano 146 a.C., mas ficou com fortes consequências e más lembranças daquele confronto do Ocidente vs. Oriente, e nunca mais seria o mesmo.

O que impressionou Alexandre, o Grande, nos embaixadores romanos, e o que o fez imediatamente distingui-los do resto dos embaixadores? Que os romanos eram um povo extremamente tradicional e militarizado, cuja vida dançava ao ritmo do severo ritualismo religioso e da austeridade disciplinada. A religião romana e os costumes romanos estavam presentes em absolutamente todos os momentos da vida do cidadão.

O mundo, aos olhos de um romano, era um lugar mágico e sagrado, onde os antigos deuses, os *númenes*, os *manes*, *os lares*, os *penates*, os *gênios* e inúmeros espíritos folclóricos, vagavam livremente influenciando a vida dos mortais, mesmo

em seus altos e baixos mais cotidianos (a "Civitas Dei" de Santo Agostinho, apesar de atacar a religião romana, fornece informações valiosas sobre sua complexidade).

Quando a criança nascia, havia uma frase para invocar um *nume*. Quando a criança chorava no berço, outra era invocada. E rezou o mesmo para quando a criança aprendesse a andar, para quando viesse correndo, para quando fugisse, para quando, sendo homem, recebesse seu batismo de armas, para seu casamento, antes de entrar em combate, quando caiu ferido, triunfando sobre o inimigo, voltando para casa vitorioso, adoecendo, gerando seu primeiro filho, antes de comer, antes de beber e semear os campos... de Júpiter) precipitou a chuva do céu, outro se encarregou de fazer a grama balançar com o vento, outro, em tempos imemoriais, tornou ruiva a barba de uma linhagem familiar masculina...

Todas as qualidades, todas as coisas e todos os acontecimentos, segundo a mentalidade romana, mostravam a marca da intervenção criadora das forças abençoadas do mundo, os espíritos dos rios, das árvores, das florestas, das montanhas, das casas, dos campos... As famílias veneravam o *pater familias* e o ancestral do clã, enquanto todo homem se orgulhava de ter *virtus*, uma qualidade divina que estava associada à proeza militar, treinamento e espírito combativo, e que apenas os jovens poderiam possuir. Apenas a carne dos animais sacrificados aos deuses era comida em rituais de liturgia inflexível, e nas cerimônias religiosas, a mera gagueira de um sacerdote era mais do que suficiente para invalidar uma consagração ou ter que recomeçar tudo de novo.

Figura 2 - Estátua da Deusa Vesta

Fonte - formiaelasuastoria (2017)

Na figura 2, o espírito romano representado com duas tochas, *Vesta*, equivalente à *Héstia* helênica, era uma deusa virginal associada à lareira e ao fogo, simbolizando o centro da casa, em torno do qual se agrupava a família. Suas sacerdotisas, as vestais, eram moças virgens que, dentro de seu templo circular, asseguravam que o fogo sagrado nunca se apagasse. Havia uma lei segundo a qual, se um con-

denado à morte cruzasse com uma vestal, ele era absolvido. Quando algum deles falhava em seus deveres, eles eram açoitados, e se algum deles transgredisse o voto de virgindade, eles eram enterrados vivos. Esse é apenas um exemplo da imensa seriedade religiosa que reinava nas origens de Roma, muito distante do famoso "declínio do império".

Apesar da influência posterior que a Grécia teve sobre eles, a seriedade com que os romanos encaravam o ritualismo e o folclore era tão extrema, e seu patriotismo tão incrível, que se pode pensar seriamente que a fidelidade (o que eles chamavam de *pietas*, o cumprimento do dever para com os deuses na vida cotidiana) que professavam aos costumes e tradições ancestrais foi o segredo de seu imenso sucesso como povo. Eles desenvolveram tecnologia avançada e, devido à disciplina de seus soldados, à capacidade de seus comandantes e a uma maneira superior de "fazer as coisas", conquistaram todo o Mediterrâneo, blindando o sul da Europa.

Se pudéssemos colocar mais exemplos de povos em que a fidelidade às tradições foi levada com a extrema seriedade com que foi levada em Roma, apenas três seriam encontrados. Dois deles são a Índia Védica e a China Han. O outro é o povo judeu, infelizmente.

Capítulo 3 – Judeia

Os judeus, em muitos aspectos, eram a antítese exata dos romanos, mas tinham algo em comum com eles: a rigidez ritual e a fidelidade aos costumes. No caso judaico, o personagem era tingido de certo fanatismo, dogmatismo e intransigência. Os romanos consideravam essa religiosidade sinistra: o pano de fundo religioso bíblico, que é a matriz do judaísmo (também do cristianismo e do islamismo), vem de uma antiga tradição sírio-fenícia-canaanita-semita, que entre outras coisas sancionou o sacrifício humano, incluindo o de filhos primogênitos.

Os judeus, que tinham uma longa história de nomadismo, escravidão, perseguição e expulsão do Egito e das civilizações mesopotâmicas, apesar de suas grandes peregrinações por mil desertos e mil cidades estrangeiras, mantiveram sua idiossincrasia essencialmente imperturbável. Desde a mais remota antiguidade, os judeus têm se mostrado um povo inassimilável e altamente conflituoso, dotado de uma capacidade sem precedentes de escalar as posições sociais de civilizações alheias, minar suas instituições e destruir suas tradições e costumes de uma posição parasitária e vantajosa, enriquecem com o processo, pegando o que lhes foi útil, tornando-se cada vez mais sofisticados, e eventualmente sobrevivendo à queda da civilização que devoraram, levando uma bagagem de experiência e símbolos roubados para a próxima civilização destinada a sofrer a repetição do ciclo. Em todos os países que os acolheram, os judeus foram acusados de se apropriar da riqueza alheia sem trabalhar (usura), de exercer vampirismo sobre a economia, de ser bajuladores da nobreza e abertamente hostis ao povo, de endividar os Estados e odiar mortalmente, em segredo, toda a humanidade não-judaica.

Aqueles que detinham o poder entre os judeus eram os rabinos, sacerdotes que passaram a vida aprendendo a Torá e que exerciam firme controle psicológico sobre seu povo, ameaçando com a ira de Yahweh (Jeová) e manipulando medos e sentimentos individuais como culpa ou pecado. O historiador grego Strabo continuaria descrevendo os sacerdotes judeus como "supersticiosos e com temperamento de tiranos".

Figura 3 - Primeiro templo de Salomão

Fonte - mastermason (2001)

Este é o primeiro templo em Jerusalém, também chamado de templo de Salomão ou Sião, construído na esplanada do Monte Moria, por volta de 960 a.C. Foi arrasada pelos babilônios em 586 AEC e reconstruída setenta anos depois por aqueles judeus que, liderados por Zorobabel, Esdras e Neemias, retornaram da deportação do chamado "cativeiro babilônico". É uma estrutura bastante modesta e, claro, seguindo a tradição semítica fundamentalista, carecia de imagens ou representações da figura humana: literalmente, o judaísmo era uma religião sem ídolos. O estilo do templo estava em sintonia com a tradição sírio-fenícia-canaanita, considerada sinistra pelos romanos por admitir sacrifícios humanos, incluindo o ritual de infanticídio dos primogênitos. Os cartagineses, que haviam sido esmagados por Roma durante as Guerras Púnicas, também foram herdeiros dessa tradição fenícia, associada à presença de haplogrupos.

Mas para um povo "bárbaro" e "terceiro mundo", desprezado e considerado destinado à escravidão, os judeus tinham uma taxa de alfabetização muito alta e, por sua experiência, se portavam extremamente bem em ambientes urbanos, pois de todo o mundo, eles eram as pessoas que viviam há mais tempo em condições civilizadas. Havia também entre eles, sem dúvida, homens extremamente inteligentes e astutos, bons médicos, contadores, adivinhos, mercadores e escribas, e seu monoteísmo radical, quase sofisticado em sua ruptura completa com tudo o mais, os diferenciava de qualquer outra cidade.

Capítulo 4 – Antissemitismo Romano: um conflito espiritual

O que aconteceu após a irrupção das tropas romanas na Judeia foi um confronto espiritual sem precedentes na história da humanidade. Quatro milhões de judeus deveriam agora compartilhar fronteiras com os outros 65 milhões de súditos do Império Romano.

É impossível escrever um livro sobre este assunto sem mencionar as citações profundamente antijudaicas escritas por grandes autores romanos da época. Neles percebe-se um conflito real entre dois sistemas de valores exatamente opostos um ao outro. O choque entre a rigidez romana e o dogmatismo do deserto provocou em Roma um movimento genuíno de rejeição do judaísmo. Embora o antissemitismo remonte às próprias origens do judaísmo, os romanos, herdeiros dos gregos e de uma disciplina militar superior, foram sem dúvida, até então, os que mais manifestaram hostilidade para com os judeus.

Cícero (106-43 a.C.), como veremos mais adiante, condena hostilmente o judaísmo, considerando que sua mentalidade de covardia, e a covardia é incompatível com a mentalidade altruísta dos melhores de Roma.

Horácio (65-8 AEC), no Livro I de suas "Sátiras", zomba do Shabat ou descanso sabático, enquanto Petronius (morre em 66 EC), em seu "Satyricon", ridiculariza a circuncisão.

Plínio, o Velho (23-79 EC) em sua "História Natural", fala sobre “impiedade judaica" e se refere aos “judeus, conhecidos por seu desprezo pelos deuses”.

Sêneca (4-65 EC) chamou os judeus de "a nação mais maligna, cujo desperdício de um sétimo da vida [referindo-se ao Shabat] vai contra sua utilidade... Essas pessoas mais perversas vieram para espalhar seus costumes em todo o mundo; os vencidos deram leis aos vencedores".

Quintiliano (30-100 EC) diz em sua "Institutio oratoria" que os judeus são um escárnio para o resto dos homens, e que sua religião é a personificação da superstição.

Marcial (40-105), em seus "Epigramas", acredita que os judeus são seguidores de um culto cuja verdadeira natureza é secreta para escondê-la dos olhos do resto do mundo, e ataca a circuncisão, Shabat (ou sábado , isto é, não fazer nada

no sétimo dia da semana, o que lhes deu a pressão das preguiças) e sua abstinência de carne de porco.

Tácito (56-120), o famoso historiador que elogiou os alemães, também falou sobre os judeus, mas em termos muito diferentes. Ele diz que eles são descendentes de leprosos expulsos do Egito e que sob os assírios, medos e persas eram o povo mais desprezado e humilhado. Entre os termos com os quais qualifica o judaísmo, temos “perverso, abominável, cruel, supersticioso, alheio a qualquer lei de religião, maligno e criminoso” entre muitos outros:

> *Os costumes judaicos são tristes, sujos, vis e abomináveis, e se sobreviveram é graças à sua perversidade. De todos os povos escravizados, os judeus são os mais desprezíveis e repugnantes...*
>
> *Para os judeus tudo o que é sagrado para nós é desprezível, e para eles o que é repugnante para nós é lícito.*
>
> *Os judeus revelam um vínculo teimoso entre si, que contrasta com seu ódio pelo resto da humanidade... Entre eles, nada é lícito.*
>
> *Aqueles que abraçam sua religião praticam a mesma coisa, e a primeira coisa que aprendem é desprezar os deuses, esquecer o patriotismo e negar seus pais, filhos e irmãos.*
>
> *Os judeus são uma raça que odeia os deuses e a humanidade. Suas leis estão em oposição às dos mortais. Eles desprezam o que é sagrado para nós. Suas leis os incitam a cometer atos que nos horrorizam.” (Tácito, História, capítulos 4 e 5.)*

Juvenal (55-130), nas "Sátiras", critica os judeus pelo Shabat, por não adorarem imagens, por se circuncidarem, por não comerem carne de porco, por serem escrupulosos com suas leis desprezando as de Roma, e isso apenas para os "iniciados" revelam a verdadeira natureza do judaísmo. Além disso, ele culpa os orientais em geral e os judeus em particular pela atmosfera degenerada na própria Roma.

Marco Aurélio (121-180) passou pela Judeia a caminho do Egito, sendo surpreendido pelos costumes da população judaica local. Ele dirá que "acho este povo pior que os Marcomanos, os Quadi e os Sármatas" ("Histórias", Amiano Marcelino).

Essas citações resumem como os romanos, um povo indo-europeu marcial, viril e disciplinado, viam os judeus. Pode-se dizer que, até o triunfo dos romanos, nenhum povo estava tão consciente do desafio que o judaísmo representava.

Todas essas citações apontam para um confronto ideológico e militar teimoso, no qual Roma e Judeia iriam lutar entre si. Um conflito que teria uma enorme influência na história e que, portanto, não pode ser ignorado sob nenhum pretexto. Este livro visa dar uma ideia do que significava o antigo embate do Oriente contra o Ocidente.

Capítulo 5 – O Legado Helenístico

"Quando os macedônios chegaram ao poder [na Judeia], o rei Antíoco procurou extirpar suas superstições e introduzir hábitos gregos para transformar aquela raça inferior." (Tácito, "História")

Para compreender os virulentos conflitos étnicos ocorridos durante a dominação romana, é preciso retroceder alguns anos e situar-nos na época da dominação macedônia, pois as camadas sociais gregas deixadas pela conquista de Alexandre, o Grande, tiveram muito a ver com as revoltas do judaísmo e na longa história de ódio, tensões, represálias e contra represálias que ocorreram desde então.

Quando Alexandre, o Grande, estava a caminho da conquista do Egito, passou pela Judeia, e a comunidade judaica, temendo que ele arrasasse Jerusalém, fez aos macedônios o que costumavam fazer sempre que um novo invasor triunfante vinha: trair seus antigos senhores e receber o invasor de braços abertos. Assim como traíram os babilônios com os persas, traíram os persas com os macedônios. Agradecido, Alexandre concedeu-lhes amplos privilégios, por exemplo, em Alexandria, ele os equiparou legalmente à mesma população grega. Esse ponto é importante, pois o status legal dos judeus alexandrinos (que viriam a constituir quase metade da população da cidade) mais tarde gerou amargas dúvidas por parte da comunidade grega, levando a tumultos, que veremos mais adiante.

Quando Alexandre, o Grande, morreu em 323 a.C, ele deixou um vasto legado. Toda a área que ele havia dominado, do Egito ao Afeganistão, recebeu um forte helenização, que produziu o chamado período helenístico, para diferenciá-lo do período helênico clássico. Os generais macedônios, os chamados Diadochi, lutaram tolamente entre si para estabelecer seus próprios impérios, e neste caso estaremos interessados no império dos Ptolomeus (centrado no Egito) e o dos Selêucidas (centrado na Síria), porque Israel estaria entre ambos, se tornaria parte do primeiro e, finalmente, em 198 a.C, foi anexado pelos selêucidas.

Sob o guarda-chuva da proteção alexandrina, os judeus se espalharam não apenas na Palestina e no Oriente Médio, mas por toda Roma, Grécia e norte da África. Nessas áreas já existiam kahals judeus bem organizados, ricos e poderosos, todos ligados à Judeia, núcleo do judaísmo. Na sociedade judaica, alguns setores

sociais absorveriam a helenização, que, com a fermentação dos séculos, produziu um terreno fértil cosmopolita que levaria ao nascimento do cristianismo. Outros setores judaicos, os mais massivos, agarraram-se à sua xenofobia tradicional e começaram a reagir contra aqueles que, durante e após o reinado de Alexandre o Grande, tinham recebido como salvadores.

Embora o Oriente Próximo fosse um viveiro de egípcios, sírios (também chamados de caldeus ou arameus, cuja língua era língua franca na área, sendo falado regularmente por judeus), árabes e outros, os judeus tradicionalistas estavam extremamente descontentes que a Ásia Menor e Alexandria estavam se enchendo de gregos que eram, naturalmente, pagãos e, portanto, no pensamento judaico, infiéis, ímpios e idólatras, como haviam sido os odiados egípcios, babilônios e persas antes deles.

Com o tempo, ao desconforto desses setores do judaísmo, contrários à assimilação da cultura grega, foram acrescentadas uma série de medidas decretadas por Antíoco IV Epifânio, o rei selêucida. Em dezembro do ano 168 a.C, Antíoco literalmente proíbe o judaísmo, tentando extirpar o culto a Yahweh (Jeová), suprimindo qualquer manifestação religiosa judaica, colocando a circuncisão fora da lei e até obrigando os judeus a comer alimentos considerados religiosamente "impuros".

Os gregos impuseram um decreto de que um altar aos deuses gregos deveria ser construído em todas as cidades da região, e oficiais macedônios seriam enviados para garantir que os deuses gregos fossem adorados em todas as famílias judias. Aqui, os macedônios simplesmente demonstraram falta de jeito e não conheciam o povo judeu.

De acordo com o Antigo Testamento (2 Macabeus e 4 Macabeus), aqueles que permaneceram fiéis à lei mosaica, Antíoco os mandou queimar vivos, e os judeus ortodoxos que escaparam para o deserto ele perseguiu e massacrou. Essas alegações devem ser tomadas com um grão de sal, mas o que está claro é que houve uma repressão antijudaica geral.

O que causou essas medidas? Devemos ter em mente que o mundo pagão era um mundo de tolerância religiosa, no qual as religiões não eram perseguidas assim. No entanto, no judaísmo, os soberanos gregos devem ter visto uma doutrina política que tornaria os judeus subversivos contra os Estados pagãos pelos quais eram dominados, hostis aos demais povos do planeta e, portanto, uma ameaça. Nesse contexto, é possível que as primeiras manifestações de intransigência religio-

sa tenham vindo dos judeus (entre outras coisas porque, como disse, os antigos gregos pagãos nunca foram religiosamente intransigentes ou intolerantes), e que os macedônios, que consideravam seus deuses, símbolos de seu próprio povo, não aceitavam zombarias.

O fato é que naquele ano de 168 AEC, Antíoco sacrifica nada mais e nada menos que um porco no altar do templo em Jerusalém, em homenagem a Zeus. Este ato foi considerado uma dupla profanação, por um lado porque era um porco (animal profano dos credos semitas como o judaísmo e o islamismo), e por outro lado porque significava o primeiro passo para consagrar todo o templo a Zeus Olímpico e converter Jerusalém numa cidade grega.

Figura 4 — Rei Antíoco IV Epifânio

Fonte: newworldencyclopedia (2022).

Na figura 4, Antíoco IV Epifânio, rei selêucida e descendente de Seleuco I Nicator, talvez o mais brilhante dos generais de Alexandre, o Grande. Segundo a tradição judaica, este rei macedônio, ao profanar o altar do templo em Jerusalém salpicando-o com sangue de porco, foi possuído por um demônio, o mesmo que possuirá o Anti-Messias ou o "príncipe vindouro" de que se fala no Antigo Testamento (Daniel, 9:26).

Este ato sacrílego provocou uma forte reação dos setores fundamentalistas do judaísmo. Os rabinos mais zelosos começaram a pregar uma espécie de guerra santa contra a ocupação grega, incitando os judeus à revolta, e quando o primeiro judeu decidiu timidamente fazer uma oferenda ao Deus grego Zeus, um rabino, Matatias Macabeu, o assassinou. Os distúrbios étnicos que se seguiram levaram ao período conhecido como as guerras dos Macabeus (anos 167-141 a.C), muito falado no Antigo Testamento (Maccabeus). Realizando, com os hassidim (os "judeus piedosos", também chamados hassidim ou chassídicos) uma guerra de guerrilha contra as tropas macedônias cercadas por todos os lados, os "Maccabeus" foram finalmente salvos de serem dominados quando uma rebelião antigrega estourou em Antioquia e esmagou a influência dos judeus helenizantes. Judas Macabeu, que sucedeu a Matatias, renovando o ciclo de traição, chegou a negociar com os romanos para

garantir seu apoio. De fato, o Senado romano reconheceria formalmente a dinastia dos Asmoneus em 139 a.C, sem suspeitar das dores de cabeça que essa terra remota lhes daria em um futuro próximo.

Figura 5 - Judá sob a dinastia dos Asmoneus

Fonte – Europa Soberana (2013)

Na figura 5, mostra um mapa de Judá sob a dinastia dos Hasmoneus. Mais tarde, sob Herodes, a Torre de Stratus seria reconstruída como Cesareia. Não é objetivo deste livro tratar do período Hasmoneu ou Asmoneu, mas basta dizer que as guerras dos Macabeus, que coincidiram com o declínio dos selêucidas, deram origem a uma fase de autonomia e expansão judaica sob o reinado da dinastia dos Asmoneus, que teve inúmeras campanhas internas, guerras fratricidas e luta entre facções religiosas, e que durou até a irrupção romana no ano 63 a.C.

Nessa época, além dos judeus helenizados, configurar-se-iam duas outras importantes facções judaicas, também em acirrada disputa: de um lado, os fariseus, setor fundamentalista que contava com o apoio das multidões, e de outro, os Saduceus, um grupo de sacerdotes mais "progressistas", mais "burgueses", em melhores relações com os gregos, e que no futuro seriam vítimas da "revolução cultural" que os fariseus realizaram contra eles após a queda do judaísmo nas mãos de Roma. Seus escritos foram destruídos pelos romanos, de modo que a visão que temos hoje do panorama se deve mais aos fariseus, de quem viriam as linhagens de rabinos ortodoxos que completariam o Talmude. A dinastia dos Asmoneus, apesar de numerosos altos e baixos, seria essencialmente pró-saduceu.

Capítulo 6 – Antissemitismo Grego

Aqui é particularmente relevante a escola alexandrina, que, tendo a maior população judaica (quase a metade do total), tinha também a mais importante tradição "antissemita" (entre aspas porque os sírios, os babilônios e os árabes eram semitas e os alexandrinos não tinham nada contra eles). Como uma parte importante da história judaica ocorreu no Egito, esses escritores egípcios helenizados a atacaram duramente. Além disso, os gregos do Oriente Próximo viviam mal com os judeus há algum tempo, e durante esse tempo uma verdadeira animosidade se desenvolveu entre os dois povos.

Hecateu de Abdera (por volta de 320 a.C, não um alexandrino), foi provavelmente o primeiro pagão a escrever sobre a história judaica, e não o fez em bons termos:

> *"Devido a uma* praga*, os egípcios os expulsaram... A maioria fugiu para a desabitada Judeia, e seu líder Moisés estabeleceu um culto diferente de qualquer outro. Os judeus adotaram uma vida misantrópica e inóspita."*

Manetho (século III a.C), sacerdote e historiador egípcio, em sua "História do Egito" (a primeira vez que alguém escreveu a história do Egito em grego), diz que, na época do rei Amenófis, os judeus deixaram Heliópolis com uma colônia de leprosos sob o comando de um sacerdote renegado de Osíris chamado Osarsif, a quem ele identifica com Moisés, que lhes teria ensinado costumes contrários aos dos egípcios, que os ordenaram a não interagir com o resto do povo e que queimaram e saquearam vários assentamentos egípcios no vale do Nilo antes de deixar o Egito para a Ásia Menor. Os posteriores estoicos Posidônio de Apamea (filósofo e historiador, 135-51 a.C) e Cheremon (tutor do imperador Nero, também chamado de Ceremon), complementaram o que Manetho disse.

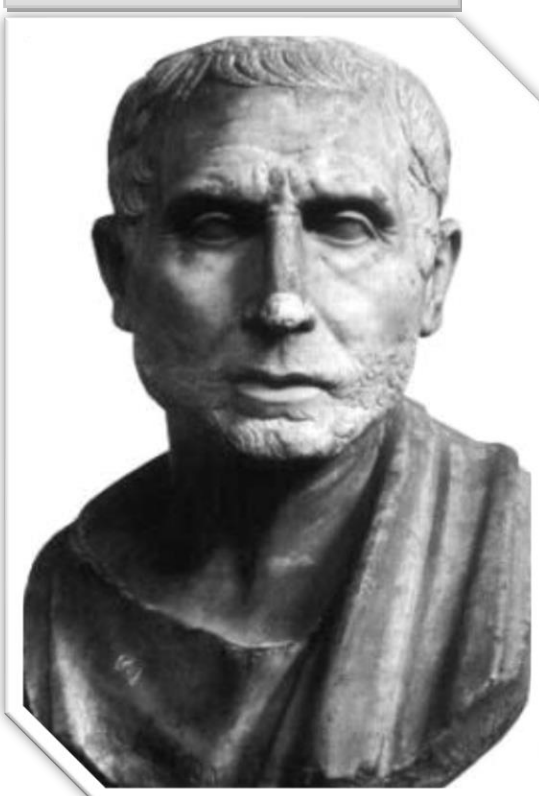
Mnaseas de Patara (século III a.C.), discípulo de Eratóstenes, foi o primeiro a dizer algo que mais tarde seria recorrente no antissemitismo grego e também no romano: que os judeus, no templo de Jerusalém, adoravam uma cabeça de jumenta dourada (isso é chamado de "onologia").

Lisímaco de Alexandria (tempo desconhecido) disse que Moisés era uma espécie de mago negro e um impostor, que suas leis, equivalentes às registradas no Talmude, eram imorais e que os judeus estavam doentes:

> *“Os judeus, doentes de lepra e escorbuto, refugiaram-se nos templos, até que o rei Bojeris afogou os leprosos e enviou os outros cem mil para perecer no deserto. Um certo Moisés os guiou e os instruiu a não mostrar boa vontade para com qualquer pessoa e destruir todos os templos que encontrassem. Eles vieram para a Judeia e construíram Hierosyla (cidade dos invasores do templo).”*

Agatharchides de Cnidus (181-146 a.C), em "História da Ásia", zomba da lei mosaica e suas práticas, especialmente o descanso sabático.

Posidônio de Apamea (135-51 a.C) diz que os judeus são “*um povo ímpio, odiado pelos deuses*".

Figura 6 — Posidônio de Apamea,

Fonte: ellinondiktyo (2015)

Apolônio Molon (cerca de 70 a.C), de Creta, gramático, retórico, orador e professor de César e Cícero em uma academia em Rodes, no século I a.C, dedicou uma obra inteira aos judeus, chamando-os de ateus disfarçados de monoteístas (talvez porque ele não poderia conceber uma religião sem ídolos) e de misantropos.

> *"São os* piores *dos bárbaros, carecem de qualquer talento criativo, nada fizeram pelo bem da humanidade, não acreditam em nenhum deus... Moisés era um impostor."*

Diodorus Siculus (cerca de 50 a.C) historiador grego da Sicília, diz em "Biblioteca Histórica":

> *“Os judeus tratavam outras pessoas como inimigas e inferiores. "Usura" é sua prática de emprestar dinheiro a taxas de juros excessivas. Isso tem causado miséria e pobreza para os gentios por séculos, e tem sido uma forte condenação para os judeus. Os conselheiros do rei Antíoco já estavam lhe dizendo para exterminar completamente a nação judaica, porque os judeus, como o único povo do mundo, resistiam a se misturar com outras nações. Eles julgaram todas as outras nações como seus inimigos e passaram essa inimizade como herança para as gerações futuras. Seus livros sagrados contêm regras aberrantes e inscrições hostis a toda a humanidade.”*

Estrabão (64 a.C-25 D.C.), geógrafo grego, em sua "Geografia", admira a figura de Moisés, mas pensa que os sacerdotes posteriores distorceram sua história e impuseram um estilo de vida antinatural aos judeus. Nesta citação fica claro que os judeus, já na época, constituíam uma poderosa máfia internacional.

> *"Os judeus* penetraram *em todos os países, por isso é difícil encontrar em qualquer lugar do mundo que sua tribo não tenha entrado e onde eles não estejam poderosamente estabelecidos."*

Damócrito*,* século I a.C: *"A cada sete anos eles pegam um não-judeu e o matam no templo..."* Talvez aqui a acusação mais séria contra os judeus começou a se espalhar, ou seja, que eles sacrificavam não-judeus a Yahweh (Jeová). Essa

acusação, chamada de "libelo de sangue", foi recorrente durante a Idade Média tanto na Europa quanto na Ásia, e também mais tarde na Alemanha Nacional-Socialista.

Apião, escritor egípcio e principal promotor do pogrom alexandrino de 38 EC, que culminou em um massacre de 50.000 judeus nas mãos dos militares romanos. Ele disse que os judeus estavam obrigados por aliança mútua a nunca ajudar nenhum estrangeiro, especialmente um grego. Ele disse:

> *"Os princípios do* judaísmo *os obrigam a odiar o resto da humanidade. Uma vez por ano eles pegam um não-judeu, o matam e provam suas entranhas, jurando durante o jantar que vão odiar a nação de onde a vítima veio. Na Sacta Sanctorum do templo sagrado em Jerusalém há uma cabeça de jumenta de ouro que os judeus idolatram. O Shabat se originou porque uma doença pélvica que os judeus contraíram ao fugir do Egito os forçou a descansar no sétimo dia."*

Plutarco (50-120) foi iniciado nos mistérios de Apolo em Queroneia e serviu como sacerdote no santuário de Delfos. É uma das fontes favoritas de informação sobre o modo de vida espartano. Ele diz em suas "Conversas à Mesa" que os judeus não matam nem comem o porco ou o burro porque os adoram religiosamente, e que no Shabat, eles ficam bêbados.

Filóstrato, sofista do século II:

> *“Os judeus são um povo que se levantou contra a própria humanidade... eles fizeram suas vidas separadas e irreconciliáveis, e não podem compartilhar com o resto da humanidade os prazeres da mesa, nem participar de suas libações ou orações ou sacrifícios... eles estão separados de nós por um abismo maior do que aquele que nos separa das Índias mais distantes.”*

Filo de Biblos (64-141), um fenício helenizado que escreveu sobre a história fenícia, a religião fenícia e os judeus, fala de sacrifícios humanos dos primogênitos (lembre-se da passagem de Abraão e seu filho Isaac).

Celso é um filósofo grego do século II, mais conhecido por seu "Verdadeiro Discurso Contra os Cristãos", no qual ataca o Cristianismo e também o Judaísmo, que foi originalmente associado a ele. Santo Orígenes de Alexandria (185-254), um "pai da Igreja" que decepou os testículos inspirado em um versículo do Evangelho de Mateus, acabaria escrevendo um "Contra Celso". Celso escreve: *"Os judeus são fugitivos do Egito que nunca realizaram nada de valor e nunca foram estimados ou tiveram boa reputação".*

Capítulo 7 – A conquista de Pompeu

Esta seção tratará da primeira intervenção direta da autoridade romana em solo judaico.

Em Israel, com a morte de Alexandre Janeu (rei da dinastia Asmoneana, descendente dos Macabeus) em 76 a.C, sua esposa Salomé Alexandra reinou como sua sucessora. Ao contrário do marido — que, como bom pró-saduceu, reprimira duramente os fariseus — Salomé se dava bem com a facção farisaica. Quando ela morreu, seus dois filhos, Hircano II (associado aos fariseus e apoiado pelo árabe Sheikh Aretas de Petra) e Aristóbulo II (apoiado pelos saduceus) lutaram pelo poder.

Em 63 a.C., ambos os asmoneus apelaram para o apoio do líder romano Pompeu, cujas legiões vitoriosas já estavam em Damasco tendo deposto o último rei macedônio da Síria (o selêucida Antígono XIII asiático) e agora propunham conquistar a Fenícia e a Judeia, talvez para incorporar para o Império Romano, nova província romana da Síria. Pompeu, que recebeu dinheiro de ambas as facções, finalmente decidiu a favor de Hircano II - talvez porque os fariseus representassem a maioria da massa popular da Judeia. Aristóbulo II, recusando-se a aceitar a decisão do general, barricou-se em Jerusalém com seus homens.

Os romanos, portanto, sitiaram a capital. Aristóbulo II e seus seguidores aguentaram três meses, enquanto os sacerdotes saduceus, no templo, rezavam e ofereciam sacrifícios a Javé (Outro nome para Jeová). Aproveitando-se do fato de que no Shabat os judeus não lutavam, os romanos minaram as muralhas de Jerusalém, após o que rapidamente penetraram na cidade, capturando Aristóbulo e matando 12.000 judeus[1].

O próprio Pompeu entrou no templo em Jerusalém[2], curioso para ver o deus dos judeus. Acostumado a ver numerosos templos de muitos povos diferentes, e educado na mentalidade europeia segundo a qual um Deus tinha que ser representado em forma humana para receber o culto dos mortais, ele ficou perplexo quando não viu nenhuma estátua, nenhum relevo, nenhum ídolo, nenhuma imagem... apenas um castiçal, potes, uma mesa de ouro, dois mil talentos de "dinheiro sagrado",

---

[1]Os números da morte dados ao longo do texto vêm dos escritos do judeu Flavio Josefo em "Guerra Judaica" e "Antiguidades Judaicas", bem como de Cássio Dio em "História de Roma".

[2]De acordo com autores alexandrinos (que eram antissemitas raivosos e acreditavam que os judeus realizavam sacrifícios humanos), Pompeu libertou um prisioneiro grego no templo que estava prestes a ser sacrificado a Jeová.

especiarias e “montanhas” de rolos da Torá. *Eles não tinham um deus? Os judeus eram ateus? Eles não adoraram nada? O que é esse dinheiro? O que é esse ouro? A um simples livro, como se a alma, os sentimentos e a vontade de um povo dependessem de um rolo de papel inerte [Torá]?* A confusão do general, segundo Flávio Josefo, deve ter sido enorme. O romano havia encontrado um deus abstrato.

Para a mentalidade judaica, Pompeu cometeu um sacrilégio, porque entrou no recinto mais sagrado do templo, que só o sumo sacerdote podia ver. Além disso, os legionários fizeram um sacrifício às suas bandeiras, "poluindo" a área novamente.

Após a queda de Jerusalém, todo o território conquistado pela dinastia dos Hasmoneus ou Macabeus foi anexado pelo Império Romano. Hircano II permaneceu como rei cliente de Roma sob o título de "etnarca" (algo como "chefe nacional"), dominando tudo o que Roma não anexou, ou seja, os territórios da Galileia e da Judeia, que doravante prestariam homenagem a Roma, mas eles manteriam sua independência. Ele também foi feito sumo sacerdote, mas, na prática, o poder da Judeia foi para Antípatro da Iduméia, como recompensa por ajudar os romanos.

Figura 7 – Anexado por Roma VS Hircano

Fonte - ventatodocompro (2016)

Na figura 7, Pompeu anexou a Roma as áreas mais helenizadas do território judaico, enquanto Hircano permaneceu como rei cliente de Roma até sua morte.

Do ponto de vista étnico e cultural, a conquista romana prenunciou novas e profundas mudanças naquela área altamente conflitiva que é o Oriente Próximo. Em primeiro lugar, aos estratos étnicos judeus, sírios, árabes e gregos, uma aristocracia romana ocupante de natureza militar deveria agora ser adicionada.

Para os gregos, isso era motivo de alegria: o declínio do Império Selêucida os havia deixado para trás e, além disso, eles tinham Roma literalmente no bolso, pois

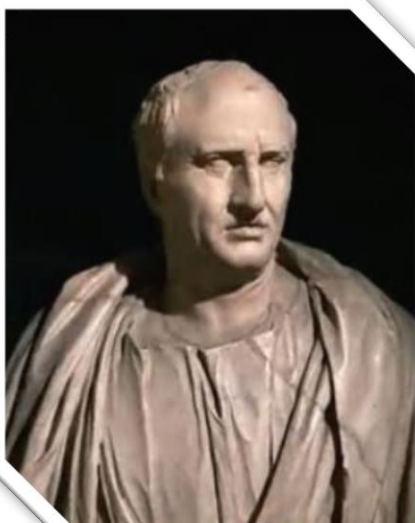
os romanos sentiam uma profunda e sincera admiração pela cultura helenística, para não mencionar que muitos de seus imperadores tiveram uma educação grega que os predispôs a serem especialmente tolerantes com as colônias macedônias.

Além disso, em Alexandria, era de se esperar que, em vista dos tumultos com os judeus, os romanos tirassem dos judeus os direitos que Alexandre o Grande lhes havia concedido, deixando assim de ser cidadãos em pé de igualdade com os gregos, e a influência que eles exerciam por meio do comércio e da acumulação de dinheiro seria eliminada. Por essas razões, não surpreende que a Decápolis (conjunto de cidades helenizadas nas fronteiras do deserto que também manteria considerável autonomia, entre as quais Filadélfia, atual capital da Jordânia, Amã), cercada por tribos composta por sírios, judeus e árabes considerados não-civilizados, receberam os romanos de braços abertos e começaram a contar os anos desde a conquista de Pompeu.

Em 62-61 a.C, o procônsul[3] Lúcio Valério Flaco (filho do cônsul[4] de mesmo nome e irmão do cônsul Caio Valério Flaco) confiscou o tributo de "dinheiro sagrado" enviado pelos judeus ao templo de Jerusalém. Quando isso aconteceu, os judeus de Roma levantaram uma multidão de protestos contra Flaco. O conhecido patriota romano Cícero defendeu Flaco contra o acusador D. Laelius (um tribuno da plebe que mais tarde apoiaria Pompeu contra Júlio César) e se referiu aos judeus de Roma em algumas frases de 59 a.C., que foram registradas em seu “Pro Flacco", XVIII:

"Chegamos agora à questão do ouro dos judeus e daquela odiosa imputação. É por causa dessa acusação específica que você procurou este lugar, Laelius, e essa multidão de judeus ao nosso redor. Você conhece seu número, sua união e seu poder em nossas assembleias. Falarei baixo para não ser ouvido a não ser pelos juízes. Como não faltam indivíduos entre aqueles que agem contra mim e contra os melhores cidadãos que você protege, não quero fornecer aqui novas armas para o mal deles. Houve sabedoria em pôr fim a uma superstição bárbara, e firmeza em varrer, para o bem da República, esta multidão de judeus que perturbam as nossas assembleias."

[3]Procônsul = governador de uma província romana
[4]Cônsul = Cargo político mais elevado da República Romana, na Roma Antiga.

Figura 8 - Cícero

Fonte - pinterest (2018)

Cícero considerava a usura a mais desprezível das ocupações.

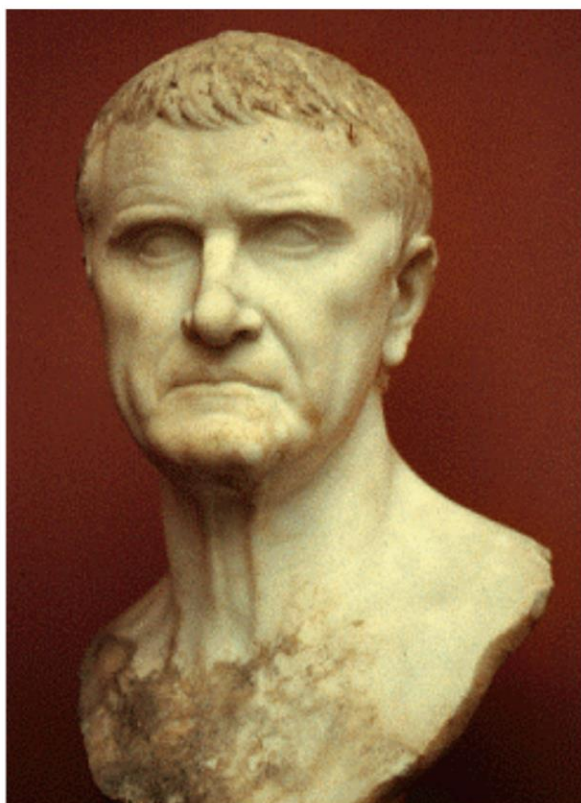
Destas frases podemos deduzir que já no século I a.C., os judeus tinham grande poder político na própria Roma, e que tinham uma importante capacidade de mobilização social contra seus adversários políticos, que baixavam a voz por medo: a pressão dos lobbies.

Figura 9 — República Romana em 55 a.C

Fonte: Europa Soberana (2013)

Por volta de 55 a.C, a República, que, muito grande e militarizada, pede uma nova forma de governo, é governada de fato pelo chamado Triunvirato - uma aliança de três grandes comandantes militares: Marco Licínio Crasso (aquele que esmagou a revolta de Espártaco em 74 a.C), Cneu Pompeu Magno (o conquistador da Síria) e Caio Júlio César (conquistador da Gália). Em 54 a.C, Crasso, então governador ro-

mano da província da Síria, durante o inverno na Judeia, decreta um "imposto de guerra" sobre a população para financiar seu exército e, além disso, saqueia o templo de Jerusalém, roubando seus tesouros (no valor de dez mil talentos) e causando um grande alvoroço no bairro judeu. Crasso e a grande maioria de seu exército seriam massacrados pelo Império Parta na desgraçada Batalha de Carras[5] em 53 a.C.

Figura 10 — Marco Licínio Crasso.

Fonte - Europa Soberana (2013)

Lúcio Cássio Longino, um dos comandantes de Crasso que conseguiu escapar do massacre da Batalha de Carras com sua cavalaria de 500 homens, retornou à Síria para se preparar para um contra-ataque do Império Parta e restabelecer o prestígio romano na província. Depois de expulsar os partos, Cássio teve que enfrentar uma rebelião do bairro judeu, que se ergueu assim que soube que o odiado Crasso havia sido morto. Aliou-se a Antípatro e Hircano II e, depois de tomar Tariquéia e executar Pitolau (um dos líderes da rebelião, que tinha um entendimento com Aristóbulo), Cássio capturou 30.000 judeus e, no ano 52 a.C., os vendeu como escravos em Roma.

Pode-se dizer que este é o verdadeiro início da subversão dentro da própria Roma, pois esses 30.000 judeus, posteriormente libertados por Marco Antônio, e seus descendentes, dispersos pelo Império, não deixariam de promover a agitação contra a odiada autoridade romana, e teriam um papel importante na construção das catacumbas e sinagogas subterrâneas, que mais tarde foram a primeira

[5]Crasso, que cometeu um erro grosseiro (daí a expressão) durante a batalha, foi responsável pelo massacre de 20.000 soldados nas mãos dos partos. Outros 10.000 soldados romanos foram feitos prisioneiros e enviados para trabalhos forçados no que hoje é o Afeganistão. Muitos acabaram lutando, sob o comando parta, contra os hunos, perdendo o rastro a partir de então. As análises genéticas parecem indicar que esse destacamento, a famosa "Legião Perdida de Crasso", foi parar na atual província chinesa de Liqian, onde são responsáveis por uma maior frequência de traços étnicos europeus na população indígena.

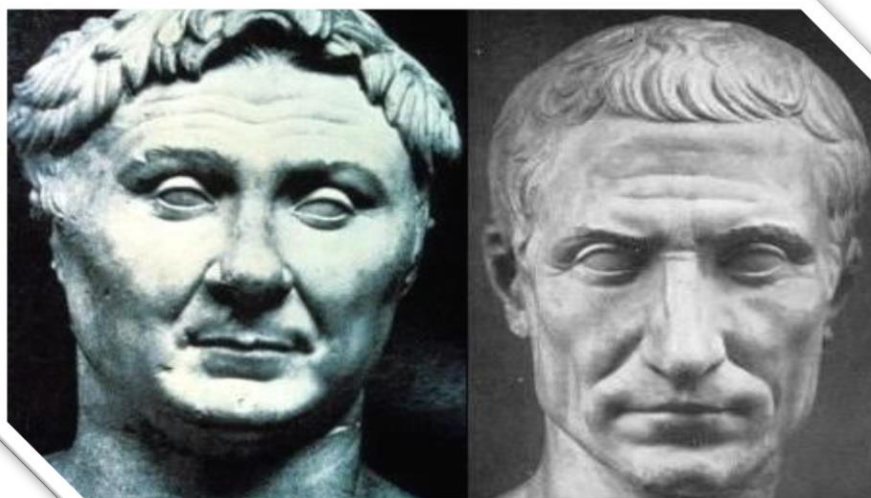
área de pregação cristã. Cássio mais tarde seria nomeado governador da Síria.

Figura 11 — Império Romano no ano 50 a.C

Fonte - Europa Soberana (2013)

Na figura 11, mostra a situação do Império Romano no ano 50 a.C. César conquistou a Gália, Pompeu conquistou a Síria e a Fenícia. A Judeia, no extremo sudeste do Império, é um território que presta homenagem a Roma e está sob a órbita romana, apesar de manter sua autonomia.

Em 49 a.C, depois que Crasso morreu e, assim, o Triunvirato foi quebrado, a guerra civil eclodiu entre Pompeu e César, um dos quais inevitavelmente se tornaria o ditador autocrático de todo o Império. Hircano II e Antípatro decidiram ficar do lado de César, mas ele colocou Antípatro como regente. Júlio César logo assumiria o controle da situação, e Pompeu foi assassinado no Egito por conspiradores.

Figura 12 — Pompeu, o Grande (esquerda) e Júlio César (direita)

Fonte - Europa Soberana (2013)

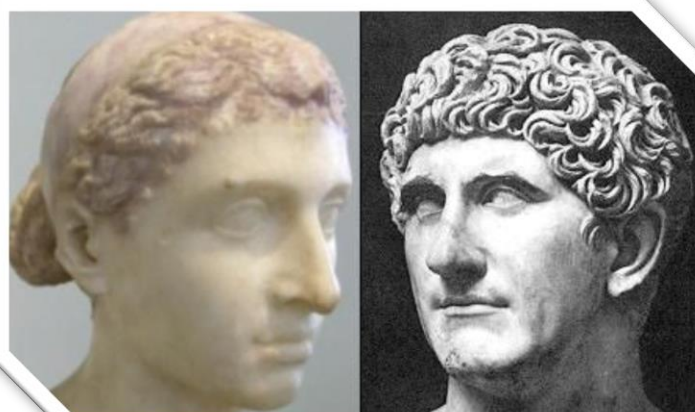
Na figura 12, rivais, mas não inimigos: os generais Pompeu, o Grande (esquerda) e Júlio César (direita). A honra entre eles ficou clara quando o próprio César, lamentando a maneira suja e traiçoeira como Pompeu foi assassinado no Egito, mandou executar seus assassinos, erguendo mais tarde um templo para homenagear seu respeitado adversário.

Em 48 a.C, enquanto as frotas romana e ptolomaica estavam travadas em uma batalha naval, ocorreu um evento que pretendia tencionar ainda mais as relações entre judeus, gregos e egípcios: o incêndio da biblioteca em Alexandria. Simplificando, de todos os grupos étnicos da cidade, nenhum poderia ter nada contra a biblioteca. Os gregos a fundaram, os egípcios contribuíram muito para ela e os romanos admiravam sinceramente esse legado helenístico. Os judeus, porém, viam na biblioteca uma riqueza de sabedoria "profana" e "pagã", de modo que se havia um grupo suspeito no primeiro incêndio da biblioteca, logicamente eram os judeus, ou os mais ortodoxos e fundamentalistas nisso. Pelo menos é assim que os habitantes de Alexandria pensavam.

Neste mesmo ano de 43 a.C, os *Partos*, um povo iraniano que lutava contra Roma naquela época, invadiram a área, conquistando a Judeia. Instalaram Antígono II, o último asmoneu, como rei da Judeia, como marionete dos *Partos*, enquanto Hircano II teve as orelhas cortadas (para ser sumo sacerdote não se podia ter imperfeições físicas) e foi enviado para a Babilônia carregado de correntes. Assim, os judeus caíram sob o domínio de um povo iraniano. Mas a situação foi breve. Antônio, cujo

exército era apoiado pela rainha do Egito, Cleópatra (descendente do macedônio Ptolomeu Soter, general de Alexandre, o Grande), reconquistou Jerusalém em 37 a.C, instalando o rei Herodes como um fantoche de Roma, antes de embarcar em uma campanha contra o Império Parta.

Em 31 a.C, o ano de um forte terremoto em Israel que mata 30.000 pessoas, Cleópatra e Marco Antônio cometem suicídio ao cair em desgraça. Um ano depois, Herodes, que jurou fidelidade a Otaviano Augusto (também conhecido como César Augusto), é reconhecido por ele como rei (um fantoche de Roma, é claro) de Israel.

Figura 13 — Cleópatra e Marco Antônio

Fonte – Europa Soberana (2013)

A história de Cleópatra e Marco Antônio nunca deixou de alimentar a imaginação de gerações inteiras. Colegas em uma trama contra Otaviano Augusto, que os derrotou, ambos cometeram suicídio.

Flávio Josefo menciona durante o reinado de Augusto um processo em que 8.000 judeus apoiaram uma das partes. Esses judeus tinham que ser todos homens adultos, e como uma família nuclear era geralmente de 4 ou 5 pessoas, podemos concluir que na época de Augusto havia talvez cerca de 35.000 judeus na cidade de Roma.

Capítulo 8 – Herodes, o Grande

Como vimos, Caio Júlio César Otaviano Augusto, sucessor de Júlio César à frente do Império Romano, nomeou Herodes, filho de Antípatro, como rei da Judeia e financiou seu exército com dinheiro romano. Herodes era um líder capaz, brutal, competente e sem escrúpulos (ele matou praticamente toda a sua família), além de um excelente guerreiro, caçador e arqueiro. Ele expulsou os *Partos* da Judeia, protegeu Jerusalém da pilhagem, perseguiu bandidos e salteadores, e também executou os judeus que apoiaram o regime fantoche parta, consolidando-se em 37 a.C como rei da Judeia.

Embora seja retratado pela história como um rei implacável, cruel e egoísta, a realidade é que, por mais duro que pudesse ser, como soberano foi um dos melhores que esta terra já teve. Mesmo tão tarde quanto 25 a.C, ele sacrificou riqueza pessoal significativa para importar grandes quantidades de grãos do Egito, a fim de combater uma fome que estava espalhando miséria por todo o país.

Apesar disso e de tudo o que fez por Israel, Herodes é visto com antipatia pelos judeus, por ter sido um soberano pró-romano, pró-grego e, sobretudo, porque sua origem judaica foi questionada: Herodes descendia do lado paterno de Antípatro (o defensor de Cássio), que ele próprio descendente de idumeus (ou edomitas) forçados a se converter ao judaísmo quando João Hircano, um rei asmoneu, conquistou a Idumeia (ou Edom) por volta de 135 a.C. Por parte de mãe descendia de árabes, quando a transmissão da condição judaica era matrilinear.

Portanto, embora Herodes se identificasse como judeu e fosse considerado judeu pela maioria das autoridades, as massas do povo judeu, principalmente as mais ortodoxas, desconfiavam sistematicamente do rei, principalmente diante do estilo de vida opulento e luxuoso que ele impunha à sua corte, e tinham por ele um desprezo talvez comparável ao que os espanhóis do século XVI sentiam pelos marranos ou judeus convertidos ao cristianismo.

Devido à sua educação e às suas inclinações greco-romanas, é mais provável que este rei se sentisse não-judeu, embora sem dúvida quisesse agradar aos judeus e ser um soberano eficaz pelo que lhe trazia. Mais racional do que seus súditos fundamentalistas, ele entendeu que irritar Roma não era um bom negócio.

Herodes deu a Israel um esplendor que nunca havia conhecido, nem mesmo sob Davi ou Salomão. Ele embelezou Jerusalém com arquitetura e escultura helenística, realizou um ambicioso programa de obras públicas e, em 19 a.C, demoliu e reconstruiu o próprio templo de Jerusalém, considerando-o muito pequeno e medíocre. Isso enfureceu os judeus, que odiavam Herodes como protegido dos romanos, a quem odiavam ainda mais cordialmente. Sem dúvida, os setores mais ortodoxos do judaísmo estavam satisfeitos com o templo como estava, e devem ter se ressentido de sua conversão em um edifício de aparência mais romana (especialmente quando o rei ordenou que a entrada fosse decorada com uma águia imperial dourada)[6].

Figura 14 — Mapa do reino de Herodes

Fonte - Europa Soberana (2013)

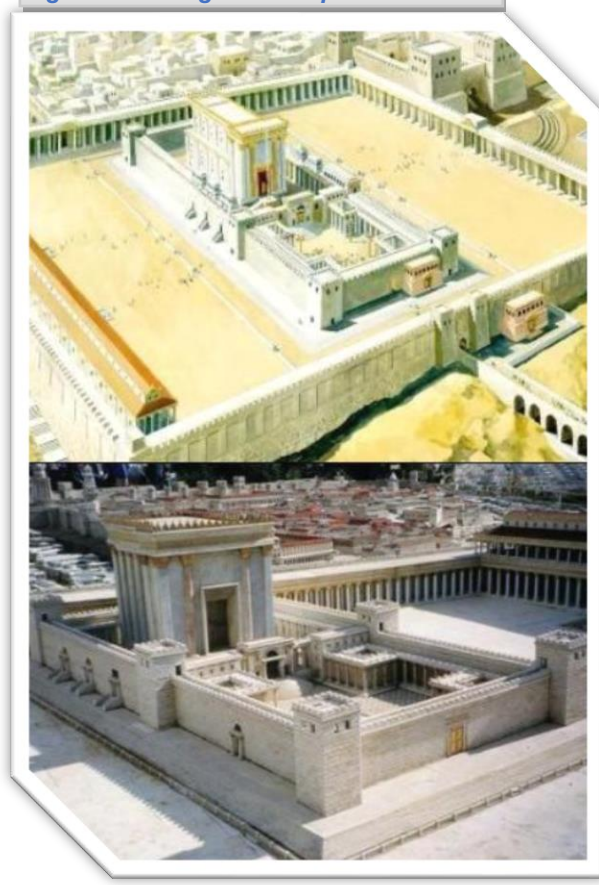
Este mapa do reinado de Herodes dá uma ideia da magnitude de suas obras. Destacam-se a construção de Cesareia, Séforis (perto de Nazaré) e as fortalezas de Massada (de frente para o Mar Morto) e Herodion (perto de Belém), bem como a reconstrução de Samaria com o nome de Sebaste, num claro gesto de reverência ao imperador Romano (Sebastos é Augusto em grego). Ele também construiu pontes, aquedutos e outras inovações de origem romana. Para financiar tudo isso, ele aumentou os impostos, o que o tornou antipático aos olhos do povo judeu, relutante em apreciar como seu país estava melhorando.

Herodes estava continuamente envolvido em conspirações de sua família, muitos dos quais (incluindo sua própria esposa e dois de seus filhos) foram executados a seu pedido. Com o amadurecimento, a doença tomou conta do soberano, que sofria de úlceras e convulsões. Ele morreu em 4 a.C, com a idade de 69 anos. Com

[6]Paradoxalmente, os judeus mais tarde lamentariam a destruição deste mesmo templo nas mãos dos romanos.

o tempo, foi dito que ele "subiu ao trono como uma raposa, governou como um tigre e morreu como um cachorro".

O primeiro templo em Jerusalém era um edifício bastante pobre, como vimos no início. O segundo, semelhante ao primeiro, foi construído sob a proteção do imperador persa Ciro, o Grande, em 515 a.C. Zorobabel, Esdras e Neemias ajudaram a reconstruir Jerusalém após seu retorno do exílio babilônico (os babilônios arrasaram o primeiro templo em 586 a.C e deportaram a elite judaica para a Babilônia, em um processo chamado de "exílio babilônico").

Figura 15 — Segundo templo de Salomão

Fonte - Europa Soberana (2013)

Os persas, gratos aos judeus por terem ficado do lado deles ao trair seus mestres babilônicos, forneceram aos judeus matérias-primas, arquitetos e trabalhadores qualificados para realizar a construção [do segundo templo], já que os judeus não tinham os meios para erguer um templo adequado. Quando o imperador Dario sucedeu a Ciro no trono, as obras continuaram sob seu comando, acalmando o temor dos judeus de que talvez com a mudança da coroa houvesse uma mudança de atitude para com eles.

Em 516 a.C, a reconstrução do Segundo Templo foi concluída e em 515 a.C houve uma consagração. Os persas trataram os judeus com verdadeira generosidade. No entanto, os judeus logo os apunhalariam pelas costas, como aconteceu por volta de 450 a.C com o episódio de Ester e Hamã, em que os judeus se levantaram para massacrar seus inimigos políticos persas, que é celebrado até hoje no festival de Purim. Quando Alexandre, o Grande, invadiu a Pérsia no século 4 a.C, os judeus fizeram com os persas o mesmo que fizeram com os babilônios: traíram-nos para ganhar o favor do novo invasor, que, por sua vez, eles logo trairiam. Talvez se possa dizer que os romanos foram os primeiros a quebrar esse círculo vicioso.

No ano 19 AEC, Herodes começou a renová-lo e ampliá-lo, para o qual demoliu o templo, erguendo, sob proteção romana, um novo muito mais grandioso, embora continuasse a ser chamado de "segundo templo" (o templo para esclarecer). Embora os judeus odiassem Herodes, a verdade é que ele deu ao templo um tamanho e esplendor que nem o ocultista Salomão nem Zorobabel poderiam ter imaginado.

Naquele mesmo ano de 4 AEC, dois fariseus judeus chamados Zadok (ou Sadoq) e Judas, o Galileu (também chamado João de Gamala) apelaram para não pagar tributo a Roma. Houve uma revolta farisaica, e os rabinos ordenaram a destruição da imagem "idólatra" da águia imperial que Herodes havia colocado na entrada do templo em Jerusalém. Herodes Arquelau (filho de Herodes) e Varo (um líder romano) reprimiram a revolta duramente e quase 3.000 judeus foram crucificados. Pensa-se que talvez esta primeira revolta seja a origem do movimento Zealot (Zelotes), sobre o qual falaremos em breve.

Arquelau, apesar de ter sido proclamado rei pelo seu exército, não assume o título até que, em Roma, depois de ter prestado homenagem a César Augusto, foi feito etnarca da Judeia, Samaria e Idumeia, apesar dos judeus romanos, Arquelau é mencionado no Evangelho de Mateus, pois Yosef, Miriã e Yahshua (conhecidos como José, Maria e Jesus) fugiram para o Egito para evitar o Massacre dos Inocentes (supostamente, Herodes Arquelau ordenou naquele ano a execução de todos os primogênitos de Belém, pois foi profetizado que um nascido em Belém se declararia o Messias dos judeus), e eles estavam com medo de voltar para a Judeia quando souberam que Arquelau sucedera seu pai.

Figura 16 — Roma no ano 1 d. C

Fonte - Europa Soberana (2013)

Na figura 16 mostra o Império Romano no ano do nascimento de Jesus Cristo. Herodes Arquelau é o governante da Judeia, na verdade um fantoche de Roma.

Cinco anos depois, a Judeia se tornaria uma província romana. A cidade de Roma tem 1,3 milhão de habitantes, dos quais mais da metade são escravos.

No ano 6 EC, após queixas dos judeus, Augusto depõe Arquelau, enviando-o para a Gália. Samaria, Judeia e Idumeia são formalmente anexadas como província do Império Romano, com o nome de Judeia. Os judeus passaram a ser governados por "procuradores" romanos, uma espécie de governadores que tinham que manter a paz, romanizar a área e exercer a política fiscal de Roma através da cobrança de impostos. Eles também se arrogavam o direito de nomear o sumo sacerdote de sua escolha.

Os judeus odiavam os reis fantoches, apesar de terem imposto a ordem, desenvolvido a área e, em suma, civilizado o país. Paradoxalmente, desde o início, o judaísmo também foi altamente hostil aos romanos, cuja intervenção praticamente foi suprimida. Agora, além do tributo do templo, eles também tinham que pagar tributo a César – e, por tradição, dinheiro não era algo que os judeus esbanjavam alegremente. Nesse mesmo ano 6, o cônsul Quirino chega à Síria para fazer um censo em nome de Roma, com o objetivo de estabelecer impostos. Como a Judeia havia sido anexada à Síria, Quirino incluiu os judeus no censo. Como resultado disso e da nova irrupção da cultura europeia na área, floresceu o movimento terrorista fundamentalista dos zelotes.

Flávio Josefo considera os zelotes a quarta seita judaica além (do menor ao maior extremismo religioso) dos essênios, dos saduceus e dos fariseus. Os zelotes eram os mais fundamentalistas de todos, recusavam-se a pagar impostos ao Império Romano e, para eles, todas as outras facções judaicas eram heréticas; qualquer judeu que colaborasse minimamente com as autoridades romanas era culpado de traição e deveria ser executado. A luta armada, a militarização do povo judeu e a expulsão dos romanos eram a única forma de alcançar a redenção de Sião. O apóstolo Simão, um dos discípulos de Jesus Cristo, pertencia a esta facção segundo a Bíblia (Novo Testamento, Evangelho de Lucas, 6:15).

Dentro dos zelotes, distinguiam-se os sicários ou sicarius, uma facção ainda mais fanatizada, sectária e radicalizada, batizada com o nome da sica, um punhal que podia ser facilmente escondido, e que usavam para assassinar seus inimigos. Os fanáticos e os assassinos formariam o núcleo duro da Grande Revolta Judaica, que veremos em outro capítulo. Eles também eram o elemento mais ativo no judaísmo da época, pois é provável que a maioria dos judeus da época, embora detes-

tasse cordialmente gregos e romanos, simplesmente quisesse viver e enriquecer em paz, fazendo acordos com quem quisesse, caso fosse necessário para isso.

Como poderia ser de outra forma, os assassinos e os fanáticos também lutavam com frequência. E é que havia um total de 24 facções judaicas que geralmente lutavam umas contra as outras, em um quadro muito representativo do que os rabinos chamavam de sinat chinam (ou seja, "ódio sem sentido", de judeu contra judeu - talvez porque saiba que odiar não-judeus faz sentido) — e talvez melhor caricaturado no filme " A Vida de Brian".

No ano 19, com os judeus em processo de ascensão para adquirir influência na própria Roma, Tibério expulsa os judeus da cidade, instigado pelo Senado. Preocupado com a popularidade do judaísmo entre os escravos libertos, ele proíbe os ritos judaicos na capital do Império, considerando o judaísmo "um perigo para Roma" e "indigno de permanecer dentro dos muros da Urbs" (segundo Suetônio). Naquele ano, devido a uma fome na província do Egito, Tibério negou aos judeus alexandrinos reservas de grãos, pois não os considerava seus cidadãos.

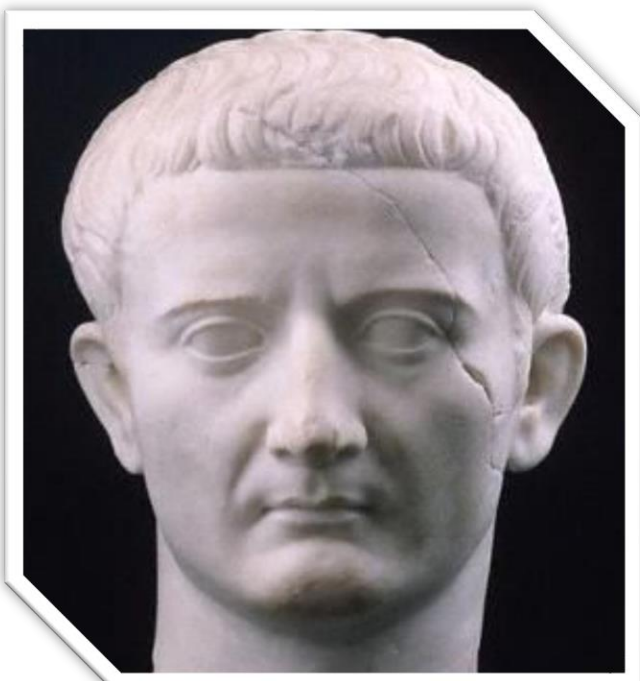



Figura 17 — Tibério

Fonte – Europa Soberana (2013)

Tibério lançou medidas antijudaicas em seu reinado, durante o qual Jesus Cristo foi executado.

Capítulo 9 – Sobre Jesus Cristo e o Nascimento do Cristianismo

"Eu farei de você uma luz para os gentios para ser minha salvação"
(Bíblia, Novo Testamento, Evangelho de Lucas, 2:3)

"Você adora o que não conhece, nós adoramos o que sabemos, porque a salvação vem dos judeus."
(Bíblia, Novo Testamento, Evangelho de São João, 4:22).

"Pois de ti, Belém, virá aquele que apascentará o meu povo de Israel."
(Bíblia, Novo Testamento, Evangelho de Mateus, 2:6).

"Chrestus, o fundador do nome, havia sofrido a pena de morte no reinado de Tibério, nas mãos de um de nossos procuradores, Pôncio Pilatos, e a perniciosa superstição parou momentaneamente, mas ressurgiu, não apenas na Judeia, a raiz da doença, mas na própria Roma."
(Tácito, Anais, Livro 15, 44, sobre a perseguição antijudaico cristã decretada pelo imperador Nero).

Vimos na seção anterior a fuga dos judeus Yosef e Miriã com seu filho Yahshuah para escapar do massacre ordenado por Herodes Arquelau. Quem eram essas pessoas? Yosef (conhecido como José), o pai, era um judeu da Casa de Davi, mas como Yosef supostamente não teve parte na gravidez da Virgem, vamos agora examinar a linhagem de Miriã (conhecida como Maria).

De acordo com o Evangelho de Lucas[7](1:5-36), esta mulher era da família de Davi e da tribo de Judá, e o anjo que lhe apareceu predisse que um filho nasceria para ela a quem Jeová "lhe dará o trono de Davi, seu pai, e ele reinará sobre a casa de Jacó." Jesus finalmente nasce em Bethlehem (Belém). No Evangelho de Mateus[8] (1:1) está associado a Abraão e Davi, e nesse mesmo evangelho (21:9), é descrito como as multidões judaicas de Jerusalém aclamam Jesus gritando "Hosana ao Filho de Davi!", sem mencionar, é claro, aos "sábios do Oriente" que visitaram o Messias

---

[7]São Lucas, o Evangelista, era um indivíduo de Antioquia, na atual Turquia.
[8]São Mateus, o Evangelista, também se chamava Levi, e era um judeu do lago da Galileia.

seguindo uma estrela e perguntando: "Onde está o rei dos judeus, que nasceu?" (Mateus, 2:1-2).

Jesus, que nunca pretendeu fundar uma nova religião, mas sim preservar o puro judaísmo ortodoxo, deixou claro que "não vim abolir a Lei (de Moisés, a Torá), mas cumpri-la" e, enfurecido ao ver que o templo de Jerusalém estava sendo profanado por mercadores, ele os expulsou. Este agitador judeu, como um aiatolá, não hesitou em confrontar - com a autoridade que ser chamado de rabino lhe deu - ao resto das facções judaicas de seu tempo, especialmente os fariseus ("ai de vós, escribas e fariseus"), dizendo que "aquele que não está comigo está contra mim" (Evangelho de Lucas, 14:23).

Jesus cercou-se de um círculo de discípulos entre os quais podemos destacar o já mencionado Simão, o Zelote, Bartolomeu Natanael (de quem o próprio Jesus Cristo diz no Evangelho de João, 1:47, "eis um verdadeiro israelita"), o mencionado São Mateus, Judas Iscariotes (que o traiu aos fariseus por dinheiro) e, embora não haja tantos sinais dos outros, é preciso lembrar que, até a viagem de São Paulo (também judeu) algum tempo após a morte de Jesus, para ser cristão era essencial ser circuncidado, ortodoxo e judeu praticante.

Que a doutrina de Jesus foi dirigida aos judeus, isso fica claro no Evangelho de Mateus, Capítulo 10, quando ele diz aos 12 apóstolos: "não sigais o caminho dos gentios, mas somente as ovelhas perdidas de Israel". A frase implica reunir de volta ao colo ortodoxo aqueles judeus que se desviaram da Lei de Moisés - e é que "se você acreditasse em Moisés, acreditaria em mim" (Evangelho de São João, 5:46).

No ano 26, Tibério, que havia expulsado os judeus de Roma sete anos antes e estava no auge do período antissemita de seu reinado, nomeou Pôncio Pilatos como procurador da Judeia (um hispânico nascido em Tarragona ou Astorga, e o único personagem decente do Novo Testamento de acordo com Nietzsche). Após o incidente com as bandeiras de Pompeu, os judeus haviam conseguido dos imperadores anteriores a autorização para que os romanos não entrassem em Jerusalém com as bandeiras de Roma, mas Pilatos desfila pela cidade, ostentando no alto as bandeiras com a imagem do imperador. Ele também colocou os escudos de ouro na residência do governador e usou o dinheiro do templo judaico para construir um aqueduto para Jerusalém (transportando água a uma distância de 40 km), provocaram uma reação raivosa dos judeus. Para reprimir a insurreição, Pilatos infiltrou sol-

dados na multidão e, quando visitou a cidade, deu um sinal para que os legionários infiltrados desembainhassem suas espadas e começassem um massacre.

No ano 33, depois de várias brigas entre os ortodoxos de Jesus Cristo e facções rivais — particularmente com os fariseus, que então detinham o poder religioso e observavam com desconforto o surgimento de uma nova facção vigorosa —, Pôncio Pilatos ordena a punição de Jesus Cristo, a mando dos fariseus. Jesus é açoitado, e os legionários romanos, que deviam ter um senso de humor um tanto macabro e que sabiam que Yahshua se proclamou Messias e filho de Yahweh (Jeová), puseram uma coroa de espinhos e uma cana em sua mão direita e gritaram com sarcasmo "Salve, Rei dos Judeus!" (Mateus 27:26-31 e Marcos 15:15-20). Ao crucificá-lo, colocaram na cabeceira da cruz a inscrição I.N.R.I. (IESVS NAZARENVS REX IVDAEORVM: Jesus Nazareno - Rei dos Judeus).

Figura 18 — Crucificação de Jesus de Nazaré

Fonte: depositphotos (2009).

Yahshuah de Nazaret, conhecido pela posteridade como Jesus Cristo, foi um dos muitos agitadores judeus na Judeia durante a convulsiva ocupação romana. Executado por volta do ano 33 durante o reinado de Tibério, sua figura seria tomada por Saulo de Tarso (vulgo São Paulo), ironicamente, um fariseu judeu, maravilhado com o poder de subversão contido na seita fundada por Jesus.

Jesus foi, então, um dos muitos pregadores judeus que, antes dele e depois dele, se proclamaram Messias, só que, no seu caso, o fariseu judeu Saulo de Tarso (que nasceu onde fica a atual Turquia) logo o chamaria de Mashiach, ou Khristós, que vem a ser o equivalente grego a "Messias". Mudando seu nome para Paulo, ele pregou a figura de "Cristo", indissociavelmente ligada à rebelião contra Roma, por todo o Império, decidindo que o cristianismo deveria se espalhar fora de seu estreito círculo judaico e introduzido em Roma como uma doutrina de agitação e subversão contra a autoridade do imperador.

Capítulo 10 – Calígula

Em 38, Calígula, sucessor de Tibério, envia seu amigo Herodes Agripa I à conturbada cidade de Alexandria para vigiar Aulus Avilius Flaccus, prefeito do Egito, que não gozava exatamente da confiança do imperador e que — segundo o filósofo judeu Fílon de Alexandria ("Contra Flaccus") - era um verdadeiro vilão. A chegada de Agripa a Alexandria foi recebida com grande protesto pela comunidade grega, pois pensavam que ele viria proclamar-se rei dos judeus. Ele foi insultado por uma multidão, e Flaccus não fez nada para punir os infratores, apesar de o ofendido ser um enviado do imperador. Isso encorajou os gregos a exigir que as estátuas de Calígula fossem colocadas nas sinagogas, como uma provocação aos judeus. Para apaziguar os ânimos dos gregos e egípcios e agradar ao imperador - um dos emissários [judeus] acabou sendo insultado —, Flaccus colocou estátuas de Calígula nas sinagogas da região, que não eram poucas.

Figura 19 — Calígula, Imperador Romano

Fonte - Europa Soberana (2013)

Esse simples ato parecia ser o sinal de uma revolta: os gregos e os egípcios atacaram as sinagogas e as incendiaram. Os judeus foram expulsos de suas casas, que foram saqueadas, e a partir de então foram segregados em um gueto do qual não podiam sair, pois eram apedrejados, espancados ou queimados vivos, enquanto outros acabavam na areia para servir de alimento às feras, naqueles espetáculos circenses macabros tão comuns no mundo romano. De acordo com Filón, Flaccus também não fez nada para evitar esses tumultos e assassinatos, e até os apoiou, assim como o egípcio Apião, que vimos criticando os judeus no capítulo dedicado ao antissemitismo helenístico.

Para comemorar o aniversário do imperador (31 de agosto, um Shabat), membros do conselho judaico foram presos e açoitados no teatro; outros foram cru-

cificados. À medida que os judeus reagiram, os soldados romanos retaliaram saqueando e queimando milhares de casas judaicas, profanando sinagogas e matando 50.000 judeus pela espada. Quando eles foram ordenados a parar o massacre, a população grega local, inflamada por Apião (não surpreendentemente, Flavio Josefo tem uma obra chamada "Contra Apião") continuou a se revoltar. Desesperados, os judeus enviaram Filón a Alexandria para discutir com as autoridades romanas. O filósofo judeu Filón escreveu um texto intitulado "Contra Flaccus" e, juntamente com o relatório certamente negativo que Agripa havia dado a Calígula, o governador [Flaccus] foi executado.

Após esses eventos, as coisas se acalmaram e os judeus não sofreram violência desde que permanecessem dentro dos limites de seu gueto. No entanto, embora o sucessor de Flaccus tenha permitido aos judeus alexandrinos dar sua versão dos acontecimentos, no ano 40 houve novamente distúrbios entre os judeus (que ficaram indignados com a construção de um altar) e os gregos, que acusaram os judeus de se recusarem a adorar o imperador. Os judeus religiosos ordenaram que o altar fosse destruído e, em represália, Calígula tomou uma decisão que realmente mostrou o quão pouco conhecia o judaísmo: ordenou que uma estátua sua fosse colocada no templo de Jerusalém. E é que, segundo Filón, Calígula "considerava a maioria dos judeus desconfiados, como se fossem os únicos que quisessem se opor a ele" ("Da embaixada a Caio e Flaccus"). Públio Petrônio, governador da Síria, que conhecia bem os judeus e temia a possibilidade de uma guerra civil, tentou adiar a instalação da estátua o máximo possível, até que Agripa convenceu Calígula de que era uma má decisão.

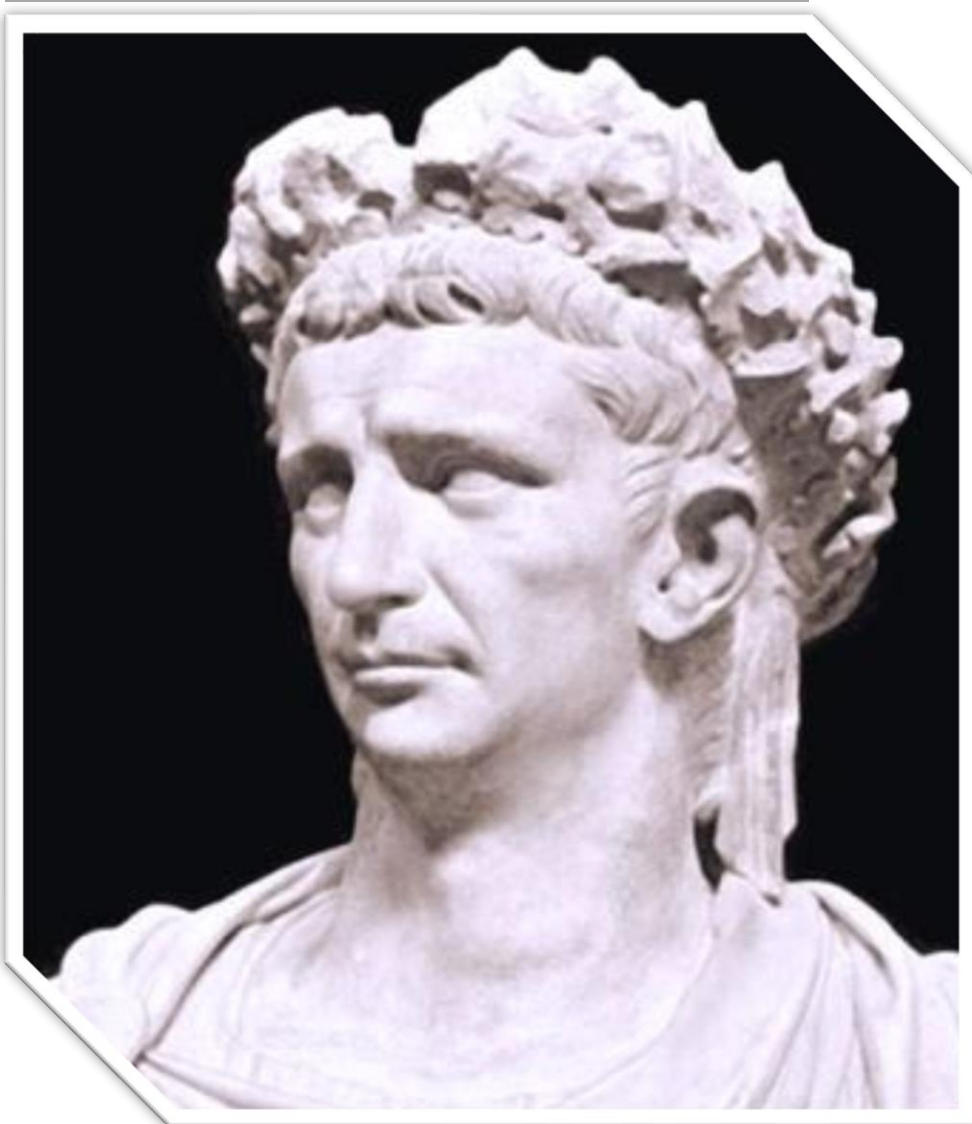
Em 41, Calígula, que já prometia ser um imperador antijudaico, foi assassinado[9] em Roma, o que desencadeou a violência de seus guarda-costas alemães, que não conseguiram impedir sua morte e que, por seu senso peculiar de fidelidade, tentaram vingá-lo matando numerosos conspiradores, senadores e até inocentes espectadores que tiveram a infelicidade de estar no lugar errado na hora errada. Cláu-

[9]Aqui está a causa provável da difamação histórica sem precedentes deste imperador. Os textos da história romana acabariam caindo nas mãos dos cristãos, que eram em sua maioria de origem judaica e detestavam visceralmente os imperadores. Como Trotskista Orwell dizia, "aquele que controla o passado controla o presente", os cristãos corromperam a historiografia romana, transformando os imperadores que se opuseram a eles e seus ancestrais judeus em monstros enlouquecidos. Assim, não temos um único imperador romano que tenha participado de duras represálias judaicas e que não tenha sido manchado com acusações falsas de homossexualidade, crueldade ou perversão. O historiador Roldán Hervás desmantelou boa parte dessas falsas acusações contra a figura histórica de Calígula.

dio, tio de Calígula, conseguiu estabelecer-se como senhor da situação e, após ser nomeado imperador pela Guarda Pretoriana, ordenou a execução dos assassinos de seu sobrinho, muitos dos quais eram magistrados políticos que queriam restabelecer a República.

Capítulo 11 – Cláudio e Nero

No ano 49, Cláudio, que estava farto do conflituoso lobby judaico alexandrino, proibiu "apresentar ou convidar os judeus que navegam para Alexandria da Síria ou do Egito, obrigando-me a ter a maior suspeita; caso contrário, certamente me vingarei deles por fomentar uma praga universal sobre o mundo inteiro".

Figura 20 — Tibério Cláudio César Augusto Germânico

Fonte - Europa Soberana (2013)

Da mesma forma, Cláudio expulsou todos os judeus de Roma em 50 d.C (aparentemente, de acordo com Suetônio, "eles agiram incessantemente por instigação de Chrestus") e, como Pontífice Máximo, tentou conter a disseminação de cultos orientais, incluindo o cristianismo e Judaísmo, pelo Império.

Figura 21 — Mapa do Império Romano no ano 50 d.C

Fonte - Europa Soberana (2013)

No Ano 50, a Judeia fazia parte do Império Romano, mas sua romanização nunca se concretizará, pelo contrário, antes que a própria judaização de Roma seja alcançada.

A esposa de Nero, uma prostituta ociosa chamada Popeia Sabina, simpatizava abertamente com os judeus e cristãos, tramando pelas costas do imperador para favorecê-los. Assim, por exemplo, por mediação de Popeia Sabina, foi libertado o próprio Flávio Josefo, que havia sido enviado a Roma para negociar melhores condições para seu povo. O ministro romano Sexto Afrânio Burro foi assassinado em 62 d.C por ordem de Popeia Sabina, ou talvez por judeus, depois que ele lhes negou a cidadania romana na Grécia. O imperador, cansado de ter a conspiração perto de si, mandou executar sua esposa.

A versão "oficial" é que ele a chutou na barriga enquanto ela estava grávida, o problema é que quem divulgou essa versão tinha uma forte inimizade com o imperador, por isso deve ser tomada com cautela. Seguiu-se uma sangrenta repressão romana contra judeus e cristãos, na qual caíram "revolucionários" judeus como São Paulo ou São Pedro. Esta execução de figuras-chave do movimento estratégico ju-

daico para apodrecer as fundações romanas, juntamente com alguns outros fatores, seria o gatilho para uma revolta judaica massiva posteriormente.

Em 64, Nero envia Géssio Floro como procurador para a província da Judeia. O historiador Flavio Josefo culpa Floro por absolutamente todas as revoltas que ocorreram na região, mas a verdade é que, como vimos, não começaram com ele — e, sendo judeu e saduceu, as obras de Flavio Josefo deve ser sempre lido com cautela (por exemplo, ele tem um escrito chamado "Contra os gregos", no qual defende o judaísmo).

Em Cesareia (ver mapa do reino de Herodes), um judeu helenístico sacrificou vários pássaros em frente à sinagoga, que, na mentalidade judaica tradicional, "contaminaram" o edifício, como já vimos várias vezes. Com esse precedente, mas com uma longa história de hostilidade anterior, as comunidades grega e judaica de Cesareia se envolveram em uma disputa legal na qual, com mediação romana, os gregos venceram. A conselho de Géssio Floro, Nero revogou a cidadania dos judeus da cidade - deixando-os à mercê da população grega altamente antijudaica.

Os gregos logo lançaram um enorme pogrom durante o qual massacraram milhares de judeus. Floro e os militares romanos (que logicamente se identificavam com os gregos e não com os judeus, e que talvez até planejassem usar os gregos como vanguarda da limpeza étnica na área) não intervieram para proteger o bairro judeu ou pacificar a cidade, permitindo que judeus fossem assassinados e sinagogas fossem profanadas a bombordo e estibordo. De acordo com Josefo, quando os rabinos levaram os pergaminhos sagrados para salvá-los de serem queimados, Floro ordenou que fossem jogados em masmorras. Isso foi demais para um grupo tão coeso quanto os judeus, e eles reagiram com mais violência, o que só intensificou o pogrom e fez com que ele se espalhasse para outras cidades, com posterior retaliação romana.

Assim, Jerusalém começou a se encher de refugiados judeus de Cesareia e de outras áreas cujas casas haviam sido queimadas e cujas propriedades haviam sido confiscadas pelos romanos, clamando por vingança e exalando ressentimento por todos os poros. O massacre dos judeus em Cesareia acabou sendo o estopim de uma grande guerra que vinha se formando há muito tempo.

No final desse capítulo, focamos em uma repressão antissemita (antijudaica e anticristã) que o imperador romano Nero ordenou nos anos 62 e 64. Agora vamos ver como todos os eventos anteriores levaram a uma escalada de violência étnica,

que mostraremos na próxima parte o desencadeamento de três imensas guerras nas quais, pela primeira vez, veremos a erradicação das comunidades étnicas gregas da Ásia Menor e do Norte da África nas mãos das revoltas judaicas.

PARTE II – AS GUERRAS JUDAICO-ROMANAS

Capítulo 1 – Primeira Guerra Judaico-Romana (66-73 EC)

"O Oriente quer se levantar e Judas quer tomar posse do domínio mundial."
(Tácito)

No ano 66, Floro chegou a Jerusalém, onde exigiu um tributo de dezessete talentos do tesouro do templo. Eleazar ben Ananias, filho do sumo sacerdote, reagiu cessando orações e sacrifícios em homenagem ao imperador de Roma, e ordenou que a guarnição romana fosse atacada. Floro respondeu matando cerca de 3.600 judeus, saqueando mercados, invadindo casas, prendendo muitos dos líderes judeus, açoitando-os em público e crucificando-os.

No dia seguinte, porém, a concentração de judeus aumentou. O barril de pólvora estava prestes a explodir.

Em 8 de agosto de 66 EC, os zelotes e os sicários deram um golpe rápido em Jerusalém: assassinaram o destacamento romano e mataram todos os gregos à espada. De forma sincronizada, os judeus de todas as províncias e colônias romanas se levantaram. Em Jerusalém foi formado um conselho que enviou 60 emissários por todo o Império, com a tarefa de levantar os vários bairros judaicos. Cada um desses emissários se declarou o Messias e proclamou o início de uma espécie de "nova ordem". Herodes Agripa II, etnarca da Judeia, tendo em vista que as massas populares estavam a todo vapor, optou por pegar suas malas e deixar a província por muito tempo.

O efeito disso foi o retorno das revoltas judaicas e, como reação, mais pogroms antijudaicos em Cesareia, Damasco e Alexandria, sem contar a intervenção das legiões romanas, que reprimiram duramente as judiarias das cidades mencionadas e também em Ashkelon, Hippos, Tiro e Tolomaida (veja os mapas do capítulo anterior). Os setores judaicos mais moderados e sensatos aconselhavam a pressa para chegar a um acordo com Roma, mas o critério que ia prevalecer na liderança do judaísmo era o dos assassinos e fanáticos, que fanatizados juravam lutar até a morte, entrincheirando-se nas fortalezas inexpugnáveis de Jerusalém, fortificando as muralhas da cidade e mobilizando toda a população.

Sob as ordens de Nero, Gaius Cestius Gallus, o legado romano na Síria, concentrou tropas em Acre (local que muitos séculos depois seria um importante centro

estratégico para os cruzados europeus) com o objetivo de marchar sobre Jerusalém, devastando as populações judaicas que ele havia encontrado em seu caminho e esmagar a revolta. Gallus tomou a cidade de Jope, matando 8.400 judeus (depois os refugiados se reagrupariam na cidade e se envolveriam em banditismo e pirataria, trazendo sobre si uma segunda intervenção romana, na qual a cidade seria definitivamente arrasada e se matariam outros 2.400 judeus).

Tendo se deparado com as fortes fortificações de Jerusalém, as forças de Gallus se retiraram, apenas para serem interceptadas por judeus fanáticos em uma emboscada liderada por elementos dos zelotes e sicários, que massacraram 6.000 romanos no mesmo local onde os macabeus haviam derrotado os macedônios séculos antes. Os judeus, movidos pela repetição simbólica do acontecimento, formaram um governo liderado pelos elementos mais fundamentalistas, e cunharam moedas com a inscrição "Liberdade de Sião".

Este trágico desastre inicial sem dúvida fez com que as autoridades romanas levassem mais a sério suas operações para reprimir a rebelião. Nero colocou o general Tito Flávio Vespasiano no comando da repressão. Com quatro legiões (a V Macedônica, a X Fretensis, a XII Fulminata e a XV Apollinaris, num total de 70.000 soldados, ou seja, uma força formidável, embora enfrentasse um inimigo muito superior em número), Vespasiano reprimiu a revolta judaica no norte da província, reconquistando a Galileia em 67 (capturando Flávio Josefo, o famoso futuro historiador) e Samaria e Idumeia em 68. Os líderes judeus João de Giscala (fanático) e Simon ben Giora (matador de aluguel) fugiram para a cidade fortificada de Jerusalém.

Figura 22 — Tito Flávio Vespasiano

Fonte - Europa Soberana (2013)

1.1 – Distúrbios étnicos no Egito

Em Alexandria, os gregos organizaram uma assembleia pública no anfiteatro para enviar uma embaixada ao imperador. Os judeus, que estavam interessados em

negociar com Nero, vieram em grande multidão e, assim que os gregos os viram, começaram a gritar, chamaram-nos de seus inimigos, acusaram-nos de serem espiões, correram em direção a eles e os atacaram (Flavius versão Josefo). Outros judeus foram mortos enquanto fugiam, e três foram apreendidos e queimados vivos. O resto dos judeus logo chegou para defender seus correligionários, começando a atirar pedras nos gregos e depois ameaçando incendiar o anfiteatro.

Tibério Júlio Alexandre, o governador da cidade, tentou convencer os judeus a não provocarem o exército romano, mas esse conselho foi tomado como uma ameaça: os tumultos continuaram e, consequentemente, o governador, já sem paciência, introduziu duas legiões na cidade (a III Cyrenaica e a XXII Deiotariana) para punir os judeus. As legiões receberam carta branca para matar os judeus e também saquear suas propriedades, então os soldados entraram no gueto e, segundo fontes judaicas, queimaram casas com judeus dentro, matando também mulheres, crianças e idosos até que todo o bairro fosse cheio de sangue e 50.000 pessoas jaziam mortas.

Os sobreviventes desesperados imploraram misericórdia a Alexandre, e o governador teve pena deles. Ele ordenou que as legiões parassem com a matança, e elas obedeceram imediatamente. Alexandre mais tarde participaria do cerco de Jerusalém.

1.2 – Queda de Jerusalém: a destruição do Segundo Templo

Nesse mesmo ano de 68, Nero foi assassinado em Roma e eclodiu uma guerra civil. Todo o Império Romano estava sob controle. Por um lado, as enormes massas judaicas, a todo vapor, desafiaram seu poder na Judeia e, por outro, o fizeram dentro da própria Roma. Se o poder romano no Oriente vacilasse, os *Partos* poderiam ter aproveitado rapidamente para conquistar a Ásia Menor e se fortalecer na área, o que teria sido uma enorme catástrofe para Roma. O governo estava cambaleando suavemente, mas Vespasiano voltou a Roma e lutou contra Vitélio, que afirmava ser o sucessor de Nero. Depois de derrotá-lo, Vespasiano foi nomeado imperador e confiou a seu filho Tito as operações militares de repressão e o cerco da capital judaica.

O filho de Vespasiano era o general Tito. Enquanto seu pai foi a Roma para tomar o trono de um homem gordo, ele, aos 26 anos, ficou encarregado da repressão antissemita na Judeia.

Figura 23 — Tito Flávio César Vespasiano Augusto

Fonte - Europa Soberana (2013)

Tito cercou Jerusalém com as quatro legiões, cortando o abastecimento de comida e água. Da mesma forma, ele aumentou as pressões sobre as necessidades da cidade, permitindo que os peregrinos entrassem para celebrar a Páscoa (a Páscoa judaica) e impedindo-os de sair. Na Jerusalém sitiada, a fome e as epidemias ceifaram milhares e milhares de vidas. Os judeus que constituíam o núcleo duro da rebelião — zelotes e sicarios — derrubaram os pacifistas ou "contrarrevolucionários" suspeitos de não concordar com a causa sionista, ou de buscar um entendimento com Roma para obter condições favoráveis para seu povo. Segundo algumas passagens do mesmo no Talmude, os assassinos e fanáticos (líderes como Menahem ben Jair, Eleazar ben Jair e Simon Bar Giora) chegaram a cometer atrocidades contra a população civil judaica, impedindo-os inclusive de receber alimentos, para forçá-los a ser obediente e se comprometer com sua causa.

Os defensores que constituíam o elemento ativo da resistência deviam ser em torno de 60.000 homens, divididos em zelotes (sob o comando de Eleazar ben Simón, ocupando a fortaleza Antônia e o templo) os sicarios (sob o comando de Bar Giora, centrados na cidade alta), e os idumeus e outros (sob o comando de João de Giscala). Havia uma rivalidade aberta entre as facções em guerra, que irrompiam de tempos em tempos em combate aberto. A população da Jerusalém fortificada ultrapassou três milhões de pessoas, a maioria das quais estava pronta para lutar, esperando que seu Deus [Jeová] lhes desse uma mão contra os infiéis.

Enquanto os romanos atacavam repetidamente as fortificações com imensas baixas de sua parte, os zelotes saíam de tempos em tempos das muralhas para fazer incursões nas quais conseguiam matar soldados romanos desavisados. Depois

de uma dessas ações, Tito, em uma tática muito óbvia de intimidação, mandou implantar seu exército aos pés da cidade em sua totalidade, com o objetivo de intimidar e desesperar os sitiados, e recorreu a Flávio Josefo, que gritou aos sitiados coisas bastante razoáveis, como "Deus, que faz o Império passar de uma nação para outra, está agora com a Itália" ou "nosso povo não recebeu o dom das armas e, para eles, travar a guerra implicará necessariamente ser derrotado nela". Isso, aparentemente, nos ouvidos dos resistentes judeus, dominados por suas superstições e certamente esperando a qualquer momento por uma intervenção do próprio Jeová, só conseguiu inflamá-los mais, e eles atiraram uma flecha, ferindo-o no braço.

Flávio Josefo descendia de uma longa linhagem sacerdotal saduceana relacionada à dinastia asmoneana dos tempos pré-romanos. Durante a Grande Revolta Judaica, o Sinédrio o fez governador da Galileia. Depois de defender a fortaleza de Jotapata por três semanas, ele se rendeu aos romanos, que mataram quase todos os seus homens. Ele, que se escondeu em uma cisterna com outro judeu, salvou-se demonstrando seu grande treinamento e inteligência, e prevendo ao general Vespasiano sua futura nomeação como imperador de Roma. Mais tarde, ele acompanharia Tito e os romanos, que o usaram para tentar negociar com o Sinédrio.

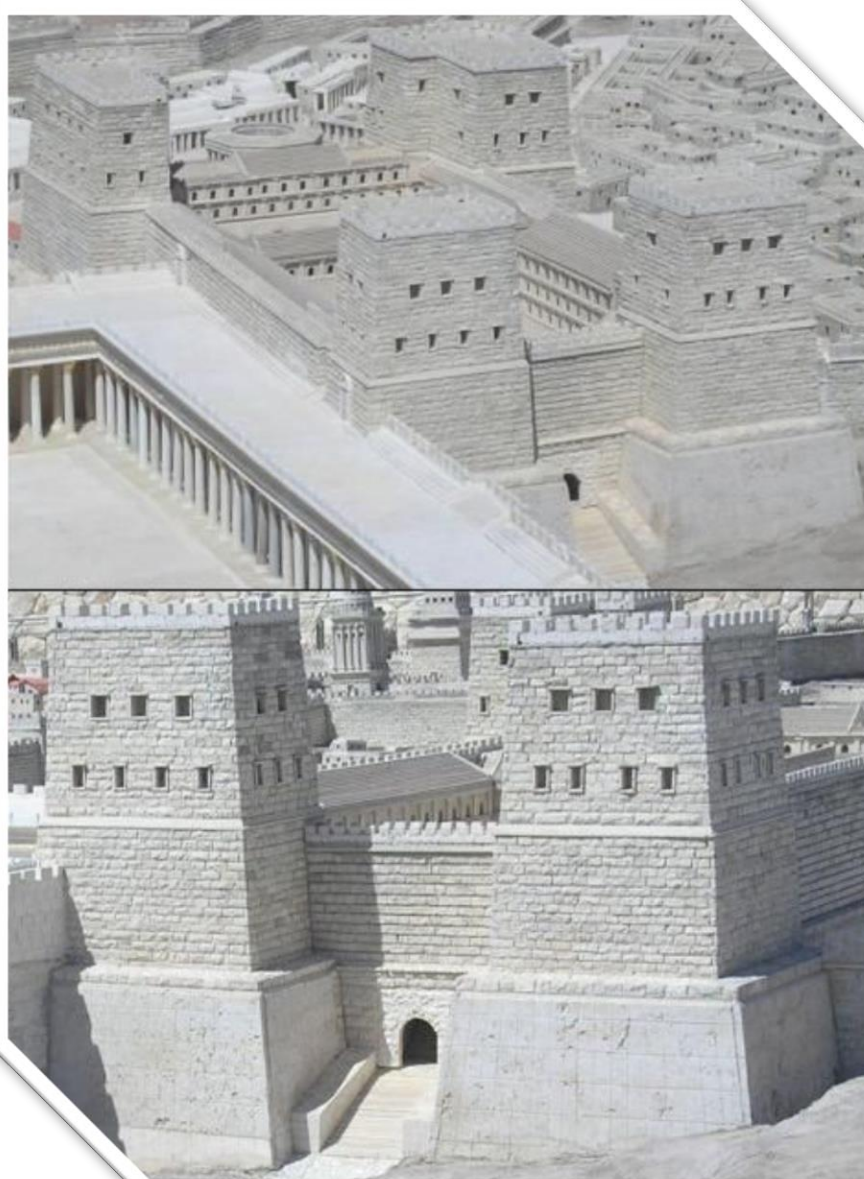
Figura 24 — Flávio Josefo

Fonte - Europa Soberana (2013)

Depois disso, os judeus lançaram outro ataque súbito no qual quase conseguiram capturar o próprio Tito. Os romanos foram treinados para confrontos frontais com exércitos inimigos, mas não estavam acostumados com a luta suja da guerra de guerrilhas, na qual o cavalheirismo de combate foi totalmente anulado. Em maio de 70, os romanos abriram com seus aríetes uma brecha na terceira muralha de Jerusalém, após o que eles também quebraram a segunda e penetraram como um enxame de vespas na cidade.

A intenção de Tito era ir para a fortaleza de Antônia, que estava ao lado do templo e constituía um ponto estratégico vital da defesa judaica, mas assim que as

tropas romanas superaram a segunda muralha, eles estavam envolvidos em violentas batalhas de rua contra os zelotes e a população civil mobilizada por eles, e que, apesar de perder milhares de homens para a superioridade do treinamento legionário na briga, eles continuaram a atacar, até que foram ordenados a recuar para o templo para evitar baixas inúteis. Josefo tentou, mais uma vez sem sucesso, negociar com as autoridades sitiadas para impedir que o banho de sangue continuasse a crescer.

Figura 25 — Fortaleza Antônia

Fonte — Europa Soberana (2013)

Os romanos tentaram várias vezes romper ou escalar as paredes da fortaleza sem sucesso. Finalmente, eles conseguiram tomá-lo em um ataque secreto, durante o qual um pequeno grupo romano massacrou silenciosamente os guardas zelotes, que estavam dormindo. A fortaleza estava cheia de legionários. Embora Tito planejasse usar a fortaleza como base para romper as paredes do templo e tomá-la, um soldado romano (de acordo com Josefo, os romanos ficaram furiosos com os judeus por seus ataques traiçoeiros) jogou uma tocha que incendiou a parede. O Segundo Templo foi arrasado e, ainda por cima, para os judeus, as chamas rapidamente se espalharam para outras áreas residenciais de Jerusalém. Vendo seu templo ser incendiado, muitos judeus cometeram suicídio, pensando que Jeová havia ficado zangado com eles, abandonando-os e enviando-lhes uma espécie de apocalipse.

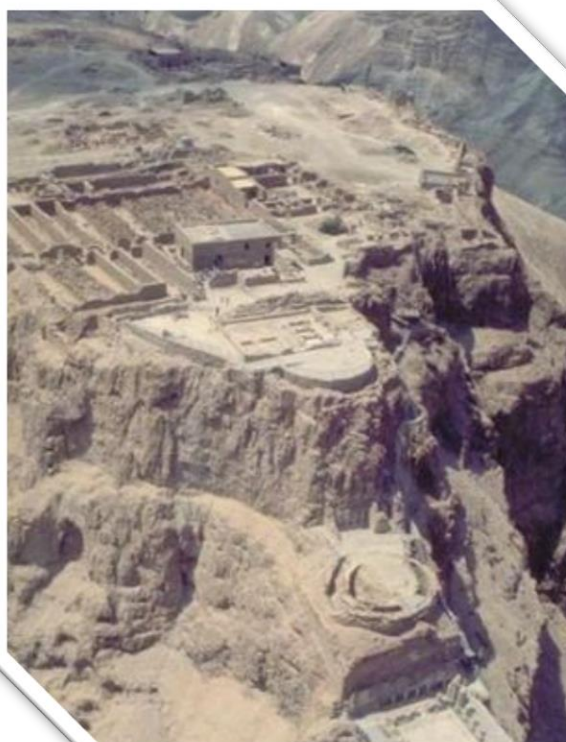
Figura 26 — "Destruição do templo de Jerusalém", Francesco Hayez

Fonte: Europa Soberana (2013)

Neste ponto, as legiões rapidamente esmagaram a resistência, enquanto alguns judeus escaparam por túneis subterrâneos, e outros, os mais fanáticos, entrincheiraram-se na cidade alta e na cidadela de Herodes. Depois de construir torres de cerco, o que restou do elemento de combate foi massacrado por *pilums* e *gladius* romanos, e a cidade ficou sob controle romano efetivo em 8 de setembro.

1.3 – Queda de Massada

Na primavera de 71, Jerusalém assegurada, Tito marchou para Roma, deixando a Legião X Fretensis (sob o comando do novo governador da Judeia, Lúcio Flávio Silva) encarregada de dar o toque final à resistência judaica. O último reduto de toda a rebelião foi a cidade fortificada de Massada, erguida pelos Macabeus em uma área estratégica. Herodes o havia melhorado em sua tentativa de manter os judeus felizes, mas quando ele morreu, seu comércio declinou e ficou desocupado. Agora hospedava o que restava do núcleo duro sionista: fanáticos e assassinos liderados por Eleazar ben Yair.

Figura 27 — Monte Massada

Fonte — Europa Soberana (2013)

No ano de 72, Silva estava ao pé de Massada. Quando, após doloroso cerco, entraram na fortaleza no ano seguinte, descobriram que os 953 defensores haviam cometido suicídio.

1.4 – Consequências da Grande Revolta Judaica

No ano 73, após sete longos anos de uma guerra incrivelmente amarga e sangrenta contra a maior potência militar do planeta, toda a Judeia foi devastada, Jerusalém reduzida a cinzas ruínas e o templo completamente destruído, exceto por uma parede que permaneceu de pé - o muro das lamentações. A Judeia tornou-se uma província separada e a Legião X Fretensis estava permanentemente acampada na capital judaica.

De acordo com fontes antigas, 1.100.000 judeus morreram durante o cerco e durante a invasão das legiões, e outros 97.000 (incluindo os líderes Simón Bar Giora e João de Giscala) foram capturados e vendidos como escravos em todo o Império Romano. Os vestígios da independência judaica e da unidade política foram pulverizados, e os judeus tornaram-se novamente um povo sem pátria.

Figura 28 — Moedas comemorativas do imperador Vespasiano

Fonte – Europa Soberana (2013)

Depois de reconquistada toda a província da Judeia, Roma cunhou moedas comemorativas nas quais aparecia o perfil do imperador Vespasiano e, na cruz, a inscrição IVDEA CAPTA (Judeia conquistada), sob a qual a Judeia era representada por uma mulher chorando.

Esta rebelião judaica estava condenada a ser uma ação kamikaze desde o início. Simplesmente, o Império Romano era uma força irresistível demais, e só o fanatismo fundamentalista, pregado por setores sociais minoritários dentro da própria judiaria, poderia arrastar todos os judeus a lutar até o fim de forma tão tenaz e obstinada a um inimigo que, afinal , era portadora de uma cultura infinitamente superior e, sobretudo, de uma forma melhor e mais eficiente de fazer as coisas. Sem dúvida, vontade e fé movem montanhas – mas, neste caso, não conseguiram milagres, mas sim a destruição de sua terra santa e o endurecimento da ocupação romana.

A data da queda de Jerusalém no ano 70 é o início da chamada Golus ou Diáspora, ou seja, a dispersão dos judeus pelo mundo. Na verdade, os judeus já eram mais numerosos fora da Judeia do que na Judeia (a maior população judaica do mundo estava em Alexandria), mas a destruição de sua capital desmantelou o centralismo judaico e fomentou ainda mais esse processo, favorecendo desenvolvimentos autônomos, os típicos apátridas sentimento e o surgimento desse cosmopolitismo característico. Vespasiano fez com que os judeus da Judeia se dispersassem por toda a Itália, Grécia e, sobretudo, Norte da África e Ásia Menor, acreditando que este era o fim do perigo judaico para o Império.

Ao retornar a Roma, o triunfante Tito rejeitou solenemente a coroa de louros do vencedor que lhe foi oferecida pelo povo romano, alegando ter cumprido a vontade divina e que “não há mérito em derrotar um povo que foi abandonado por seu próprio deus." Pouco depois, ergueram um arco triunfal, sob o qual nenhum judeu (pelo menos nenhum judeu tradicionalista) passa até hoje.

Figura 29 — Arco de Tito

Fonte - Europa Soberana (2013)

O Arco de Tito, erguido em Roma para comemorar a captura de Jerusalém, mostra legionários romanos carregando os frutos da pilhagem do templo, sem dúvida destacando a Menorá gigante.

Este é um momento chave na história judaica. Os judeus viram suas conquistas esmagadas por um orgulhoso império europeu, suas relíquias pisoteadas sob sandálias romanas e seu sacrossanto templo ardendo em chamas. Vê-lo queimado e destruído foi um grande choque para a psicologia coletiva dos judeus, enchendo os judeus de ressentimento e desejo de vingança contra o que conheciam da Europa, que eram as comunidades grega e romana.

Roma poderia facilmente ter exterminado todos os judeus na Judeia se quisesse, mas não o fez: o poder judaico parecia ter chegado ao fim. Os judeus ficaram traumatizados, seu orgulho tribal destruído. Mas, longe de neutralizá-los, esse choque psicológico em seu inconsciente coletivo alimentou desejos cruéis de vingança. Os romanos haviam deixado de pé uma parede do templo de Sião.

Capítulo 2 – Segunda Guerra Judaico-Romana (115-117)

"Os judeus, dominados por um espírito de rebelião, se levantam contra seus concidadãos gregos."

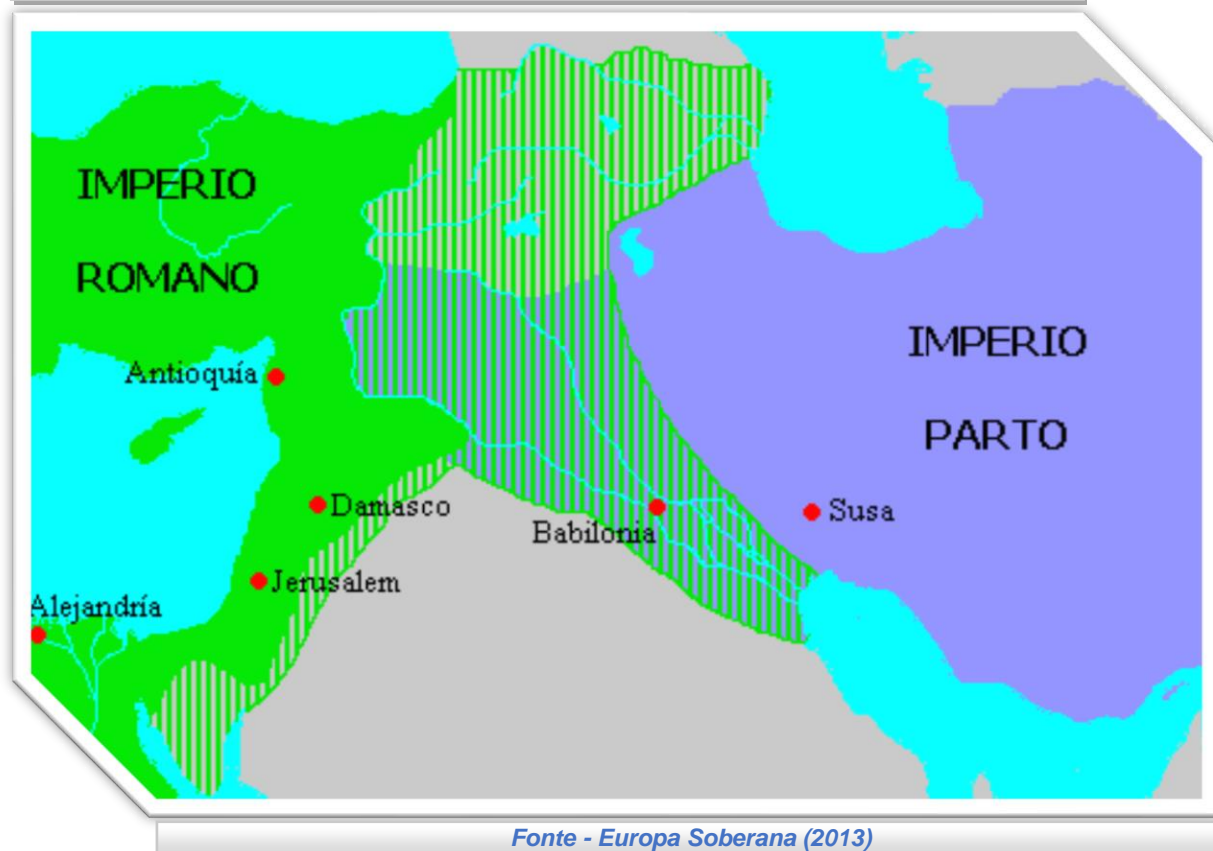
(Eusébio de Cesareia, "História Eclesiástica")

Esta seção tratará da vingança judaica contra os gregos e os romanos pela destruição do segundo templo. Enquanto Israel ainda está exausto e sob forte ocupação militar, veremos uma tentativa de estabelecer "comunas" ou Estados judeus no exterior, a partir de secessões em Chipre, Egito, Mesopotâmia e Cirenaica. A constituição desses territórios judeus incluiu o extermínio das comunidades gregas locais.

A Primeira Guerra Judaico-Romana deixou bem claro que os judeus, em "coexistência" com os gregos e sob a autoridade dos romanos, não tinham absolutamente nenhuma chance de prosperar ou atingir níveis de poder, como aconteceu no passado no Egito, na Babilônia e na Pérsia. A situação "guetizada" dos judeus submetidos a Roma contrastava radicalmente com a dos judeus que, na Mesopotâmia, eram súditos do Império Parta. Numerosas comunidades judaicas antigas existiam lá, especialmente na Babilônia e Susa, que se viam como grupos prósperos, ricos e poderosos com longas tradições.

Eles desfrutaram de vasta liberdade por seis séculos e ficaram horrorizados com a situação de seus correligionários no Império Romano. Portanto, não é surpreendente que o "judaísmo internacional" tenha apoiado firmemente o Império Parta durante esse tempo, em parte porque os tratou muito melhor e em parte porque era o único inimigo realmente sério à espreita nas fronteiras do Império Romano no Oriente, portanto eles eram o único poder capaz de libertar Jerusalém. Afinal, os partos foram os que mataram o odiado saqueador Crasso durante a Batalha de Carras, e se os romanos eram antijudaicos e os partos eram inimigos dos romanos, a estratégia oportunista da época via o Império Parta como um pró-Regime judaico. Naquela época, os judeus teriam gostado de nada mais do que uma campanha militar Parta para conquistar a Judeia, a Síria, a Ásia Menor em geral e, se possível, o Egito também, como os persas haviam feito no passado.

Figura 30 — Roma VS Império Parta (ano 100)

Fonte - Europa Soberana (2013)

A situação por volta do ano 100. Os territórios sombreados em verde correspondem às áreas cobiçadas por Roma e que acabariam caindo em seu poder, embora por razões logísticas e geopolíticas não pudesse mantê-los por muito tempo.

Em 113, Trajano, que tinha Alexandre Magno como modelo, preparava-se para iniciar uma série de campanhas contra o Império Parta, com o objetivo de conquistar a Mesopotâmia. Para realizar tal ação, ele concentrou tropas nas fronteiras orientais, à custa de deixar muitos outros lugares ocidentais desguarnecidos. Sabendo do conflito na província da Judeia, Trajano proibiu os judeus de estudarem a Torá e observarem o Shabat, o que, na prática, só lhe rendeu a irritação dos judeus.

Figura 31 — Marco Úlpio Nerva Trajano

Fonte - Europa Soberana (2013)

Trajano, o primeiro imperador de origem hispânica, teve a honra de ter governado o Império Romano quando suas fronteiras eram mais extensas. Sob seu reinado, a Mesopotâmia foi anexada, mas logo ficou claro que cada passo que Roma dava para o leste seria recebido com uma revolta judaica.

Em 115, o exército romano conquistou toda a Mesopotâmia, incluindo cidades partas que eram importantes centros judaicos. Por toda a Mesopotâmia, os bairros judeus, horrorizados ao se verem caindo nas mãos de seus inimigos mortais, aliaram-se aos partos e lutaram ferozmente contra os romanos. Esta hostilidade aberta, que foi rapidamente noticiada em todo o Império, causou uma onda de indignação e forneceu a desculpa perfeita para que as comunidades de etnia grega nas províncias da Cirenaica (atual costa da Líbia) e Chipre, com fortes tradições antijudaicas, começassem motins contra os guetos, aproveitando a ausência das legiões romanas, o que poderia ter acalmado a situação.

Vários líderes extremistas judeus voltaram a pregar a agitação contra Roma, proclamando o fim do Império, viajando pelas províncias romanas da Ásia Menor e Norte da África e exortando os judeus locais a se levantarem e lutarem contra a ocupação europeia. Os judeus, já irritados com os distúrbios com a população grega, aproveitaram a ausência dos soldados romanos para iniciar, naquele mesmo ano de 115, uma sangrenta insurreição.

Essa rebelião começou na Cirenaica, liderada por Lucas, autoproclamado messias. Os judeus, em um rápido golpe reminiscente de sua rebelião em Jerusalém meio século antes, atacaram bairros e cidades gregas, destruíram estátuas e templos gregos dedicados a Júpiter, Ártemis, Ísis e Apolo, bem como numerosos edifí-

cios romanos oficiais (essas ações eles eram um mero prenúncio do que os cristãos fariam mais tarde em grande escala e por todo o Império). O famoso historiador romano **Cassius Dio**, em sua "História Romana", descreve o terrível massacre que se seguiu, referindo-se a Lukuas como "Andreas", provavelmente seu nome greco-romano:

"Naquela época, os judeus que viviam na Cirenaica, tendo como capitão um certo Andreas, mataram todos os gregos e romanos. Eles comeram sua carne e entranhas, banharam-se em seu sangue e se vestiram com suas peles. Eles mataram muitos deles com extrema crueldade, despedaçando-os do alto da cabeça até o meio do corpo; alguns eles jogaram nas feras, enquanto outros eles forçaram a lutar entre si, a tal ponto que mataram duzentos e vinte mil."

Também nos conta como "os judeus destruíram os gregos e os romanos. Eles comeram a carne de suas vítimas, fizeram cintos com seus intestinos e se lambuzaram com seu sangue". Esses testemunhos são certamente interessantes para ver a imagem negativa que os judeus tinham na Europa, como um povo odioso e misantrópico. Também é notável o caráter de limpeza étnica implícito nas ações judaicas na Cirenaica: pensemos que, naquele tempo, bem menos povoado do que agora, duzentas mil mortes era um número monstruoso, para a tal ponto que, segundo Eusébio de Cesareia, a Líbia estava totalmente despovoada e Roma teve que ali fundar novas colônias para recuperar a população.

Após o genocídio perpetrado na Cirenaica, as massas de Lukuas foram para uma cidade desguarnecida que, por muito tempo, havia sido o centro mundial da sabedoria e também do antijudaísmo: Alexandria. Lá, eles queimaram vários bairros gregos, destruíram templos pagãos e profanaram a tumba de Pompeu.

Mas a rebelião da diáspora não se limitou apenas ao norte da África. O terrorismo judeu na Cirenaica e em Alexandria havia encorajado os judeus em todo o Mediterrâneo, que, vendo a ausência de soldados romanos, sentiram o chamado para se rebelar contra Roma. Enquanto Trajano já estava no Golfo Pérsico lutando contra os partos, multidões de judeus, fanatizados pelos rabinos, se levantaram em Rodes, Sicília, Síria, Judeia, Mesopotâmia e no resto do norte da África para realizar limpezas étnicas contra as populações europeias. O pior massacre de toda a rebe-

lião ocorreu em Chipre: 240.000 europeus foram massacrados e a capital da ilha, Salamina, foi completamente arrasada.

"Crueldade semelhante foi mostrada no Egito e na ilha de Chipre sob um certo Artemion, seu líder na barbárie. Em Chipre massacraram duzentas e quarenta mil pessoas, de modo que não podem mais pisar na ilha."

(Cássio Dio)

Figura 32 — Fronteiras do Império Romano no ano 115

Europa Soberana (2013)

Este mapa na figura 32 mostra as fronteiras do Império Romano por volta de 115, quando estourou a Revolta da Diáspora. As províncias em conflito devido à população judaica estão marcadas no mapa junto com as cidades importantes da região. As áreas em verde claro correspondem às províncias da Arábia Pétrea, Mesopotâmia, Assíria e Armênia (todas com populações judaicas significativas), que foram anexadas a Roma após a derrota dos partos, bem como novos territórios para as províncias da Judeia e Síria.

Para reprimir a rebelião em Chipre, na Síria e nos territórios recém-conquistados da Mesopotâmia, Trajano enviou a Legião Cláudia VII sob o comando

de um príncipe berbere, o general Lúsio Quieto (Kitos). A repressão de Quieto na Mesopotâmia foi tão implacável que os rabinos proibiram o estudo da literatura grega e eliminaram o costume de as noivas se enfeitarem com guirlandas no dia do casamento. Em Chipre, Quieto mandou exterminar toda a população judaica da ilha e proibiu por lei, sob pena de morte, qualquer judeu de pisar em Chipre - até mesmo um náufrago que deu à costa em uma praia, para ser executado no local. E é que esses acontecimentos deixaram uma marca profunda na memória dos europeus daqueles lugares. Como recompensa por seus serviços, Quieto foi nomeado governador da Judeia.

Para a pacificação de Alexandria, Trajano levou tropas da Mesopotâmia sob o comando de Quinto Marcio Turbón, que no ano 117 já havia sufocado a rebelião. Para reconstruir os danos causados pela revolta, os romanos expropriaram os judeus e confiscaram todos os seus bens e riquezas. Turbón permaneceu como governador do Egito durante um período de reconstituição da autoridade romana. Lukuas, que estava então em Alexandria, provavelmente fugiu para a Judeia.

Em toda a Rebelião da Diáspora, bem mais de meio milhão de europeus foram massacrados, principalmente aqueles pertencentes aos estratos sociais mais aristocráticos da Cirenaica, Chipre, Egito e Babilônia, ou seja, o povo europeu desses lugares, homens, mulheres e crianças que formavam a aristocracia do Mediterrâneo Oriental na época. Muitos foram mortos depois de sofrerem torturas atrozes. E embora a rebelião tenha sido impiedosamente esmagada por Trajano, Quieto e Turbón, e milhares de judeus mortos à espada, Ben Josef nunca foi capturado.

Esta nova derrota, mais uma vez, não fez mais do que aumentar o ódio, o ressentimento e a sede de vingança e sangue da Judiaria, que logo se levantaria novamente, encorajada pelo fato de que a Rebelião da Diáspora quase derrubou a autoridade do Império Romano em as províncias mais judaizadas, pondo em perigo a situação estratégica do Oriente e fazendo cambalear a própria Roma. De fato, o judeu Heinrich Graetz (século XIX) regozijou-se, em seu "Geschichte der Juden von Ältesten Zeiten", que "Apenas se os numerosos centros da rebelião tivessem cooperado, então talvez eles pudessem derrubar o colosso[10] romano contra seu golpe mortal já naquela época".

[10]Colosso = Pessoa, entidade ou império que apresenta grande poder

Após a morte de Trajano em 118, o imperador Adriano chegou ao poder. Nesse mesmo ano, as revoltas mudaram-se para a Judeia. Quieto, que havia permanecido como governador da província, capturou e ordenou a execução dos irmãos Juliano e Papo, que tinham sido a alma da rebelião na Judeia, mas logo então veio de Roma a ordem de executar o mesmo Quieto, a quem talvez Adriano visse como um possível adversário político. Adriano tentou acalmar a situação na Judeia, concordando em permitir a reconstrução do templo em Jerusalém.

Capítulo 3 – Terceira Guerra Judaico-Romana (132-135)

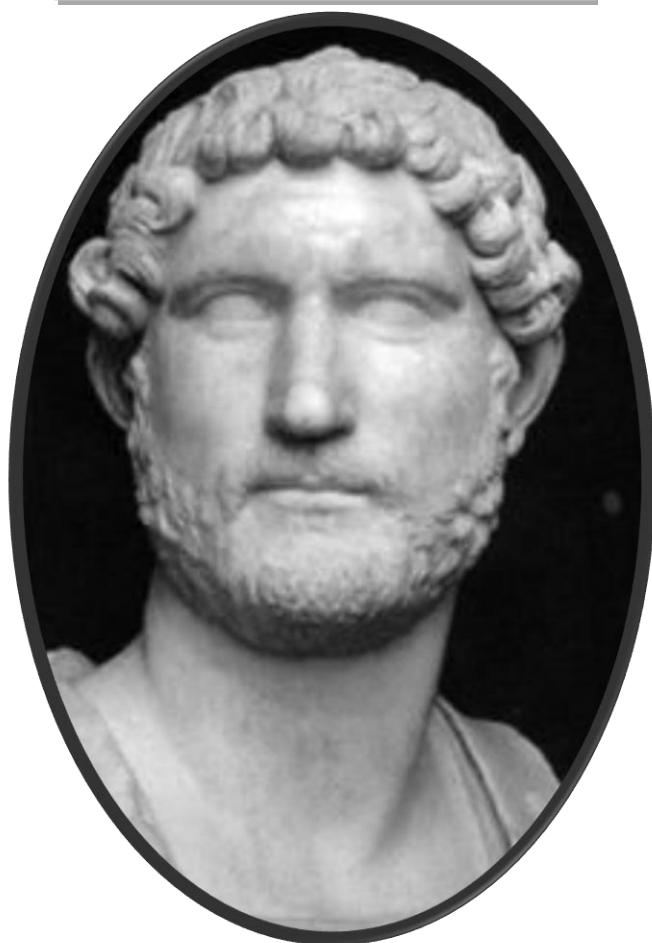
"Mesmo que jurem tornar-se bons cidadãos romanos e adorar Júpiter e nossos outros deuses, mate-os, se não quiser que destruam Roma ou a conquistem, pelos meios secretos e covardes que costumam fazer."

(O imperador Adriano, às suas legiões)

Adriano a princípio havia sido minimamente conciliatório com a província da Judeia. Ele permitiu que os judeus voltassem a Jerusalém, começou a reconstruir a cidade como um presente de Roma e até deu-lhes permissão para reconstruir o templo. No entanto, após uma visita à "terra santa", ele mudou abruptamente de ideia e começou novamente a fazer sentir a autoridade romana na província conturbada. Enquanto o bairro judeu se preparava para a construção do templo, Adriano ordenou que fosse construído em um local diferente do original, e então começou a deportar os judeus para o norte da África.

Planeando (de forma míope, diga-se) a completa transfiguração da Judeia, a sua desjudaização, o seu repovoamento com legionários romanos e a sua impregnação pela cultura greco-romana, ordenou a fundação, por cima de Jerusalém, de uma nova cidade romana, chamada Aelia Capitolina. Isto implicou na invasão súbita massiva da arte clássica, extremamente odiada pelos judeus, para além da construção de numerosos edifícios romanos — e a construção de um edifício romano envolvia necessariamente uma cerimônia de consagração de carácter religioso realizada por áugures romanos e que, segundo para a mentalidade talmúdica, "contaminava" a "terra santa" por ser um ritual pagão. Jerusalém, diante dos olhos nervosos dos judeus, ia se tornar palco de coisas altamente "profanas", "impuras" e "pagãs" para sua mentalidade, como ruas decoradas com estátuas nuas... e com prepúcios.

Os judeus, novamente indignados, se prepararam para uma rebelião, mas o rabino Joshua ben Hananias (ou Josué ben Ananias) os acalmou, então eles se contentaram em se preparar clandestinamente para o caso de terem que se rebelar no futuro, o que parecia cada vez mais provável. Eles construíram esconderijos em grutas e começaram a acumular armas e suprimentos. Embora eles não tenham realizado uma rebelião aberta, no ano 123 ações terroristas começaram a ocorrer contra as forças de ocupação romanas.

Figura 33 — Públio Élio Adriano, Imperador

Fonte - Europa Soberana (2013)

A educação helenística de Adriano é evidente na barba que ele ostenta. Os romanos, um povo de soldados, como os macedônios, tinha o costume de barbear o rosto profundamente enraizado. Embora Nero usasse uma barba parcial em alguns momentos de sua vida, Adriano foi o primeiro imperador a deixá-la crescer permanentemente. Tal homem naturalmente estaria mais propenso a ficar do lado das populações etnicamente gregas do Mediterrâneo oriental em detrimento de seus principais rivais: os judeus, especialmente os alexandrinos.

Adriano, que se arrependia cada vez mais de sua anterior indulgência para com os judeus, trouxe a VI Legião Ferrata para atuar como força policial. Para completar, o imperador era um homem de educação helenística. Além do antijudaísmo tradicionalmente associado a ela, a formação grega considerava a circuncisão (o Brit Milah) um ato bárbaro de mutilação. De fato, embora admirassem a nudez de um belo corpo humano, os gregos, que compunham o setor social mais influente da Judeia depois dos romanos (sem falar na forte influência que exerciam sobre a própria cultura romana), a consideravam um ato extremamente rude mostrar aos olhos do público, então quem tinha prepúcio muito curto desde o nascimento tinha que cobrir os olhos com algum acessório. Em vez disso, de acordo com a tradição judaica, Adão e Moisés já nasceram

sem prepúcio, e o Messias também nascerá circuncidado. Os judeus não eram o único povo a praticar a circuncisão, aliás outros povos semitas como os sírios e os árabes também a praticavam — mas no caso dos judeus, constituía uma questão religiosa, sinal de um pacto entre eles e Jeová. Não resisto a citar um trecho do Midrash Tanchuma, um escrito da tradição judaica em que uma discussão entre o rabino Akiva ben Yosef (líder do Sinédrio judaico) e Turno Rufo (governador da Judeia nomeado por Adriano nessa época) é relatado:

Turnus Rufus, o ímpio, certa vez perguntou ao rabino Akiva: De quem é a obra mais bela, a do Santo, louvado seja Ele, ou a do homem, feito de carne e osso?

Ele respondeu-lhe: A obra do homem.

***Rufus** respondeu: Mas olhe para o céu e para a terra! O homem pode fazer uma coisa dessas?*

*Rabi **Akiva** disse a ele: Não me traga por argumento algo que está além do alcance das criaturas humanas; algo que eles não podem controlar, mas discute com o que está ao alcance do homem.*

Ele perguntou-lhe: Por que você é circuncidado?

*Rabi **Akiva** disse: Tive um pressentimento de que você perguntaria sobre isso, por isso me antecipei em lhe dizer que o trabalho humano é melhor que o do Santo, bendito seja.*

*Rabi **Akiva** trouxe-lhe grãos de trigo e um bolo e disse-lhe: Esta é uma obra divina e esta é uma obra humana. Bolo não é melhor do que grãos de trigo?*

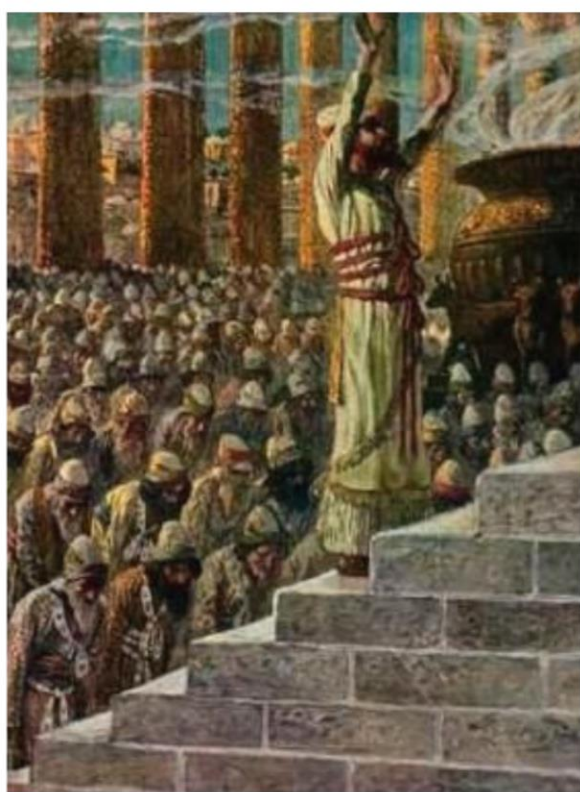
***Rufus** disse a ele: Se Sua vontade é que a circuncisão seja realizada, por que então a criança não sai do ventre de sua mãe circuncidada?*

*O rabino **Akiva** respondeu-lhe: Por que o cordão umbilical sai com ele e fica suspenso em seu umbigo e sua mãe o corta? Sobre o que você pergunta, por que*

ele nasceu incircunciso? Eu vou te dizer que o Santo, louvado seja, não promulgou os preceitos com outro propósito senão refinar os israelitas com eles. É por isso que David diz: "A palavra do Senhor é refinada" (Tehilim 18, 31).

Para piorar a situação, Adriano também decidiu proibir a observância do Shabat, que obrigava os judeus a não trabalhar e a não fazer praticamente nada aos sábados.

No ano 131, após uma cerimônia de inauguração do governador Rufus, começaram as obras de Aelia Capitolina, e no ano seguinte cunharam-se moedas com o novo nome da cidade e iniciaram-se as obras de um templo dedicado a Júpiter no local do antigo templo em Jerusalém. O rabino Akiva ben Josef convenceu o Sinédrio a proclamar Simon Bar Kochba ("filho de uma estrela"), um líder astuto, sanguinário e psicopata, como Messias e comandante da rebelião que se aproximava. Bar Kochba deve ter traçado seus planos com cuidado, observando onde as rebeliões anteriores haviam falhado. Instantaneamente, assim que Adriano se afastou da Judeia, naquele mesmo ano de 132, a judiaria se levantou, atacou os destacamentos romanos e aniquilou a X Legião (a VI permaneceu acampada em Layún, vigiando a passagem de Megiddo). Judeus de todas as províncias do Império e além começaram a se reunir, e também ganharam o apoio de muitas tribos sírias e árabes.

Figura 34 — Salomão de pé diante do altar de Jeová

Fonte: jesusat2am (2013)

Com suas hordas semíticas fundamentalistas (supostamente 400.000 homens, supostamente iniciados cortando um dedo ou arrancando um cedro), eles invadiram 50 cidades fortificadas e 985 cidades indefesas (incluindo Jerusalém), exterminando comunidades gregas, destacamentos romanos e todos os oponentes que encontraram, sendo as atrocidades comuns. Mais tarde, dedicaram-se à cons-

trução de muros e passagens subterrâneas e, por fim, a entrincheirar-se em cada praça.

Após essas vitórias fugazes, o estado judeu na área foi reorganizado. Em Betir, uma poderosa fortaleza na montanha, Bar Kochba foi coroado o Messias em uma cerimônia solene. Durante os anos que durou a revolta, Ben Yosef e Bar Kochba reinaram juntos, um como ditador e outro como "pontífice" religioso, proclamaram a "era da redenção de Israel" e até cunharam suas próprias moedas.

Figura 35 — Moeda Tetradrachm cunhado por Bar Kochba

Fonte: La Vanguardia (2020)

Na "Cara" da moeda (é proibida a representação da figura humana "blasfema"), uma imagem da fachada do templo de Jerusalém, com uma estrela. Na cruz, um lulav ou folha de palmeira e a inscrição "Ano Um da Redenção de Israel".

O general Publo Marcelo, governador da Síria, foi enviado para apoiar Rufus, mas ambos os romanos foram derrotados por forças imensamente superiores, que também invadiram as áreas costeiras, obrigando os romanos a combatê-los em batalhas navais.

Nesse momento preocupante para Roma, Adriano convocou o sexto Júlio Severo, que na época era governador da província da Bretanha. Ele também nomeou um ex-governador da Alemanha, Adriano Quinto Lolio Urbico. Com eles, ele reuniu um exército maior do que Tito havia reunido no último século (um total de talvez 12 legiões, um terço a metade de toda a força militar do Império). Diante do grande número de inimigos e do desespero com que agiam, evitou batalhas abertas, limitando-

se a atacar grupos dispersos e arrasar vilas onde pudessem encontrar sustento, numa tática de guerra antipartidária.

Os judeus haviam se entrincheirado bem em cerca de 50 cidades fortificadas, muitas delas verdadeiros complexos montanhosos inexpugnáveis, de modo que os romanos avançaram lentamente sitiando as cidades, cortando seus suprimentos e avançando quando os defensores estavam fracos. Essa dolorosa tática, que também exigia longas viagens por áreas hostis, custou-lhes inúmeras mortes — de fato, parece que os judeus aniquilaram, ou pelo menos causaram perdas muito pesadas, a XXII Legião Deiotariana, vinda do Egito. Para confirmar as dificuldades passadas das legiões, Adriano removeu de seus relatórios militares ao Senado e ao povo de Roma a tradicional fórmula de abertura "Eu e as legiões estamos bem" - pela simples razão de que as legiões não estavam bem.

Depois de enormes sacrifícios e desperdício de disciplina e senso de dever, os romanos triunfaram gradualmente. No ano 134, a fortaleza de Betir (Bettar) permaneceu, onde Bar Kochba fez uma fortaleza com o Sinédrio, seus seguidores mais leais e milhares de judeus que vieram como refugiados. No mesmo dia do aniversário da queda do templo de Jerusalém, a fortaleza caiu nas mãos dos soldados romanos, que passaram à espada toda a população e não permitiram que os mortos fossem enterrados durante seis dias. Tal deve ter sido a matança, que a tradição judaica — conhecida, como se sabe, por inflar artificialmente o número de suas vítimas —, incorporada no Talmude (Gittin, 57-B), estabeleceu que "os romanos mataram quatro milhões[11] de judeus na cidade de Bethar".

O que restou das hordas fundamentalistas de Bar Kochba fugiu e se fortificou em cavernas ao sul de Jerusalém, não muito longe da antiga fortaleza de Massada. Soldados romanos sitiaram as cavernas e, consumidos pela fome, sede e cansaço, Bar Kochba e seus seguidores morreram, certamente sem ter cedido seu fanatismo nem um pingo.

Quanto a Ben Yosef, foi capturado vivo quando as tropas romanas exterminavam os últimos golpes da rebelião nas margens do Mar Morto. Eles o enviaram para Cesareia, onde foi executado aos 120 anos. Os romanos, enfurecidos com as perdas humanas que ele infligiu a eles, dizem que o esfolaram vivo, mas ele provavel-

[11]Seria impossível existir 4 milhões de pessoas numa cidade pequena chamada Bethar. O Talmud mente e distorce números.

mente morreu por crucificação, o método de execução reservado para aqueles que se rebelaram contra a autoridade de Roma.

3.1 – Consequências da Revolta Palestina

Esta revolta teve consequências muito mais retumbantes e muito mais definitivas, tanto para Roma como especialmente para os judeus. Para começar, as perdas romanas foram tantas que, além de Adriano se recusar a dizer em despachos militares ao Senado que tudo ia bem, foi o único líder romano da história que, após uma grande vitória, se recusou a voltar a Roma, comemorando uma vitória. Tito Vespasiano havia recusado apenas uma coroa de louros em sua época, Adriano levou isso para o próximo passo.

No entanto, se as perdas romanas foram pesadas, as perdas judaicas foram colossais. De acordo com Cássio Dio, 580.000 judeus mortos, 50 cidades e 985 aldeias judaicas completamente arrasadas (e não reconstruídas) e centenas de milhares de judeus vendidos como escravos em todo o Império. Não é de surpreender que o Talmude tenha chamado esse processo de "a guerra de extermínio" e que tenha chegado ao ponto de fazer declarações exorbitantes para mitificar o conflito, como "Dezesseis milhões de judeus foram embrulhados em pergaminhos e queimados vivos pelo Romanos" (Gittin, 58-A). Os judeus, em todo caso, perderam definitivamente o desejo de se levantar contra Roma pela força das armas. Em contrapartida, a ameaça judaica, que tantas dores de cabeça tinha dado a Roma, iria aumentar em todo o Mediterrâneo, devido à extensão ainda maior da diáspora, e o terreno fértil ideal que isso representava para a expansão dessa outra antiromana rebelião que foi o cristianismo.

As condições da derrota imposta aos judeus foram ainda mais duras do que o triunfo de Tito no ano 70. Como medidas contra a religião judaica, Adriano proíbe os tribunais judaicos, as reuniões nas sinagogas, o calendário judaico, o estudo das escrituras religiosas e o próprio judaísmo como uma religião! Ele executou vários rabinos e muitos pergaminhos sagrados foram queimados em uma cerimônia no Monte do Templo. Tenta erradicar a própria identidade judaica e o mesmo judaísmo, mandando-os para o exílio, escravizando-os e dispersando-os para longe da Judeia. Essa perseguição contra todas as formas de religiosidade judaica, incluindo o cristianismo, continuaria até a morte do imperador em 138.

Além disso, em outra tentativa de arrancar definitivamente a identidade judaica e decapitar seu centro de poder, as províncias orientais foram reestruturadas, formando três províncias sírias: Palestina Síria (nomeada em homenagem aos filisteus, um povo de origem europeia inimigo dos judeus e que habitou a área após a invasão dos povos do mar), que coincidiu com a antiga Judeia, Síria fenícia e Coele Síria.

Figura 36 — Nova ordem de terras decretada por Adriano

Fonte: Europa Soberana (2013)

Na nova ordem territorial decretada por Adriano, a Judeia tornou-se a Síria, a Palestina, e Jerusalém tornou-se Aelia Capitolina, uma cidade grega e romana da qual os judeus foram banidos. As três Sírias formam o Levante, uma faixa extremamente ativa e conflituosa na história até hoje. Dele vieram o Neolítico, os fenícios, o judaísmo e o cristianismo, e praticamente todas as civilizações da antiguidade passaram por ele, criando um caos étnico que sempre acabava levando a conflitos. Séculos mais tarde, essas zonas veriam o estabelecimento de estados cruzados europeus.

Quanto à cidade de Jerusalém, Adriano realizou com ela os planos que desencadearam a revolta: a capital judaica foi demolida e destruída, e os romanos araram sobre as ruínas para simbolizar sua "purificação" e seu retorno à terra. Adriano finalmente construiu a projetada Aelia Capitolina sobre as ruínas, introduzindo um novo planejamento urbano, de modo que ainda hoje a antiga cidade de Jerusalém coincide com a construída pelos romanos. No centro da cidade foi estabelecido um fórum, que continha, entre outras coisas, um templo consagrado a Vênus. No local do templo, Adriano mandou erguer duas estátuas, uma de Júpiter e outra de si mesmo – embora respeitasse o Muro das Lamentações. Além disso, ao lado do Gólgota, onde Jesus Cristo foi crucificado, ele colocou uma estátua de Afrodite.

Isso pretendia simbolizar o triunfo de Roma sobre o judaísmo ortodoxo e o cristianismo, considerado uma seita judaica de muitos, e que em Roma foi perseguido sem distingui-lo do judaísmo "oficial". Para os gregos e romanos, as estátuas de seus deuses eram representantes do espírito divino, solar, luminoso e olímpico na Terra, enquanto para os judeus (incluindo os cristãos) nada virava seus estômagos mais do que uma estátua nua, atarracada e bonita com características nórdicas e aparência invencível. Para completar a desjudaização da cidade, Adriano proibiu qualquer judeu de pisar em Aelia Capitolina, sob pena de morte.

Esta lei só seria revogada dois séculos depois pelo imperador Constantino, o primeiro imperador cristão, que foi quem cristianizou o Império Romano. Em 330, ele permitiu que os judeus fossem para a parede que permanecia de pé no templo em Jerusalém, para orar uma vez por ano, em Tisha b'Av. Essas sessões de adoração, cheias de choro, rezas, orações, salmos e lamentos, deram a esse muro o nome que ele tem hoje: o Muro das Lamentações. Lá, os judeus choram amargamente até hoje pelo símbolo de uma suposta era esplêndida que nunca existiu ou pertenceu a eles – pois não foram eles que construíram o templo de Sião, mas foram o fenício Hiram, depois os persas de Ciro e Dario, e depois os próprios romanos sob Herodes. O símbolo do templo seria muito importante no misticismo judaico de estágios posteriores, impregnando completamente a Maçonaria, tão adepta do Antigo Testamento e de tudo o que há de hebraico no mundo.

A decisão pró-judaica do primeiro imperador cristão foi motivada pela importante influência judaica que, através do cristianismo, chegou ao coração de Roma. Mas isso é outra história.

Capítulo 4 – Algumas observações

● Os gregos e romanos, a partir de sua ingenuidade olímpica (e digo isso porque apenas uma pessoa ingênua poderia pensar em proibir a Torá, o Shabat ou o Brit Milá sem perceber que os judeus preferiam morrer inteiros do que renunciar às suas tradições), eram muito míopes e muito superficiais ao lidar com o problema judaico. Eles também mostraram que não conheciam as peculiaridades que diferenciavam os judeus do resto dos povos semíticos do Oriente Próximo, e pensavam que poderiam colocar seus templos e estátuas lá como se não fosse nada mais do que outra província árabe ou síria bem helenizada e bem persa. A persistência da identidade que o bairro judeu havia demonstrado não fez os romanos despreocupados pensarem o suficiente.

● Essa convicção que os clássicos tinham de serem portadores de uma cultura superior, os fez cair em um erro fatídico: pensar que uma cultura pode ser válida para toda a humanidade e exportada para povos de diferentes etnias. A helenização e romanização da África Oriental e do Norte teve apenas um efeito: o caos étnico, a balcanização da própria Roma, as lutas e, eventualmente, o surgimento do cristianismo.

● Mesmo usando a força bruta de suas legiões, Roma demorou a perceber que os judeus, em seu ressentimento e seu desejo de vingança, não se importavam em sacrificar ondas e ondas de indivíduos se conseguissem aniquilar um único destacamento romano. Esse fanatismo fundamentalista, que ia além do racional, deve ter deixado os romanos sem palavras, que não estavam acostumados a ver um povo militarmente mal dotado se imolar de maneira tão convicta, com mentes cheias de fé cega em um deus ciumento, vingativo, abstrato e tirânico. O que os judeus chamam de Javé e na Europa ficou conhecido como Jeová é, sem dúvida, uma vontade extremamente real, e também uma força claramente oposta aos deuses olímpicos e solares dos povos europeus, cuja altura era o greco-romano Zeus-Júpiter.

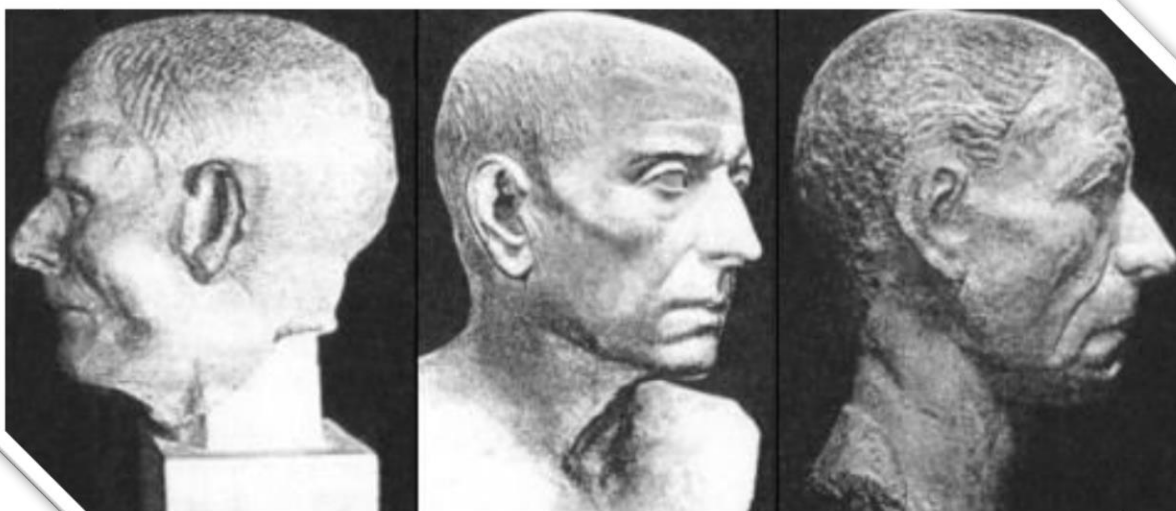
● A vocação revolucionária e agitadora do judaísmo nasceu aqui. Os judeus perceberam o poder primitivo e esmagador de uma multidão ressentida, fanática e ignorante, e habilmente o usaram no cristianismo e, mais tarde, no bolchevismo. A mesma vontade cega de sacrificar ondas e ondas foi vista no

Exército Vermelho durante a Segunda Guerra Mundial, sendo os alemães a reencarnação do espírito romano naquele momento histórico, enquanto o comissariado soviético, que era mais de 80% judeu, sem dúvida representava a vontade de Israel.

- Os judeus em geral enfrentaram a extinção e a limpeza étnica. Os gregos, que tinham mais poder e influência do que em Roma, acabariam por erradicá-los gradualmente da Ásia Menor, enquanto Roma, sob influência germânica, poderia ter durado para sempre: a cidade simplesmente teria se tornado parte do mundo germânico graças à crescente influência política dos alemães nas legiões e à progressiva colonização do Império pelos federais germânicos.
- Tanto o judaísmo quanto o cristianismo são o produto do caos cultural. Não é por acaso que o judaísmo nasceu na área de maior confusão étnica do planeta, terra de ninguém entre egípcios, assírios, babilônios, acádios, caldeus, persas, hititas, medos, partas, macedônios e romanos, para não mencionar o emaranhado de povos como os amorreus, os filisteus, os amonitas, os moabitas, os edomitas e as doze tribos de Israel, que habitavam a mesma área que nos diz respeito e que, todos juntos, aniquilaram a identidade de povos inteiros numa mistura genética sem precedentes.
- O caráter direto e marcial dos romanos, que apesar de não terem compreendido a essência judaica penetrou bem seu desejo de poder e seu caráter problemático, forçou os judeus a agir, a exercer sua força de vontade como povo, a quebrar seus cérebros para sair com a invenção cristã, e também lhes deu a desculpa perfeita para passar os próximos dois milênios fazendo-se de vítimas e lamentando na única parede que resta do templo em Jerusalém. É provável que, sem a existência de Roma, o bairro judeu teria acabado descansando sobre seus louros e esquecendo seus interesses.
- A diáspora e a erradicação da Judeia como um centro judaico não levaram de forma alguma à dissolução da identidade judaica. O judaísmo rabínico, depois de vagar pelo Egito e Babilônia, estava mais do que acostumado ao nomadismo, e a diáspora realmente chegou de muito antes, embora as guerras na Judeia a tenham aumentado com inundações de refugiados.
- Os judeus, mostrando enorme inteligência, perceberam que não poderiam derrotar Roma em uma guerra convencional, e que rebeliões, lutas e guerras abertas falharam porque os romanos eram mais fortes, mais corajosos, mais

poderosos e melhores soldados por natureza, apesar de serem menos numerosos. No entanto, a rebelião secreta e subterrânea que os judeus haviam silenciosamente soprado em Roma prosperaria como se fosse a semente da discórdia, "pelos meios secretos e covardes" que Adriano imaginou que usaria o judaísmo para finalmente triunfar sobre Roma. Essa rebelião clandestina antieuropeia em geral e antirromana em particular, também tinha um nome: era chamada de cristianismo ou, nas palavras de Tácito, aquela "superstição conflituosa" que "não só eclodiu na Judeia, a primeira fonte do mal, mas até mesmo em Roma, onde todas as coisas horrendas e vergonhosas de qualquer parte do mundo encontram seu centro e se tornam populares".

- A longo prazo, o efeito dos confrontos entre judeus, por um lado, e greco-romanos, por outro, foi a consolidação do cristianismo como a única opção para a conquista semítica de Roma, que, por sua vez, teve o efeito da limpeza étnica da minoria europeia no Mediterrâneo Oriental (especialmente a odiada comunidade grega), que teve seu centro em Alexandria), principalmente a partir do século IV. Parece-me óbvio que, por trás da invenção do cristianismo, havia um intelecto enormemente desenvolvido, com grande capacidade psicológica e geossocial de todo o Império, reunindo redes de inteligência de todos os tipos e especificamente destinadas a destruir o Império Romano, tirando da Europa, especialmente da Europa germânica, o legado do mundo clássico.
- A importação de cultos orientais não era nada além da adaptação ritual às mudanças genéticas da própria Roma e à lenta ascensão do substrato étnico que existia na parte inferior da Roma original.

Figura 37 — Três bustos de patrícios armenizados da República Romana

Fonte: Europa Soberana (2013)

- A Judeia era uma província especial e os romanos teriam precisado de uma política igualmente especial, consistindo em proteger Roma contra a influência judaica (e, de fato, contra toda a influência oriental, incluindo a que está entre sua plebe), deixar os judeus na Judeia, não lhes dar a cidadania romana em nenhuma circunstância, não profanar suas tradições e, é claro, não para civilizá-los, porque foi precisamente a helenização[12] (mal feita) de certos setores sociais judaicos que levou ao aparecimento do cristianismo, uma esquizofrenia judaica sinistra e greco-decadente que é muito evidente no próprio nome de Jesus Cristo, que vem de Yahshuah (um nome judaico) e Kristos ("iluminado" em grego).
- Para dar exemplos dos danos da romanização sem sentido da Judeia, Herodes, um governante pró-romano da Judeia, tentou romanizar a província construindo cidades que causariam discórdia (como Cesareia), fortes que seriam usados pelos judeus contra os próprios romanos (como a fortaleza Antonina e Massada) e também ampliou o Segundo Templo, que os judeus agora lamentam, mesmo que odeiem seu construtor. Se Roma quisesse triunfar mais enfaticamente sobre a Judeia, não deveria ter permitido sua romanização, e deveria ter mantido a helenização ao mínimo. Impor uma cultura a um povo não significa que ele tenha sido capaz de compartilhá-la. Um judeu que

[12]O próprio Novo Testamento foi escrito em grego por causa da helenização dos judeus. Os judeus escreveram o Novo Testamento em grego com a intenção de converter somente os gentios para sua seita subversiva, o cristianismo.

pudesse falar grego, por causa de sua herança genética e cultural, nunca compartilharia ou entenderia verdadeiramente a cultura helênica, porque a cultura é o resultado do DNA genético, e a genética judaica era radicalmente diferente da genética helênica.

- Forçar a imposição de uma cultura a outra que vem de um DNA genético diferente só leva a uma coisa: a miscigenação, que acabará por se manifestar através da corrupção total da cultura original.
- Os judeus, que foram espancados por todos os lados, aos poucos se tornaram como aquela figura típica da ficção, que levou muitas surras e se torna, com o tempo, um supervilão misantrópico ressentido com o mundo.
- De acordo com as tradições judaicas, durante a futura Era do Messias, um Terceiro Templo será construído.
- Colocar judeus em Roma, por mais escravizados que fossem, era suicídio [racial].
- Romanização forçada, helenização forçada, escravidão [de outras raças dentro do seu território], deportação [para locais onde tem raças diferentes] e qualquer coisa que tenda a aumentar a confusão étnica são elementos extremamente negativos na história de qualquer nação, e a primeira desvantagem de qualquer império é precisamente isso: que é cosmopolita por definição.

Capítulo 5 – Nietzsche sobre o conflito Roma Versus Judeia

("Genealogia da Moral", Primeiro Tratado, 15 e 16).[13]

Os dois valores conflitantes "bem e mal", "bem e malvado", travaram uma luta terrível na Terra, que já dura milênios...

O símbolo desta luta, escrito em caracteres que permaneceram legíveis até agora ao longo de toda a história da Humanidade, diz: "Roma contra a Judeia, Judeia contra Roma" - até agora não houve evento maior do que esta luta, que esta declaração do problema, que esta contradição de inimigos mortais. Roma via no judeu algo como a própria antinatureza, como seu monstro antípoda, se a expressão se encaixa; em Roma o judeu foi considerado "condenado por ódio contra toda a raça humana", com razão, na medida em que há o direito de vincular a salvação e o futuro da raça humana ao domínio incondicional dos valores aristocráticos — dos valores romanos.

Os romanos eram de fato os fortes e os Aristocráticos; a tal ponto eram que até agora não houve homens mais fortes ou mais aristocráticos na Terra, e nunca se sonhou com eles; cada relíquia sua, cada inscrição sua, produz êxtase, supondo que se possa adivinhar o que está escrito ali. Os judeus eram, por outro lado, o povo sacerdotal do ressentimento por excelência, habitado por um gênio moral-popular inigualável: basta comparar povos de qualidades semelhantes, por exemplo, os chineses ou os alemães, com os judeus, para entender o que é primeiro posto e o que é quinto. Qual deles venceu, entretanto, Roma ou Judeia? Certamente não há a menor dúvida: considere diante de quem os homens se curvam hoje, na própria Roma, como diante da síntese de todos os valores supremos - e não apenas em Roma, mas quase na metade da Terra, em todos os lugares onde o homem se tornou manso ou quer se tornar manso - diante de três judeus, como se sabe, e de uma judia (Jesus de Nazaré, Pedro, o pescador, Paulo, o tecelão de tapetes, e a mãe do mencionado Jesus, de nome Maria). Isto é muito digno de atenção: Roma sucumbiu sem dúvida...

Está tudo acabado com isso? Essa antítese dos ideais, a maior de todas, foi assim relegada ad acta[14] *para sempre? Ou foi apenas adiado, adiado por um longo*

[13]TRATADO Primero. In: NIETZSCHE, Friedrich. La genealogía de la moral . Tradução Lucas Loureiro. NoBooks Editorial, 1974. cap. 15 y 16.

tempo?... Não deveria haver um reavivamento do velho fogo, muito mais terrível ainda, preparado por mais tempo? Além disso, não deveríamos desejar exatamente isso com todas as nossas forças, e até mesmo desejá-lo, e até mesmo favorecê-lo?...

Figura 39 — Moral Aristocrática VS Moral Escrava

Fonte – Europa Soberana (2013)

[14]Ad Acta = Encerrado, Arquivado

PARTE III – O CRISTIANISMO E A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO

Capítulo 1 – Vamos localizar

"Quando o Jeová, teu Senhor, te conduzir à terra que hás de herdar, muitos povos cairão diante de ti... Quando ele os entregar nas tuas mãos, deves esmagá-los e destruí-los violentamente; você não deve fazer tratados, nem ter pena deles... Eis como você deve se comportar com esses povos: você destruirá seus altares e quebrará suas imagens e cortará suas florestas sagradas e queimará seus ídolos. Pois vós sois o povo santo ao Senhor vosso Deus."

(Bíblia, Antigo Testamento, Deuteronômio, 7: 1-7).

"Deus não fez da loucura a sabedoria deste mundo?... porque entre vós não há muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. Antes que Deus escolhesse a loucura do mundo para confundir os sábios, e Deus escolhesse a fraqueza do mundo para confundir os fortes; e os plebeus, o desperdício do mundo, o que não é nada, foram escolhidos por Deus para destruir o que é, para que ninguém possa se gloriar diante de Deus."

(Bíblia, Novo Testamento, Paulo, I Coríntios, 1: 20, 21, 26, 27, 28 e 29).

"Há aqueles que se fizeram eunucos por amor ao Reino dos Céus."

(Bíblia, Novo Testamento, Mateus, 19: 20. Justificando-se com esta frase, Orígenes de Alexandria, um dos Padres da Igreja, castrou-se).

"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus. Bem-aventurados os que choram, porque receberão consolação. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os misericordiosos, porque obterão misericórdia."

(Bíblia, Novo Testamento, Mateus, 5: 1-5).

"Há uma nova raça de homens, nascida ontem, sem pátria nem tradições, unida contra todas as instituições religiosas e civis, perseguidos pela justiça, universalmente marcada pela infâmia, mas que se vangloriam da execração comum..."

(Celso, "Verdadeiro discurso contra os cristãos").

"... os judeus, amontoados num canto da Palestina, que, ignorantes em letras, nunca tinham ouvido falar que tais coisas tinham sido contadas uma vez por Hesíodo, e por muitos poetas divinamente inspirados, imaginaram uma história muito credível e muito grosseira. Deus teria feito com suas próprias mãos um homem, ele teria soprado sobre ele, ele teria tirado uma mulher de suas costelas, ele teria lhes dado alguns mandamentos, e uma serpente que contra eles teria ficado de pé, triunfou sobre eles: boa fábula para as mulheres velhas, narração onde contra toda piedade, Deus é feito um caráter tão pobre desde o início, que se mostra incapaz de se fazer obedecido pelo único homem que ele mesmo formou."

(Celso, "O Verdadeiro Discurso Contra os Cristãos".)

O objetivo deste capítulo é dar uma ideia do que aconteceu com o mundo antigo, de como a Europa caiu na Idade Média e, principalmente, até que ponto o que aconteceu em Roma há 1.600 anos é exatamente o que está acontecendo em nossos dias em todo o Ocidente, mas multiplicado mil vezes pela globalização, pela tecnologia e, sobretudo, pela purificação do conhecimento psicossociológico e propagandístico pelo sistema.

O que se trata neste texto é a história de uma tragédia, de um apocalipse. É o fim, não só do Império Romano e de todas as suas conquistas, mas também da sobrevivência, durante séculos, dos ensinamentos egípcios, persas e gregos na Europa, num processo sangrento, uma premonição da futura destruição da herança celta, germânicos, bálticos e eslavos, sempre acompanhados de seus respectivos genocídios. Esse processo teve um caráter marcadamente étnico: foi a rebelião dos escravos cristianizados (da Ásia Menor e do Norte da África) contra o paganismo indo-europeu, que representava os costumes e tradições ancestrais das aristocracias romana e Grega, minoritária e suavizada, com uma multidão esmagadoramente numerosa, brutalizados e detestando cordialmente o orgulho distante de seus senhores.

Na figura 40 mostra a pintura de Tomasso Laureti, "O Triunfo do Cristianismo", ou "O Triunfo da Cruz". A história de como um messias oriental, anoréxico e com ares masoquistas, veio substituir os fortes deuses pagãos.

Figura 40 — "O triunfo do cristianismo", 1585, por Tommaso

Fonte: Alchetron (2018).

Na base do que aconteceu durante esta etapa sangrenta, está um laborioso processo de adulteração, falsificação e distorção dos ensinamentos religiosos, primeiro muitos séculos antes de Jesus Cristo, pelas mãos dos profetas, juízes e rabinos judeus, e depois pelas mãos dos apóstolos e pais da Igreja (São Paulo, São Pedro, Santo Agostinho, etc.), geralmente do mesmo grupo étnico. Havia também uma base para os conflitos étnicos, que já vimos na primeiro e segunda parte deste livro.

No Mediterrâneo Oriental (Ásia Menor, Egeu, Cartago, Egito, Fenícia, Israel, Judeia, Babilônia, Síria, Jordânia, etc.), os escravos, atormentados, criminosos, exilados, oprimidos e párias[15] da Mesopotâmia, Egito, Império Hitita e Império Persa, que bem infestado de personagens diversos, esteve nas bases e nas origens do judaísmo. E seus vapores também intoxicaram muitos gregos decadentes de Atenas, Corinto e outros estados helênicos, já séculos antes da era cristã.

---

[15]São a escória da humanidade, que são indivíduos sem pureza racial e sem casta, ou seja, mestiços.

Quando Alexandre, o Grande, conquistou o Império Macedônio, que se estendia da Grécia aos confins do Afeganistão, e do Cáucaso ao Egito, toda a área do Império Persa, o Mediterrâneo Oriental e o Norte da África receberam uma forte influência grega, influência que seria fortemente sentida na Ásia Menor, Síria (incluindo a Judeia) e, acima de tudo, no Egito, com a cidade de Alexandria (fundada por Alexandre em 331 a.C.) como o expoente máximo.

Isso inaugurou uma etapa da hegemonia macedônia que é chamada de helenística, para diferenciá-la do helênico "clássico" (dóricos, jônios, coríntios). Alexandre, o Grande, promoveu o conhecimento e a ciência em todo o seu império, patrocinando as várias escolas de sabedoria, e após sua morte, seus sucessores macedônios continuaram na mesma linha. Já muitos séculos depois, no baixo Império Romano, depois de uma terrível degeneração, pudemos distinguir, dentro do helenismo, duas correntes:

a) Tradicionalmente elitista, com base nas escolas egípcia, helenística e alexandrina, que preconizavam a ciência e o conhecimento espiritual, e onde as artes e as ciências floresciam numa escala nunca antes vista, sendo a cidade de Alexandria o seu maior expoente. Tal era a importância e o "multiculturalismo" de Alexandria (assim como sua abundância de judeus que nunca paravam de se agitar contra o paganismo) como a maior cidade do mundo antes de Roma, que foi chamada de "a Nova York" dos tempos antigos. A Biblioteca de Alexandria, reduto da gnose das altas castas, proibida ao povo comum e repleta de sábios egípcios, persas, caldeus, hindus e gregos, além de cientistas, arquitetos, engenheiros, matemáticos e astrônomos de todo o mundo.

b) Outro caráter contracultural e mais popular, liberal e massivo, sofista e cínico (mais livremente estabelecido na Ásia Menor e na Síria), que distorceu e misturou os cultos antigos e que, em uma mentalidade claramente humanista e suavizada, se dirigiu às massas de escravos do Mediterrâneo Oriental, pregando as primeiras noções de "democracia livre para todos", "Igualdade livre para todos" e "direitos livres para todos". Esta vertente foi caracterizada por um multiculturalismo e cosmopolitismo bem-intencionados, mas finalmente fatídicos, que enfeitiçaram as mentes de muitos escravos educados, e pela exportação da cosmovisão e cultura gregas para povos não-gregos, bem como pela exportação da cultura judaica para povos não-

judeus. Esta última corrente foi o pano de fundo helenístico que, desfigurado, juntou o judaísmo e a decadente religião babilônica, formando o cristianismo – que, não esqueçamos, foi inicialmente pregado exclusivamente na língua grega para massas de servos, pobres e plebeus nos bairros insalubres das cidades do Mediterrâneo Oriental. Os primeiros cristãos eram comunidades exclusivamente de sangue judeu, tornadas cosmopolitas com sua diáspora forçada e o contato helenístico que implicava e, até certo ponto, esses "judeus do gueto" (dos quais São Paulo é o exemplo mais representativo) eram desprezados pelos círculos judaicos mais ortodoxos.

As Sete Igrejas mencionadas no Novo Testamento (Apocalipse, 1:11): Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. Todos elas localizadas na Ásia Menor. Este núcleo geográfico é para o cristianismo o que a Baviera é para o Nacional-Socialismo: o centro em que o novo credo fermenta e sua expansão é energizada. Esta área, fortemente helenizada culturalmente, densamente povoada e sede de um verdadeiro caos étnico, é onde os apóstolos, em língua grega, inflaram para pregar, e aqui também ocorreram importantes concílios teológicos cristãos (como Niceia, Calcedônia ou Ancira). O cristianismo, que para se expandir aproveitou a vantagem oferecida pela dispersão dos escravos semíticos por todo o Império Romano, representa um refluxo asiático derramado sobre a Europa.

Figura 41 — As Sete Igrejas faladas no Novo Testamento

Fonte - Europa Soberana (2013)

Capítulo 2 – Aparece "A Seita Judaica"

Começamos no ano 33, data em que um rebelde judeu chamado Yahshua ou Jesus, que havia se proclamado Messias dos judeus e rei de Israel, foi crucificado nas mãos dos romanos. Nesta primeira fase expansiva do cristianismo, Saulo de Tarso (posteriormente, São Paulo), um judeu com cidadania romana, de educação helenística e cosmopolita, embora criado sob o fundamentalismo judaico mais recalcitrante, assume uma importância especial. No início, esse personagem dedicou-se a perseguir os cristãos (que, não esqueçamos, eram todos judeus) em nome das autoridades do judaísmo "oficial".

Em um momento da sua vida, ele "cai do cavalo" (literalmente, segundo se conta) e diz a si mesmo que uma doutrina que teve um efeito tão hippie entre os próprios judeus, causaria terrível devastação em Roma, odiada até a morte tanto por ele quanto por quase todos os judeus de seu tempo, ressentidos com a ocupação sinistra das legiões, as graves guerras contra Roma e as deportações.

Após sua grande revelação, São Paulo decide que o cristianismo é uma doutrina válida para ser pregada aos gentios, ou seja, aos não-judeus. Com esta habilidade diplomática inteligente para negócios e movimentos subversivos, São Paulo estabelece numerosas comunidades cristãs na Ásia Menor e no Egeu, de onde a "boa nova" será pregada hiperativamente. Posteriormente, numerosos centros de pregação foram fundados no norte da África, Síria e Palestina, passando inevitavelmente para a Grécia e a própria Roma. O cristianismo se espalhou como fogo pelas "camadas inferiores" da população do Império, que eram as camadas mais etnicamente orientalizadas.

O cristianismo, então, passa para o Império Romano com os judeus, encabeçados por São Paulo, São Pedro e outros pregadores. Sua natureza, baseada nos sinistros mistérios siro-fenícios — que pressupunham a pecaminosidade e a impureza do ser que os praticava — é atraente para as imensas massas mestiças dos escravos romanos. As primeiras reuniões cristãs em Roma são realizadas secretamente, nas catacumbas judaicas subterrâneas, e nas mesmas sinagogas judaicas são proferidos discursos e sermões cristãos, muito diferentes daqueles que serão proferidos na Europa cristã posterior: os discursos de São Paulo, por exemplo, são gritos políticos; arengas inteligentes, virulentas e fanáticas de rebelião contra todo o mun-

do europeu e, especialmente, contra seus maiores expoentes no Grande Oriente: Grécia e Roma. Nos discursos, misturam-se fórmulas incendiárias, como as visões delirantes do Apocalipse, a queda de Roma ou da Babilônia, a recuperação de Jerusalém, a reconstrução do templo de Salomão, a matança dos infiéis, a chegada do Reino dos Céus, a eterna salvação, por meio de Jesus Cristo, a condenação hedionda dos pagãos pecadores e todas aquelas estranhas ideias orientais.

Outro ponto-chave que deve ser reconhecido como muito hábil por parte dos primeiros pregadores foi aproveitar a afinidade cristã com os pobres, os despossuídos, os abandonados, os vagabundos e os que não podem ajudar a si mesmos, para estabelecer instituições de caridade, socorro e assistência, claramente precursores daquela "consciência social engajada" que vemos hoje, e que nunca antes havia sido vista no mundo pagão. É fácil ver que essas medidas tiveram o efeito de atrair para si toda a escória que havia nas ruas de Roma, bem como preservá-la e aumentá-la.

O cristianismo é imediatamente perseguido no Império de forma intermitente e esporádica, pois seus membros se recusam a servir nas legiões e a prestar homenagem ao imperador. Embora as perseguições romanas anticristãs tenham sido muito exageradas pelos vitimizadores, a opressão moderada sofrida pelos cristãos foi essencialmente por razões políticas e não religiosas: o Império Romano sempre tolerou religiões diferentes, mas suas autoridades viam o cristianismo como uma seita subversiva, uma cobertura do judaísmo que lhes deu tantas dores de cabeça no Oriente; um centro de pregação antirromana, já que, entre outras coisas, os bispos locais agiam como líderes da mesma rebelião antirromana. Os políticos romanos da época, aliás, nem sequer distinguiam entre cristãos e judeus — por mais imbricados que fossem —, e não sem razão viam no cristianismo um instrumento para a vingança dos judeus contra Roma, pois consideravam o cristianismo como um movimento de religiosos de tantos (saduceus, fariseus, zelotes) dentro da judiaria. Em muitos casos, as várias facções cristãs se enfrentavam entre si em

Figura 42 — Cristãos sendo jogados aos leões, por Jean-Léon Gérôme

Fonte: agnus dei (2016)

guerras de espadas e envenenamento (não muito diferentes das gangues étnicas de hoje).

Capítulo 3 – O caso de Nero como exemplo de distorção histórica

O exemplo perfeito de vitimização cristã é encontrado na figura do imperador Nero. Nero entrou para a história como um psicopata cruel, tirânico, pervertido, desequilibrado e abusivo, e é realmente incrível a quantidade de lixo que os cristãos despejaram em sua biografia, a tal ponto que o nome de Nero já é sinônimo de tirania, desequilíbrio e depravação. O verdadeiro problema de Nero é que ele não suportava o judaísmo ou o cristianismo, e muitos judeus e cristãos encontraram ossos de seus familiares no Coliseu, nas mandíbulas de algum leão, sob o estrondoso aplauso do povo de Roma, por ordem expressa dele. O motivo que levou ele a fazer isso foi o seguinte: no ano 64, ocorreu um grande incêndio em Roma que destruiu inúmeros bairros e deixou a cidade em estado de emergência. Nero acolhe as vítimas do incêndio, abrindo as portas de seu palácio para que o povo tenha onde ficar. Além disso, ele paga a reconstrução da cidade com seus próprios fundos privados.

Figura 43 — O Imperador Nero

Fonte: Mail Online (2012).

O que o imperador fez foi agir contra os cristãos. Nas palavras do famoso historiador romano **Tácito** (55-120), *"Nero culpou e infligiu as mais cruéis torturas a uma classe odiada por suas abominações, chamada cristã pela população"*. Ele ordena que eles sejam presos "não só por serem incendiários, mas por seu ódio à raça humana". Nero, então, faz o seguinte com os cristãos capturados: *Cobertos com peles de animais, eles foram despedaçados pelas feras e morreram, ou foram pregados em cruzes, ou condenados às chamas e queimados, ou servidos na noite da iluminação, quando a luz do dia havia expirado.*

Outro assunto separado é a esposa de Nero, Popeia Sabina. Esta acaba por ser uma figura interessante como uma mulher bonita, ambiciosa, sem escrúpulos e moral, conspiradora, manipuladora e típica de uma sociedade demasiado civilizada – uma verdadeira vadia. Já casada duas vezes, e através de suas influências como amante, ela convence o próprio Nero a matar sua própria mãe e se divorciar de sua própria esposa - após o que ele faz com que ela seja exilada e forçada a cortar suas veias, seu cadáver é decapitado e sua cabeça apresentada a Popeia. Depois disso, já com a vida livre, ela se casa com Nero e invade a alta sociedade romana com excessos em termos de sedução, extravagâncias e várias arrogâncias. Precisamente a mando de suas intrigas, o famoso filósofo hispânico Sêneca é levado ao suicídio.

Figura 44 — Mosaico romano (século I)

Fonte: Astrologos del Mundo (2014)

Popeia, no entanto, simpatiza abertamente com os judeus e a causa cristã, favorecendo-os por meio de conspirações palacianas pelas costas do imperador. Este, já cansado de ter a conspiração perto de si, supostamente a mata com um chute no estômago. O ano é 65. Todos esses acontecimentos são seguidos por uma repressão antijudaica por parte de Nero, na qual caem futuros santos cristãos, como o judeu São Pedro (ex-pescador e primeiro bispo de Roma - considerado, portanto, o primeiro Papa) e São Paulo, outro judeu que tinha sido tão indisciplinado. São Paulo é decapitado por ser cidadão romano. São Pedro, que não tem cidadania romana (imigrante não regulamentado), é crucificado de cabeça para baixo. Segundo a tradição cristã, ele pede para ser crucificado assim por "não ser digno de morrer como Jesus", mas segundo o historiador judeu Flávio Josefo, crucificar em posições incômodas é uma prática comum entre os soldados romanos para se divertirem de uma forma um tanto macabra.

Nero, apesar de ter provado ser magnânimo e generoso com o povo, entrou para a história moderna como o Anticristo, um assassino cristão implacável que assassinou sua própria esposa por capricho, que por medo de conspirações se cercou

de uma guarda pessoal de pretorianos de origem alemã – os únicos que ele considerava suficientemente leais, e que ele causou o fogo para que ele pudesse tocar a lira de mentiras enquanto cantava uma canção diante das chamas, com o objetivo de culpar os cristãos por algum ódio estranho e irracional, quando Nero nem sequer estava em Roma quando o fogo começou.

Capítulo 4 – Cristianismo se estabelece fora da Judeia

Assim que os judeus ficam sabendo dos acontecimentos ocorridos em Roma com os cristãos, começam a planejar uma revolta e, perfeitamente coordenados, revoltam-se por todo o Império Romano. Assim, no ano 66, em um golpe rápido e bem planejado, eles passaram à espada todos os habitantes não-judeus de Jerusalém, exceto os escravos que se submeteram a eles. Nero usa suas legiões para esmagar a revolta no resto do Império, mas em sua capital, os judeus permanecem fortes. No ano 68, quando o general Vespasiano partia para tomar Jerusalém, Nero é misteriosamente assassinado.

Vespasiano, então, torna-se imperador e envia seu filho Tito à frente da X Legião, com o objetivo de esmagar os judeus. No ano 70, Roma triunfa, Jerusalém é arrasada e saqueada pelos legionários romanos e diz-se que um milhão de judeus morreram sob as armas romanas no processo (somente em Jerusalém, 3 milhões de judeus se acumularam durante o cerco). Este ano 70, fatídico, traumatizante, ultrajante e chave para a judiaria, viu a escravização e dispersão de judeus por todo o Mediterrâneo (diáspora), favorecendo muito o crescimento do cristianismo.

Há sucessivos imperadores (Trajano, Adriano) que estão muito conscientes do problema judaico, que não prestam muita atenção ao próprio cristianismo, principalmente porque estão muito ocupados com o quebra-cabeça judaico na "terra santa", reprimindo os judeus de novo e de novo, sem destruí-los completamente. Neste momento, a nova religião está crescendo pouco a pouco e ganhando seguidores entre as massas escravas graças à sua ideologia igualitária e também em altos cargos da administração, entre uma burocracia cada vez mais decadente e materialista. O cristianismo glorificava a desgraça em vez de glorificar a luta contra ela, considerava o sofrimento como um mérito que dignifica em si mesmo e proclamava que o Paraíso aguarda qualquer um que se comporte bem (lembre-se de como os pagãos ensinavam que apenas os combatentes entravam no Valhala). É a religião dos escravos, e eles de bom grado a tornam sua.

O cristianismo primitivo desempenhou um papel muito semelhante ao da maçonaria posterior: era a estratégia judaica de disfarçar e usar personagens fracos e ambiciosos, fascinando-os com um ritualismo sinistro. O resultado é como um comunismo para o Império Romano, até favorece a "emancipação" e a independência

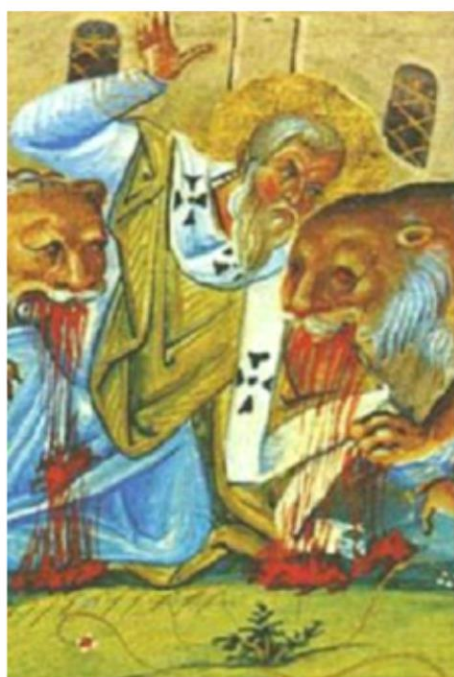
das mulheres de seus maridos, para capturá-las com a estranha e nova liturgia cristã, e exortá-las a doar seu próprio dinheiro para a causa, em uma farsa bastante semelhante em sua essência à atual New-Age.

Figura 45 — Mapa da extensão do cristianismo por volta do ano 100

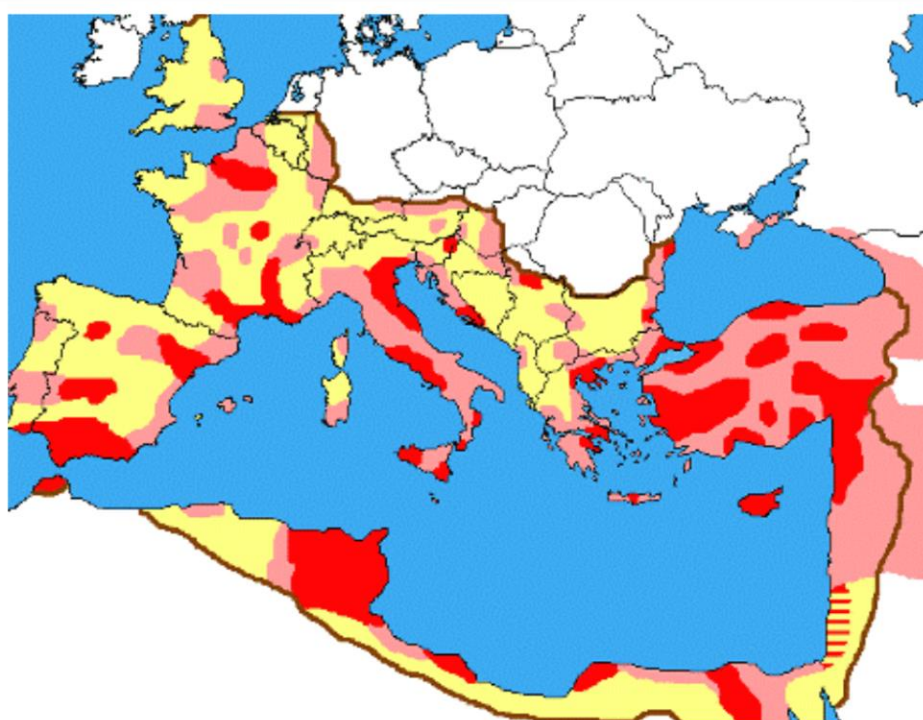
Fonte - Europa Soberana (2013)

Este mapa mostra a extensão do cristianismo por volta do ano 100. O Império Romano é representado em um tom mais claro do que os territórios bárbaros. Observe que as áreas de pregação cristã coincidem exatamente com as áreas de maior concentração judaica.

É no início do século II que a figura dos figurões cristãos chamados “bispos” começa a ganhar importância. Santo Inácio de Antioquia (é interessante observar os sobrenomes dos pregadores, pois eles sempre vêm de áreas orientais mestiças e judaizadas — no caso, a Síria) escreveu no ano 107, da forma mais cafona, que: "É óbvio que devemos olhar para um bispo como para o Senhor em pessoa. Seu clero está em harmonia com seu bispo como as cordas de uma harpa, e o resultado é um hino de louvor a Jesus Cristo de mentes que se sentem em uníssono." Santo Inácio é capturado pelas autoridades romanas e jogado aos leões em 107.

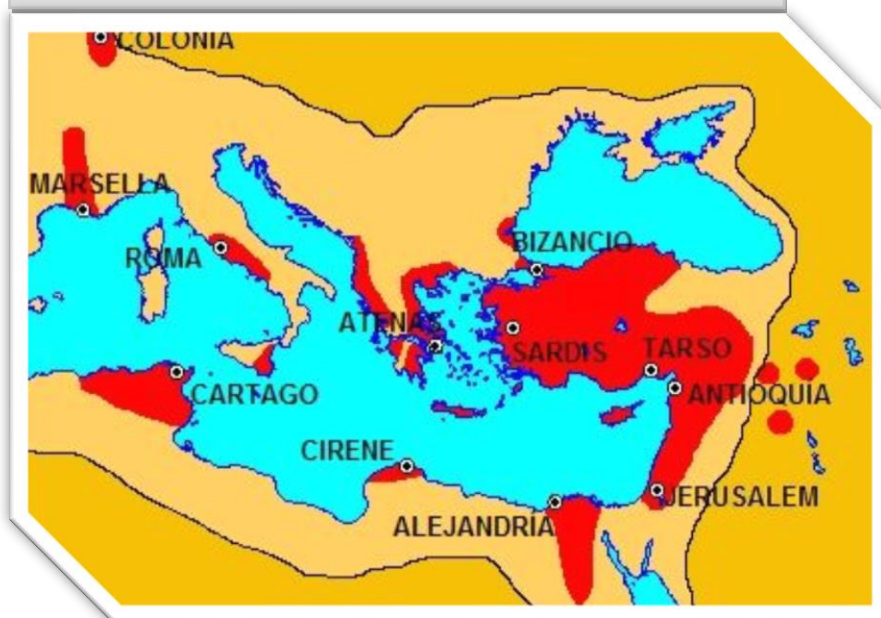
Figura 46 — Santo Inácio sendo jogado aos leões

Fonte - Europa Soberana (2013)

Por volta do ano 150, o grego Marcião tenta fazer uma espécie de purificação "des-judaizante" no cristianismo, rejeitando o Antigo Testamento, dando preeminência ao Evangelho de São Lucas e adotando uma cosmovisão gnóstica com ares órficos e maniqueístas. Esta é a primeira tentativa de "reformar", de europeizar o cristianismo, tentando despojá-lo de sua óbvia origem judaica. Seus seguidores, os Marcionitas, que professam um credo gnóstico, são classificados como hereges pela corrente principal do Cristianismo.

Figura 47 — Situação do Império Romano no ano 150

Fonte - Europa Soberana (2013)

Na figura 47, mostra a situação do Império Romano no ano 150, quando a população total deveria atingir 60 milhões, particularmente concentrada no foco do

Oriente Próximo. O vermelho indica territórios em que algumas cidades (lembre-se que esta é uma religião essencialmente urbana) têm uma população cristã significativa.

Figura 48 — Mapa da expansão geral do cristianismo no ano 185

Fonte - Europa Soberana (2013)

A figura 48 é o mapa que mostra a expansão geral do cristianismo em 185. Observe a grande diferença em relação ao mapa anterior e observe também que a área mais influenciada pelo cristianismo continua sendo o Mediterrâneo oriental, uma área fortemente semitizada.

Algum tempo depois do ano 200, em vista do fato de que grandes novas massas estavam sendo incorporadas ao cristianismo que não falavam grego, mas latim, uma tradução latina dos Evangelhos começou a circular nos centros cristãos mais ocidentais.

O imperador Diocleciano (reinou de 284 a 305) dividiu o Império em duas metades para torná-lo mais governável. Ele mantém a parte oriental e entrega a parte ocidental a Maximiano, um ex-companheiro de armas dele. Estabelece uma burocracia rígida, e essas medidas já cheiram a uma decadência irreversível. Apesar disso, Diocleciano é um veterano realista e justo. Ele permite que seus legionários cristãos se ausentem das cerimônias pagãs, desde que mantenham sua disciplina militar. Mas precisamente esta foi a questão mais difícil, onde os bispos desafiaram insolentemente a autoridade do imperador.

Ele, no entanto, é benevolente e apenas um pacifista cristão é executado. No entanto, ele agora insiste que os cristãos participem de cerimônias estatais de natureza [pagã] religiosa, e a resposta cristã a essa decisão é crescente de raiva e arrogância, com numerosos tumultos e provocações. Mas mesmo neste ponto, o imperador Diocleciano renuncia a aplicar a pena de morte, contentando-se em fazer escravos dos rebeldes que capturou. A resposta a isso é mais tumultos e um incêndio no próprio palácio imperial, e provocações e insolências cristãs ocorrem em todo o Império. Mas o máximo que Diocleciano faz é mandar executar nove bispos rebeldes e 80 rebeldes na Palestina, a área mais agitada pelas rebeliões cristãs.

Figura 49 — Imperador Diocleciano

Fonte - Europa Soberana (2013)

Um desses rebeldes era uma monstruosidade chamada São Procópio. Para se ter uma ideia da natureza de tais personagens, vejamos as palavras ditas sobre ele pelo bispo Eusébio de Cesarea: "Ele domou seu corpo a ponto de convertê-lo, por assim dizer, em cadáver; mas a força que sua alma encontrava na palavra de Deus, dava vigor ao seu corpo... Ele apenas estudava a palavra de Deus e dificilmente tinha conhecimento das ciências profanas". Ou seja, esse sub-homem era um corpo enfermo e um espírito esmagado e ressentido, que se distanciava de tudo o que há de "profano" (natural) no mundo, e que só conhece a Bíblia e os discursos dos bispos. O cristianismo foi alimentado no início por homens semelhantes: judeus que praticavam uma ascese que beirava o sadomasoquismo, que transformavam seus corpos em destroços e seus espíritos em pastores tirânicos e ressentidos.

Apesar da brandura dessas perseguições, Diocleciano[16] fica na história como um monstro sedento de sangue cristão. A história é escrita pelos vencedores.

---

[16]Considera-se que, após o reinado do imperador Diocleciano, Roma entrou em profunda decadência.

Capítulo 5 – Cristãos deixam de ser perseguidos

Em 311, o imperador Galério cessou a perseguição ao cristianismo através do Édito de Tolerância de Nicomédia, e os edifícios cristãos começaram a ser construídos sem a interferência do Estado. Agora os cristãos conseguiram se infiltrar nos escalões superiores, exercer as pressões apropriadas e colocar em movimento as fontes de que precisam para que Roma ceda cada vez mais. Este imperador tem sido um defensor da perseguição medíocre realizada por Diocleciano, mas ele não deveria ter aprendido a lição e talvez pense que, cedendo e concedendo tolerância aos cristãos indisciplinados, eles cessarão suas agitações. Ele estava errado. Os cristãos há muito se propuseram a derrubar Roma.

Figura 50 — Imperador Galério

Fonte - Europa Soberana (2013)

Em 306, o imperador Constantino I "O Grande" (reinou em 306-337) chegou ao poder. Este imperador não é cristão, mas sua mãe Helena é, e logo ele se declara um forte defensor do cristianismo.

Figura 51 — Constantino I

Fonte - Europa Soberana (2013)

No ano 313, através do Édito de Milão, a "liberdade religiosa" é proclamada e a religião cristã é legalizada no Império Romano, por Constantino representando o Império Ocidental, e Licínio representando o império Oriental. O império está em franco declínio, porque não só o povo romano original se entregou ao luxo, voluptuosidade e opulência, recusando-se a servir nas legiões, mas o cristianismo se infiltrou na elite burocrática, e já numerosos personagens influentes o praticam e defendem. O Édito de Milão é importante, pois acaba de uma vez por todas com a clandestinidade em que o mundo cristão estava mergulhado.

Assim que foram legalizados, os cristãos começaram a atacar os pagãos sem trégua. O Concílio de Ancira em 314 denuncia o culto à deusa Ártemis (a deusa favorita e mais amada dos espartanos) e um decreto do mesmo ano faz com que pela primeira vez turbas histéricas comecem a destruir templos pagãos, quebrar estátuas e assassinar os sacerdotes. Temos que ter uma ideia do que envolvia a destruição de um templo nos tempos antigos. Um templo não era apenas um local de culto religioso para os sacerdotes, mas era um local de encontro e referência para todo o Povo.

Nos nossos dias, estádios de futebol ou discotecas são minimamente semelhantes ao que o templo representava para o povo. Destruí-lo era diretamente equivalente a sabotar a unidade daquele povo, destruindo o próprio povo. Quanto à quebra de estátuas, é igualmente trágico. Os gregos (e isso foi herdado pelos romanos) acreditavam firmemente que seus melhores indivíduos eram semelhantes aos deuses, dos quais se consideravam descendentes. Isso é visto muito claramente na mitologia grega, onde havia mortais tão perfeitos e belos que muitos deuses (como Zeus) tiveram amantes mortais, e muitas deusas (como Afrodite) fizeram o mesmo.

Além disso, muitos indivíduos particularmente perfeitos e corajosos poderiam alcançar a imortalidade olímpica como mais um deus. Só um povo que se considera próximo dos deuses poderia ter inventado isso, e para refletir o que era esse tipo humano, amado pelas forças divinas, os gregos estabeleceram um cânone de per-

feição para o corpo e rosto, em que toda uma rede de proporções matemáticas complexas e números sagrados foi criada. Destruir uma estátua era destruir o ideal humano helênico, era sabotar a capacidade do homem de alcançar a própria Divindade, de onde veio e para a qual um dia voltará.

Enquanto as destruições antipagãs ocorrem, e como um lembrete de que o cristianismo primitivo sempre foi pró-judaico e antirromano, Constantino permite que os judeus visitem Aelia Capitolina (Jerusalém) para chorar no Muro das Lamentações, que é e continua sendo a única coisa que resta do templo de Salomão. Assim, Constantino quebra a proibição decretada aos judeus no ano de 134, quando as legiões romanas aniquilaram a Revolta Palestina de Bar Kokhba durante a Terceira Guerra Judaico-Romana.

Desde 317, as legiões do império – que já não têm nada a ver com aqueles antigos legionários romanos de origem itálica, mas são atormentadas por cristãos indisciplinados, por um lado, e alemães leais ao Império, por outro – são acompanhadas por bispos. Além disso, eles já lutam sob o signo de Labarum, as duas primeiras letras gregas do nome Cristo, isto é, X (Chi) e, P (Rho), combinadas, e sob a cruz cristã, supostamente reveladas a Constantino em um sonho em que "In Hoc Signo Vinces" ("com este sinal, você vencerá", latim) é transmitido a ele.

Figura 52 — Labarum ou Crismon

Fonte - Fórum de Numismática (2014)

Um Labarum ou Crismon, símbolo cristão adotado por Constantino e mandado inscrever nos escudos dos legionários. Observe as letras gregas X (Chi) e P (Rho) que formam o Labarum propriamente dito, e as letras gregas alfa maiúsculo e ômega minúsculo em ambos os lados do Labarum.

Capítulo 6 – Genocídio Antipagão

Em 325, após o Concílio de Nicéia, o cristianismo alcançou uma uniformidade doutrinária que unificou as várias facções, e adquiriu um caráter jurídico-administrativo, como um estado dentro do estado. Nicéia, aliás, é uma cidade da província da Bitínia, na Ásia Menor (atual Turquia). Constantino reúne 318 bispos, cada um escolhido por sua comunidade, para debater e estabelecer uma "normalização cristã", tendo em vista as muitas facções e discrepâncias dentro da religião. O resultado é o chamado "credo Niceno", usado pelo cristianismo para pregar.

Neste momento, o imperador precisava de uma força unificadora para as diversas raças que haviam sido impostas em Roma. Havia algumas "religiões de salvação" com ritos que eram praticados em segredo, e que são principalmente parte dos cultos "subterrâneos" e "salvação" que sempre surgem em tempos de decadência e degeneração. Há o culto de Mitra (culto de origem iraniana e de caráter militar, já corrompido pelas massas, embora durante uma era ascendente fosse popular nas legiões romanas), o de Cibele e o de Atya.

O imperador escolhe o cristianismo para o seu império, não por causa do seu valor como religião, mas porque a sua intolerância semítica, o seu fanatismo – famoso em todo o império – a sua experiência secular como ferramenta de intriga, as suas redes de inteligência e o seu proselitismo equalizador e "globalizador", fazem dele a perfeita "religião de emergência", uma vez que as outras religiões, desprovidos de intolerância, eles não serão impostos pela violência a pessoas relutantes, com esse efeito unificador e de rebanho que o cristianismo proporcionará. E o que o tolo Constantino precisa é precisamente de um rebanho, não de uma combinação de pessoas diferentes, cada uma com sua própria identidade. O cristianismo, portanto, prolonga ligeiramente a agonia do Império Romano. As pessoas começam a se converter ao cristianismo por esnobismo e ânsia crescente, para alcançar altas posições – isto é, para "fazer uma carreira".

Figura 53 — Culto a Mitra

Fonte - Stellar House Publishing (2019).

De todos os cultos religiosos exóticos que proliferaram no Baixo Império Romano, Mitra é talvez o mais interessante. Vindo do Irã, ele era extremamente popular entre as legiões romanas, que lhe deram um caráter marcadamente militar. Este culto baseava-se na recriação do sacrifício do touro telúrico primordial para liberar a energia do Cosmos (a criação do mundo a partir da queda de seres "titânicos" primordiais é muito recorrente em praticamente qualquer mitologia pagã indo-europeia), assemelhando-se ao iniciado ao herói que triunfa da besta com armas na mão. O culto de Mitra foi duramente perseguido pelo cristianismo, e seus templos, os Mitreus, foram destruídos.

Assim que, depois de mil intrigas, conspirações, lutas de facções, envenenamentos, manipulações e chantagens, o Edito de Milão dá ao cristianismo a consideração de uma religião "respeitável", dando-lhe uma pista livre, a humildade rastejante desaparece e o rosto cristão mais desagradável aparece: os cristãos imediatamente exigem que os "adoradores de ídolos" recebam as punições bestiais descritas no Antigo Testamento. Em toda a Itália, com exceção de Roma, os templos de Júpiter são fechados a força.

Em Dídima, na Ásia Menor, o santuário do Oráculo de Apolo é saqueado, que, junto com os outros sacerdotes, é sadicamente torturado até a morte. Constantino expulsa os pagãos do Monte Athos (área mística pagã da Grécia que mais tarde se tornará um importante centro cristão-ortodoxo), destruindo todos os templos pagãos da região. Em 324, Constantino, submetido a uma lavagem cerebral por sua mãe Helena, ordena a destruição do templo do deus Asclépio na Cilícia, bem como de numerosos templos da deusa Afrodite em Jerusalém, Afaka (Líbano), Mambre, Fenícia, Baalbek e outros lugares.

Em 326, Constantino mudou a capital de seu império para Bizâncio, que ele renomeou Nova Roma. Isso, juntamente com a adoção do cristianismo, significa uma mudança radical dentro do Império Romano. A partir de então, o foco romano de atenção cultural mudou de sua origem no norte da Europa e na Grécia, para a Ásia Menor, Síria, Palestina e Norte da África (o Mediterrâneo Oriental, de onde agora vem a maioria dos habitantes do Império), importando modelos de beleza semítica escura impensável para os antigos romanos, que, como os gregos, eles tinham a beleza nórdica em alta estima como um sinal de origem nobre e divina.

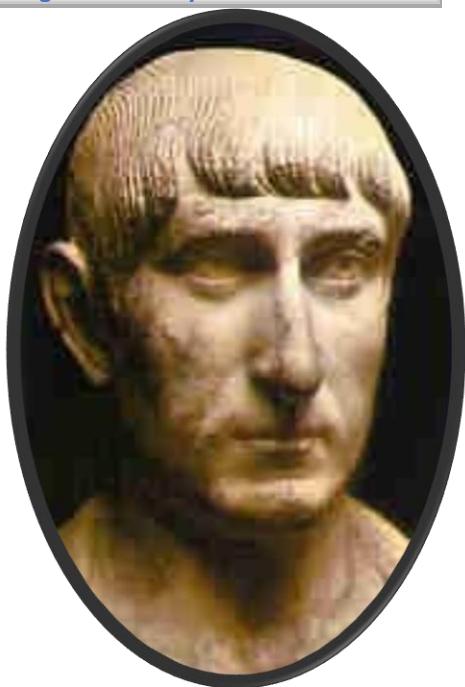
Figura 54 — Estátua de Apolo

Fonte - Legio Victrix (2020)

Em 330, Constantino rouba estátuas e tesouros da Grécia para decorar Nova Roma (mais tarde Constantinopla), a nova capital de seu império. Ao mesmo tempo, um bispo de Cesareia, na Ásia Menor — mais tarde conhecido como São Basílio—, a quem são atribuídas grandes frases como "Chorei por minha vida miserável", lançou as bases do que mais tarde seria a Igreja Ortodoxa.

Em 337, em seu leito de morte, o imperador Constantino I é batizado cristão, tornando-se o primeiro imperador romano cristão. Os bajuladores judaico-cristãos, querendo deixar claro qual foi o exemplo do imperador para eles, o chamarão de Constantino I "o Grande".

Em 341, o imperador Flávio Júlio Constâncio (reinou em 337-361), outro cristão fanático, proclama sua intenção de perseguir "todos os adivinhos e helenistas". Assim, muitos pagãos gregos são presos, torturados e executados. Nessa época, líderes cristãos famosos, como Marcos de Arethusa ou Cirilo de Heliópolis, fizeram suas ações, principalmente demolindo templos pagãos, queimando importantes escritos e perseguindo pagãos que de alguma forma ameaçavam a expansão da incipiente Igreja.

Figura 55 — Imperador Constâncio

Fonte - Apologia 2.1 (2012)

Sobre a aparência do imperador Constâncio. Seu porte é claramente mais suave e fraco do que o dos antigos imperadores pagãos.

Não podemos duvidar de que, pelo menos em parte, o cristianismo usou sua repugnância à decadência romana para perseguir qualquer culto pagão, assim como o Islã hoje rejeita o declínio da civilização ocidental. Esta foi apenas a desculpa perfeita e fortuita que o cristianismo tinha para justificar seus atos e exterminar o paganismo europeu. O que o cristianismo perseguia sistematicamente com desculpas desajeitadas, era algo puro e aristocrático: era helenismo luminoso, amante da consciência, da arte, da filosofia, do debate livre e das ciências naturais. Era o conhecimento egípcio, grego e persa. O que o cristianismo estava fazendo com sua perseguição e extermínio era literalmente apagar os vestígios dos deuses.

Em 346 há outra grande perseguição antipagã em Constantinopla. O famoso autor e orador anticristão Libânio é acusado de ser um "mágico" e banido. O que antes era conhecido como Império Romano, agora nessa altura ficou conhecido como um império enlouquecido, caótico e irreconhecível. Os patriotas pagãos romanos devem colocar as mãos na cabeça quando veem como multidões de ignorantes arrebatam de seus herdeiros toda a colheita de culturas pagãs, não apenas da própria Roma, mas também do Egito, Pérsia e Grécia.

Em 353, o Decreto de Constâncio introduziu a pena de morte para qualquer um que praticasse uma religião com "ídolos". Outro decreto, em 354, ordenou o fechamento de todos os templos pagãos. Muitos pagãos são agredidos por turbas fanáticas, que torturam e assassinam sacerdotes pagãos, saqueiam tesouros, queimam escritos, destroem obras de arte que hoje seriam consideradas sublimes e arrasam tudo em geral. A maioria dos templos que caem neste momento são profanados, sendo convertidos em estábulos, bordéis e salões de jogo. As primeiras "fábri-

cas" de cal são instaladas ao lado de templos pagãos fechados, dos quais extraem sua matéria-prima, de modo que grande parte da escultura e arquitetura clássicas é transformada em cal. No mesmo ano de 354, um novo édito[17] simplesmente ordenou a destruição de todos os templos pagãos e o extermínio de todos os "idólatras". Assim, se sucedem, pois, os assassinatos em massa de pagãos, demolições de templos, destruição de estátuas e queima de bibliotecas em todo o império.

Figura 56 — Estátua do imperador Augusto

Fonte - Europa Soberana (2013)

Na figura 56, mostra a estátua do imperador Augusto (o primeiro imperador romano, que era obviamente um pagão) deificada foi desfigurada pelos cristãos, que gravaram uma cruz em sua testa.

Não cometamos o erro de culpar os imperadores romanos cristianizados. Eram homens ridículos e fracos, mas estavam nas mãos de seus educadores. Esses instrutores, que respondem ao tipo de sacerdote vampírico e parasitário tão odiado por Nietzsche, foram os verdadeiros líderes da meticulosa e massiva destruição que estava ocorrendo. Os numerosos bispos e santos mencionados eram homens "cosmopolitas" de criação judaica, muitos dos quais nasceram na Judeia ou vieram de áreas essencialmente judaicas. Eram judeus transformados que, tendo entrado em contato com seus inimigos [romanos], estudando-os com atenção e com ódio, souberam destruí-los melhor. Eles tiveram uma ampla educação rabínica e também um

[17]Édito = lei

profundo conhecimento dos ensinamentos pagãos, dominando as línguas latina, grega, hebraica, aramaica, síria e egípcia. Tais personagens, com uma inteligência e astúcia tão marcantes quanto seu ressentimento, estavam convencidos de que estavam construindo toda uma nova ordem, e que para isso era necessário apagar 100% de todos os vestígios de qualquer civilização anterior e de qualquer pensamento que não fosse de origem judaica. Deve-se reconhecer que seu conhecimento psicológico e seu domínio da propaganda eram de alto nível.

Em 356, todos os rituais pagãos são proibidos e puníveis com a morte. Um ano depois, todos os métodos de adivinhação, incluindo a astrologia, também são proibidos.

Em 359, na cidade altamente judaizada de Scythopolis, (província da Síria, hoje corresponde a Bet She'an, em Israel), os líderes cristãos organizaram nada mais nada menos que um campo de concentração para os pagãos detidos em todo o Império. Neste campo, aqueles que professam crenças pagãs ou simplesmente se opõem à Igreja são presos, torturados e executados. Com o tempo, Citópolis se torna toda uma infraestrutura de acampamentos, masmorras, celas de tortura e salas de execução, onde acabariam milhares de pagãos. Os maiores horrores do palco acontecem aqui. São os gulags usados pelo comunismo da época para reprimir os "capitalistas burgueses"[18] pagãos, os dissidentes e a intelectualidade da sabedoria pagã, enquanto a população, inclusive familiares, traem e denunciam freneticamente uns aos outros para pisar uns nos outros e manter as posses dos caídos em desgraça.

[18]Naquela época não existia capitalismo. O Autor está usando somente uma metáfora para comparar as cenas de tortura daquela época com as que foram usadas pela revolução bolchevique mais pra frente.

Capítulo 7 – O Imperador Juliano como a última esperança romana

Figura 57 — Imperador Juliano

Fonte - Europa Soberana (2013)

Com a Europa neste estado lamentável, e toda a esperança parecendo perdida, surge uma última figura representativa da tradição ancestral: o imperador Flávio Cláudio Juliano (331-363), a quem os cristãos chamarão de Juliano o Apóstata, por ter rejeitado o cristianismo (no aquele que foi educado) e defendeu um retorno ao paganismo. Juliano restaura o paganismo em 361, organiza uma igreja pagã para se opor à Igreja Cristã e proclama benevolência para com os pagãos. Em 362, ordenou a destruição do túmulo de Jesus em Samaria.

Juliano foi filósofo, asceta, artista, neoplatônico, estoico, estrategista, homem de letras, místico e soldado. Nas guerras, acompanhava sempre as suas legiões, sofrendo as mesmas privações e calamidades de um soldado de infantaria comum. Diz-se que este imperador teve uma visão em sonho antes de sua morte: a águia imperial de Roma (símbolo solar de Júpiter) sai de Roma e voa em direção ao Oriente, onde se refugia nas montanhas mais altas do mundo. Depois de dormir por dois milênios, ela acorda e retorna ao Ocidente com um símbolo sagrado entre as patas, sendo aclamada pelo Povo do Império. Em 363, no meio de uma campanha contra o império parta do imperador Sapporo II, Juliano foi morto a facadas nas costas por um cristão infiltrado em suas fileiras.

O último imperador romano pagão foi, portanto, o homem que, tentando evitar o fim, vislumbrou um novo começo. Ele pertence àquela misteriosa lista de grandes homens nascidos tarde ou cedo demais. Após este último anúncio de uma futura ressurreição, Roma já está corroída, podre, amaldiçoada. Passou de um espírito espartano rude, vigoroso e natural para um helenismo decadente, cosmopolita, pro-

míscuo, pseudo-sofisticado e indulgente com escravos - e desse helenismo decadente para o credo cristão. Agora nada salvará Roma do declínio galopante final.

Capítulo 8 – O genocídio Antipagão continua com mais virulência

Juliano, o último imperador patriota de Roma, é sucedido pelo imperador Flavio Joviano, um cristão fundamentalista que reintroduz o terror, inclusive nos campos de Citópolis. Em 364 ele ordena a queima da biblioteca de Antioquia. Devemos supor que o que chegou até nós hoje da filosofia, ciência, poesia e arte em geral da era clássica nada mais é do que restos mutilados do que restou após a destruição cristã.

Por meio de uma série de decretos, o imperador decreta a pena de morte para todos os indivíduos que praticam o culto pagão (incluindo o culto doméstico e privado) ou praticam a adivinhação, e confisca todos os bens dos templos pagãos. Em um decreto de 364, ele proíbe líderes militares pagãos de comandar tropas cristãs.

Nesse mesmo ano, Flávio Joviano é sucedido pelo imperador Valentiniano, outro fundamentalista alienado. Na parte oriental, seu irmão Valente continuou a perseguir os pagãos, sendo especialmente cruel na parte mais oriental do império. Em Antioquia manda executar o ex-governador Fidustio e os sacerdotes Hilário e Patrício. O filósofo Simónides é queimado vivo e Maximus, outro filósofo, é decapitado. Todos os neoplatônicos e leais ao imperador Juliano são cruelmente perseguidos. A esta altura já deve ter havido uma forte reação anticristã por parte dos sábios e de todos os patriotas pagãos em geral. Mas era tarde demais e tudo o que restava era preservar de alguma forma o conhecimento deles.

Nas praças das cidades orientais erguem-se imensas fogueiras onde ardem os livros sagrados dos pagãos, a sabedoria gnóstica, os ensinamentos egípcios, a filosofia grega, a literatura romana... O mundo clássico está a ser destruído, e não só nesse presente, mas também no passado e no futuro. Os fanáticos cristãos querem, literalmente, apagar todos os vestígios do Egito, da Grécia e de Roma, que ninguém sabe que existiram e, sobretudo, o que os egípcios, os gregos e os romanos disseram, pensaram e ensinaram.

Em 372, o imperador Valentiniano ordenou ao governador da Ásia Menor que exterminasse todos os helenos (entendendo-se como tal os gregos pagãos de antiga linhagem helênica, isto é, arianos, e sobretudo a antiga casta governante macedônia) e destruísse todos os documentos relativos à sua sabedoria. Além disso, no ano seguinte ele proíbe novamente todos os métodos de adivinhação.

Foi nessa época que os cristãos cunharam o termo depreciativo "pagão" para designar os gentios, ou seja, todos que não são judeus nem cristãos. "*Pagano"* é uma palavra que vem do latim *pagani*, que significa aldeão. A razão é que, nas cidades sujas, corruptas, decadentes, cosmopolitas e mestiças do decadente Império Romano, a população é essencialmente cristã, mas no campo, os camponeses, que mantêm sua herança e tradição mais puras, praticam zelosamente culto pagão. É no campo, alheio ao multiculturalismo, que se preserva a memória ancestral (Tanto os cristãos quanto os comunistas trabalharam duro para acabar com o modo de vida do proprietário, do fazendeiro e do camponês.).

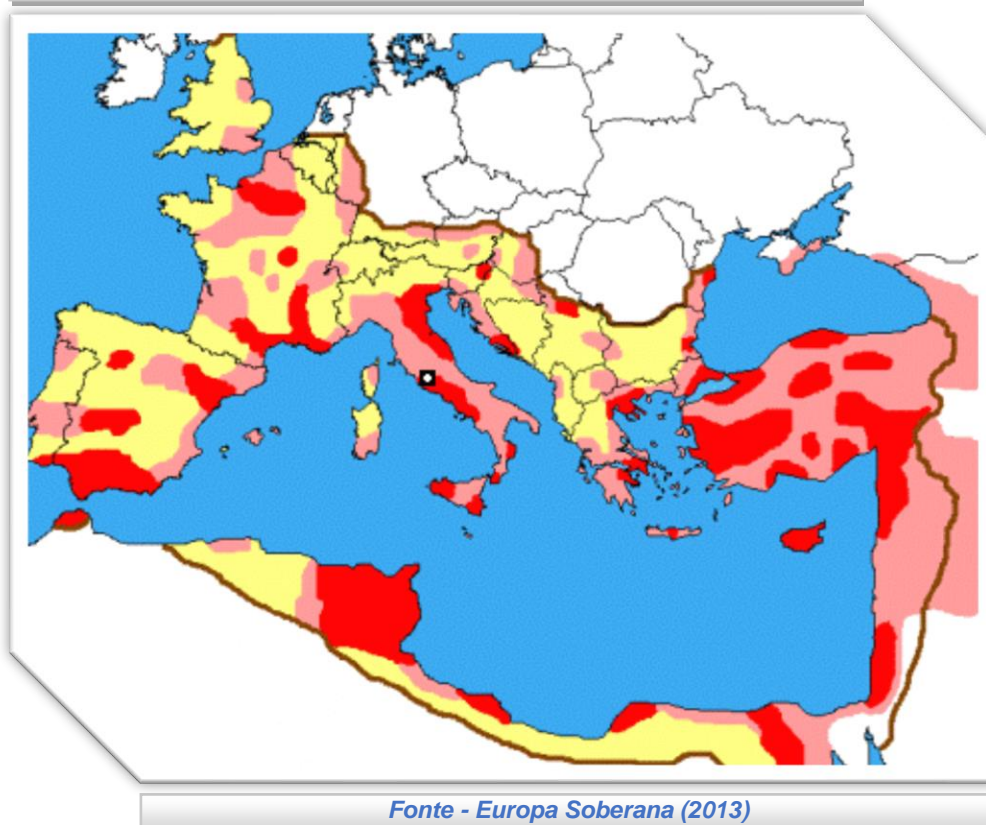
Figura 58 — Musa Grega

Fonte - Europa Soberana (2013)

No entanto, este paganismo camponês, privado da liderança sacerdotal e dos templos, e finalmente mergulhado na perseguição e na miscigenação, está fadado a se tornar com o tempo um feixe de superstições populares misturadas com o paganismo pré-indo-europeu, embora um pouco do pano de fundo tradicional sempre permaneça, como nos "curandeiros" e "bruxos" locais que sobreviveram por tanto tempo apesar da perseguição. Acabar com o paganismo não foi tão fácil. Não foi fácil encontrar todos os templos pagãos ou destruí-los. Também não foi fácil identificar todos os sacerdotes pagãos, ou os pagãos que praticavam seus ritos em segredo. Essa foi uma tarefa de longo prazo, para uma elite zelosa, meticulosa e fanática de "comissários" de que duraria muitas gerações, em séculos e séculos de terror espiritual e intensas perseguições.

Em 375, o templo do Deus Asclépio em Epidauro, na Grécia, foi fechado à força.

Figura 59 — Extensão do Cristianismo, ano 375

Fonte - Europa Soberana (2013)

Na figura 59, mostra a extensão do Cristianismo no ano 375. São indicados os territórios e fronteiras do Império Romano, já em declínio galopante. Em vermelho, as áreas fortemente cristianizadas. Em rosa, as áreas alcançadas pelo cristianismo, mas menos cristianizadas no momento.

Em 378 os romanos são derrotados pelo exército gótico na batalha de Adrianópolis. O imperador intervém e, por meio de uma diplomacia astuta, faz aliados (foederati, ou federados) dos godos, um povo germânico originário da Suécia, famoso por sua beleza e que tinha um reino onde hoje é a Ucrânia. Algum tempo depois, em 408, após a queda de Estilicão (um general de origem vândalo que serviu fielmente a Roma, mas que foi traído por uma turba política cristã invejosa), as esposas e filhos desses foederati alemães foram massacrados pelos romanos, propiciando que os homens, prisioneiros da raiva, se juntassem em massa ao senhor da guerra alemão Alarico.

Em 380, o imperador Teodósio I (Teodósio, o Grande, para o cristianismo) decreta, por meio do Édito de Tessalônica, que o cristianismo é agora oficialmente a única religião tolerável no Império Romano, embora naturalmente isso já fosse óbvio

há anos. Teodósio chama os pagãos de "loucos", bem como "nojentos, heréticos, estúpidos e cegos".

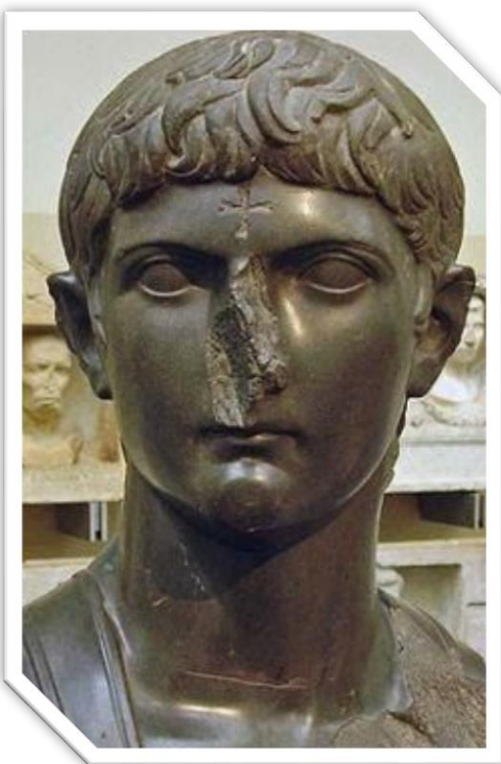
Figura 60 — Teodósio I

Fonte: Friederich (1840)

O bispo Ambrósio de Milão inicia uma campanha para demolir os templos pagãos em sua área. Em Elêusis, um antigo santuário grego, sacerdotes cristãos lançam uma multidão faminta, ignorante e fanática contra o templo da deusa Deméter. Os sacerdotes pagãos Nestório e Priskos quase são linchados pela multidão. Nestório, um venerável homem de 95 anos, anuncia o fim dos mistérios de Elêusis e prevê a imersão dos homens nas trevas por séculos.

Em 381, as simples visitas aos templos helênicos são proibidas, e a destruição de templos e a queima de bibliotecas continuam por toda a metade oriental do império. A ciência, a tecnologia, a literatura, a história e a religião do mundo clássico são assim queimadas. Em Constantinopla, o templo da Deusa Afrodite é transformado em bordel, e os templos do Deus Hélio e da Deusa Ártemis são transformados em estábulos. Teodósio persegue e fecha os mistérios de Delfos, o mais importante da Grécia, que tanto influenciou a história da Grécia antiga.

Em 382, a fórmula judaica Hellelu-Yahweh ou Haleluya ("Glória a Jeová"), é estabelecida em missas cristãs. Em 384, o imperador ordena que o prefeito pretor Materno Cinegio (tio do imperador e um dos homens mais poderosos do império) coopere com os bispos locais na destruição de templos pagãos na Macedônia e na Ásia Menor – o que ele, um cristão fundamentalista, faz de bom grado. Entre 385 e 388, Materno Cinegio, instigado por sua fanática esposa Acantia, e junto com o bispo São Marcelo, organizou bandos de assassinos cristãos "paramilitares" que vagavam por todo o Império do Oriente para pregar as "boas novas" – isto é, arrasando templos pagãos, altares e relicários. Eles destroem, entre muitos outros, o templo de Edessa, o Kabeireion de Imbros, o templo de Zeus em Apameia, o templo de Apollo em Didyma e todos os templos de Palmyra.

Figura 61 — Imperador Júlio César

Fonte - Europa Soberana (2013)

Na figura 61, mostra o busto do imperador germânico Júlio César, sucessor de Tibério. Os cristãos o desfiguraram e gravaram uma cruz em sua testa.

Em 388, o imperador, em um movimento pseudo-soviético, proíbe conversas sobre temas religiosos, provavelmente porque o cristianismo não pode se sustentar assim por muito tempo, e pode até sofrer sérios prejuízos apenas por meio de debates e argumentos religiosos livres. Neste ano, Libânio, o antigo orador de Constantinopla acusado de ser um mágico, dirige-se ao imperador com sua desesperada e humilde epístola "Pro Templis" ("Em favor dos templos"), tentando assim preservar os poucos templos pagãos remanescentes. Julgando o que aconteceu depois, podemos concluir que o imperador, infelizmente, não deu muita atenção a ele.

Entre 389 e 390 foram proibidas todas as datas festivas não-cristãs. Ao mesmo tempo, misteriosas tribos de selvagens do interior, lideradas por eremitas do deserto, invadem as cidades romanas do Oriente e Norte da África. No Egito, na Ásia Menor e na Síria, essas hordas invadem templos, estátuas, altares e bibliotecas, assassinando qualquer um em seu caminho. Teodósio I ordena a demolição do santuário de Delfos, um centro de sabedoria respeitado em toda a Hélade, destruindo seus templos e obras de arte.

O Bispo Teófilo, Patriarca de Alexandria, inicia perseguições aos pagãos, inaugurando em Alexandria um período de verdadeiras batalhas de rua campal, seja entre cristãos e pagãos ou mesmo entre as mesmas facções cristãs. Ele transforma o templo do deus Dionísio em uma igreja, destrói o templo de Zeus, queima o Mitreu (templo de Mitra) e profana as imagens do culto. Sacerdotes pagãos são publicamente humilhados, ridicularizados e escarnecidos antes de serem apedrejados até a morte.

Em 391, um novo decreto de Teodósio proíbe especificamente olhar para as estátuas pagãs destruídas. As perseguições antipagãs são renovadas em todo o império. Em Alexandria - onde as tensões estão altas há anos - a minoria pagã, liderada pelo filósofo Olympius, realiza uma revolta anticristã. Depois de sangrentas lutas de rua com punhais e espadas contra multidões de cristãos que os superam em número, os pagãos se fecham e se entrincheiram no Serapeu, um templo fortificado dedicado ao Deus Serápis.

Depois de cercar (praticamente sitiar) o edifício, a multidão cristã, liderada pelo Patriarca Teófilo, invade o templo cega de ódio, mata todos os que estão presentes, profana as imagens do culto, saqueia os bens, incendeia sua famosa biblioteca e, finalmente, derruba toda a construção. É a famosa "segunda destruição" da Biblioteca de Alexandria, uma joia da sabedoria antiga em absolutamente todos os campos, incluindo filosofia, mitologia, medicina, gnosticismo, matemática, astronomia, arquitetura ou geometria. Claramente, uma verdadeira catástrofe espiritual para a herança do Ocidente. Uma igreja foi construída sobre seus restos.

Em 392 o imperador proíbe todos os rituais pagãos, chamando-os de "gentilicia superstitio", isto é, "superstições dos gentios". Então, novamente, as perseguições aos pagãos retornam. Os mistérios da Samotrácia são encerrados de forma sangrenta e todos os seus sacerdotes são mortos. Em Chipre, o extermínio espiritual e físico dos pagãos é liderado pelos bispos São Epifânio (nascido na Judeia e criado em uma família judaica, ele próprio judeu de sangue) e São Ticon. O mesmo imperador dá carta branca a São Epifânio em Chipre, estabelecendo que "aqueles que não obedecem ao padre Epifânio não têm o direito de continuar vivendo naquela ilha". Assim protegidos, os eunucos cristãos exterminam milhares de pagãos e destroem quase todos os templos pagãos de Chipre. Os mistérios locais de

Figura 62 — O deus Serápis, "patrono" da Biblioteca de Alexandria.

Fonte - Europa Soberana (2013)

Afrodite, baseados na arte do erotismo e com uma tradição milenar, são erradicados.

Neste fatídico ano de 392 há insurreições pagãs contra a Igreja e contra o Império Romano em Petra, Aerópolis, Rafia, Gaza, Baalbek e outras cidades orientais. Mas a invasão oriental-cristã não vai parar neste ponto em seu avanço para o coração da Europa.

Em 393, os próprios Jogos Olímpicos (que já passam pelo número 293), os Jogos Píticos e os Jogos Aktia são proibidos. Os cristãos astutos devem intuir que este culto esportivo "profano" e "mundano" de autoaperfeiçoamento, agilidade, saúde, beleza e força deve logicamente pertencer ao culto dos pagãos, e esse esporte é uma área onde os cristãos da época nunca poder reinar. Aproveitando-se da situação, os cristãos saquearam o templo de Olímpia.

No ano seguinte, em 394, todos os ginásios da Grécia foram fechados à força. Qualquer lugar onde a menor dissidência floresça, ou onde mentalidades não cristãs fermentem, deve ser fechado. O cristianismo não é amigo dos músculos, nem do atletismo, nem do suor triunfante, mas de lágrimas de desamparo e tremores aterrorizantes. Naquele mesmo ano, Teodósio mandou retirar do Senado romano a estátua da deusa Victória. A Guerra das Estátuas, um conflito cultural que colocou senadores pagãos e cristãos uns contra os outros no Senado, foi fechada e a estátua removida e restaurada inúmeras vezes. O ano 394 também viu o fechamento do templo de Vesta, onde o fogo sagrado romano queimou.

Em 395 Teodósio morre, sendo sucedido por Flavio Arcádio (reinou entre 395-40). Este ano, dois novos decretos revigoram a perseguição antipagã. Rufino, eunuco e primeiro-ministro de Arcádio, faz os godos invadirem a Grécia, sabendo que, como bons bárbaros, destruirão, saquearão e assassinarão. Entre as cidades saqueadas pelos godos estão Dion, Delfos, Mégara, Corinto, Argos, Nemeia, Esparta, Messênia e Olímpia. Os godos (já cristianizados na heresia do arianismo, embora ainda com seu caráter bárbaro intacto), matam numerosos gregos, ateiam fogo ao antigo santuário de Elêusis e queimam todos os seus sacerdotes lá dentro (incluindo Hilário, sacerdote de Mitra).

Na figura 63, o imperador Arcádio. À primeira vista, um eunuco, um pirralho, principalmente quando comparado aos antigos imperadores e soldados pagãos.

Figura 63 — Imperador Arcádio

Fonte - Europa Soberana (2013)

Em 396 outro decreto do imperador proclama que o paganismo será considerado alta traição. A maioria dos sacerdotes pagãos restantes está trancada em masmorras sombrias pelo resto de seus dias. Em 397, o imperador ordena a demolição de todos os templos pagãos que permanecem de pé.

Em 398, durante o IV Concílio Eclesiástico de Cartago (Norte da África, atual Tunísia), qualquer pessoa (mesmo os próprios bispos cristãos) foi proibida de estudar obras pagãs. O São Porfírio de Gaza, onde houve revoltas pagãs, demoliu todos os templos da cidade, exceto 9.

Em 399, o imperador Arcádio ordenou novamente a demolição dos templos pagãos que ainda existem. Até agora, a maioria deles está nas áreas rurais profundas do império.

Em 400, o bispo Nicetas destrói o oráculo de Dionísio em Vesai e faz com que todos os pagãos da região sejam batizados à força.

Por volta do ano 400, já foi estabelecida uma hierarquia cristã definida que inclui padres, bispos, metropolitas (ou arcebispos das principais cidades) e patriarcas (arcebispos encarregados das principais cidades, como Roma, Jerusalém, Alexandria e Constantinopla).

Figura 64 — Sacerdotisa de Ceres, danificada por cristãos

Fonte - Europa Soberana (2013)

Na figura 64, é uma imagem de uma sacerdotisa de Ceres (a Deméter Romana, deusa da agricultura e dos grãos), pacientemente esculpida em marfim por volta do ano 400 e de beleza inaudita, teve seu rosto mutilado e jogado em um poço em Montier-en-Der, uma abadia posterior no nordeste da França. É possível que não tenha sido jogado no poço por ódio (os cristãos eram mais dados à destruição direta), mas sim que seus proprietários se desfizeram dele por medo de que as autoridades religiosas o encontrassem. Impossível saber o número de representações artísticas, até superiores a esta em beleza, que foram destruídas, e das quais nada restou.

Em 401, uma multidão de cristãos linchou pagãos em Cartago, destruindo templos e ídolos. Em Gaza, pagãos são linchados a mando do bispo São Porfírio, que, além disso, ordena a destruição dos 9 templos que ainda estão de pé na cidade. Naquele mesmo ano, o 15º Concílio de Calcedônia (entre outras coisas extremamente importantes, como a crença em "um e o mesmo Cristo, Filho, Senhor, unigênito) ordenou a excomunhão (mesmo após a morte) de cristãos que mantinham boas relações com seus parentes pagãos.

São João Crisóstomo, "Santo e Pai da Igreja", levanta fundos com a ajuda de mulheres cristãs ricas, entediadas e ociosas, ressentidas contra o culto patriarcal romano da perfeição e da guerra, e fascinadas pelo sadomasoquismo cristão doente. Assim financiado, realiza um trabalho de demolição de templos gregos. Graças a ele, o antigo templo de Ártemis em Éfeso é demolido.

Figura 65 — Templo de Ártemis em Éfeso

Fonte - Europa Soberana (2013)

O imenso Templo de Ártemis em Éfeso foi uma das sete maravilhas do mundo anti go e foi construído no século 6 a.C em uma área considerada sagrada desde pelo menos a Idade do Bronze. A sua construção demorou 120 anos e pode-se dizer que era perfeitamente comparável a uma catedral. Uma multidão histérica de cristãos, liderada por São João Crisóstomo ("pai da Igreja"), demoliu-a no ano 401, pondo fim à existência deste edifício quase milenar.

Em 406, o bispo São Eutíquio, discípulo do mencionado São Epifânio, continua em Salamina, Chipre, a destruição de templos e os assassinatos compassivos de pagãos.

Em 407, o imperador Arcádio emite novamente um decreto proibindo todos os cultos não-cristãos - o que significa que agora o paganismo persiste.

Em 406-407, um grupo de tribos foederati, os vândalos, os suevos e os alanos (estes últimos de origem iraniana, não germânica), invadem a França, com destino à Espanha.

Em 408, o imperador Honório do Império do Ocidente e o imperador Arcádio do Império do Oriente ordenaram conjuntamente que todas as esculturas pagãs fos-

sem destruídas. Novamente há destruição de templos, massacres de pagãos e queima de suas escrituras. Nessa época, o famoso eunuco africano Santo Agostinho, Bispo de Hipona, "Santo, Padre e Doutor da Igreja" massacra centenas de pagãos em Calama, na Argélia (morrerá em breve nas mãos dos Vândalos, povo germânico que não faz brincadeira). A perseguição aos juízes que mostram pena dos "idólatras" também é estabelecida.

Neste mesmo ano de 408, morre o imperador Arcádio, sendo sucedido pelo imperador Teodósio II. Para se ter uma ideia do fanatismo, da loucura e da insanidade desse aborto sub-humano, relatos oficiais disseram que ele mandou executar crianças por brincarem com pedaços de estátuas pagãs despedaçadas. De acordo com os mesmos historiadores cristãos, Teodósio II "seguiu meticulosamente os ensinamentos cristãos". Não duvide, embora talvez valha a pena ressaltar: Teodósio era um estudante pusilânime das "escrituras sagradas", realmente administrado por sua irmã Pulquéria e sua esposa Eudócia.

Figura 66 — Imperador Teodósio II

Fonte - Europa Soberana (2013)

Na figura 66, mostra o Imperador Teodósio II, um louco fanático. A julgar pela qualidade da estátua, as coisas no império não iam muito bem sob seu reinado, ou talvez os verdadeiros escultores tivessem sido assassinados por cristãos.

Enquanto tudo isso acontecia, neste mesmo ano de 408, um chefe romano de origem germânica que havia defendido corajosamente as fronteiras do império, o vândalo Estilicão, é executado por um partido de romanos decadentes invejosos de seus triunfos. Depois de sua morte injusta, este partido realizou uma espécie de "golpe de estado" e as esposas e filhos - estamos falando de um mínimo de 60.000 pessoas - dos Foederati alemães (federados a Roma, residentes em suas fronteiras e fiéis defensores deles mesmos) são massacrados em toda a Itália pelos cristãos. Após esse ato covarde, os pais e maridos dessas famílias (30.000 homens que haviam sido fiéis soldados de Roma) passaram para as fileiras do rei visigótico Alarico, explodindo de raiva e clamando por vingança contra os assassinos.

Em 409, volta a ser decretada a proibição dos métodos de adivinhação. O império romano desmorona em uma crise irreversível, em corrupção imunda e sendo derrotado pelos alemães, mas por causa dos cristãos poderosos eles estão com mais pressa para erradicar o legado pagão antes que os alemães o descubram (para que os alemães não se tornem a Grécia - Roma II e temos que começar de novo), enquanto as classes altas romanas estão mais preocupadas em subir no novo sistema cristão, traindo uns aos outros para a Igreja ou entregando-se a orgias que os fazem esquecer o que está por vir. Neste ponto, os únicos que permanecem fiéis a Roma como ideia, mesmo apesar das abjetas injustiças cometidas contra eles, são os soldados germânicos que servem nas legiões.

Nesse mesmo ano, suevos, vândalos e alanos cruzaram os Pireneus e invadiram a Espanha.

Em 410, um exército formado por visigodos e outros aliados alemães saqueou a própria Roma, continuando mais tarde pelo sul da França, Espanha e África. A partir daí, tentam dominar o Mediterrâneo.

Em 416, um famoso líder cristão conhecido como "Espada de Deus" extermina os últimos pagãos da Bitínia, na Ásia Menor. Naquele ano, em Constantinopla, todos os funcionários públicos, comandantes do exército e juízes não-cristãos são demitidos.

Em 423, o imperador decreta que o paganismo é "um culto ao diabo" e ordena que todos aqueles que continuem a praticá-lo sejam presos e torturados.

Em 429, os pagãos atenienses são perseguidos e o templo da deusa Atena (o famoso Partenon na Acrópole) é saqueado.

Em 430, os vândalos sitiam a cidade norte-africana de Hipona. No local, morre o citado Santo Agostinho, um dos pais da Igreja, autor de um livro hippie chamado “Civitas Dei” ("Cidade de Deus"). "Quem empresta com usura não insulta a cruz de luz"[19] (uma clara referência aos judeus, detentores do monopólio da usura), é uma das frases-joia que emanam da personalidade cristã, "pobre" e piedosa de Santo Agostinho.

Mas eis que em 435 ocorre o ato mais significativo por parte do imperador Teodósio II: ele proclama abertamente que a única religião legal em Roma além do cristianismo é o judaísmo!

[19]É claro que hoje os escritos de São Agostinho foram modificados para retirar essa frase, ocultando assim o seu lado sombrio.

Por meio de uma luta bizarra, subterrânea e surpreendente, o judaísmo não só conseguiu perseguir o paganismo e se infiltrar em Roma, sua arqui-inimiga mortal, a adotar um credo judaico, mas a própria religião judaica, tão desprezada e insultada pelos romanos pagãos anteriores, foi elevada como a única religião oficial de Roma junto com o cristianismo. É preciso reconhecer a astúcia conspiratória e a implacável permanência de objetivos do núcleo judaico-cristão originário. O que eles fizeram foi literalmente virar a mesa a seu favor, transformar Roma em Antirroma, colocar a serviço dos judeus tudo o que os judeus tanto odiavam, aproveitar a força de Roma, seu aparato de Estado, para se voltar contra ela em um sinistro jiu-jitsu político-espiritual, passando de escravos cuspidos, pisoteados, insultados, desprezados e menosprezados, a mestres espirituais absolutos do Império Romano. Nietzsche soube entendê-los perfeitamente, mas quando poderemos assimilar plenamente o que isso significava e o que continua a significar hoje?

Figura 67 — Laocoonte e seus dois filhos

Fonte: Musei Vaticani (2022).

Na figura 67, mostra a trágica agonia do mundo antigo, clássica, pagã, atlética, sábia, bela, corajosa e próxima dos deuses, nas mãos da serpente oriental. Laocoonte e seus filhos (Antífantes e Timbreu).

- Em 438, Teodósio II culpa a "idolatria" por uma praga.
- Em 439, os vândalos tomam Cartago. Sua frota domina o Mediterrâneo.

- Entre 440 e 450, os cristãos demoliram monumentos pagãos em Atenas, Olímpia e outras cidades gregas.

- Em 448, o imperador Teodósio II ordenou a queima de todos os livros não cristãos.

- Em 450, em Afrodisias (Cidade de Afrodite), todos os templos são destruídos e todas as bibliotecas queimadas. A cidade é renomeada com o sinistro nome de Stavroupolis (Cidade da Cruz).

Figura 68 — A Vênus Capitolina.

Fonte - Europa Soberana (2013)

- Em 441, os hunos liderados pelo líder asiático Átila atravessam o Danúbio, massacrando, estuprando, torturando, escravizando e profanando todas as terras que pisam.

- Em 445, o imperador Valentiniano III faz um decreto segundo o qual todos os bispos do Ocidente estão subordinados ao Papa de Roma.

- Em 451, o imperador emite outro decreto reiterando que a "idolatria" deve ser punida diretamente com a morte. Nesse mesmo ano, os hunos de Átila foram detidos por uma incomum coalizão romano-visigótica na batalha de Troyes (Campos Catalânicos), no centro da França.

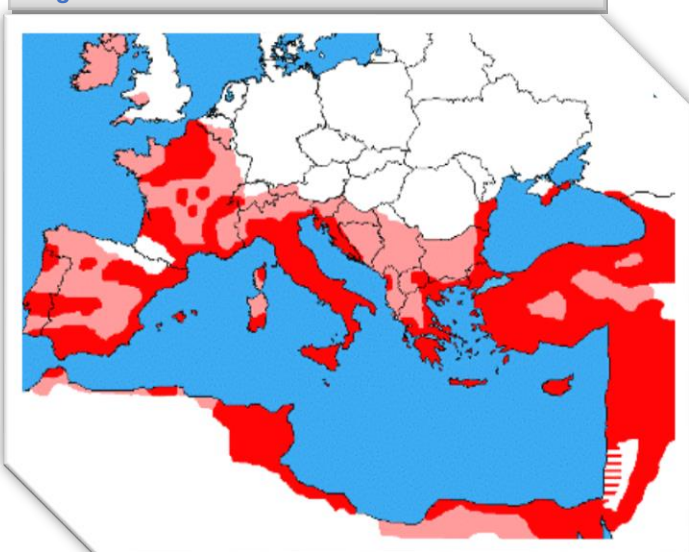
- Em 453, Átila morre.

- Em 455, Roma é saqueada pelos vândalos, uma tribo germânica que acabou se estabelecendo no que hoje é a Tunísia. Tal é o caos que semearam nesta cidade suja e decadente que, até hoje, "vandalismo" implica conduta destrutiva para com um ambiente civilizado.

- Entre 457 e 491 ocorrem perseguições antipagãs no império oriental. O filósofo Gesio é executado. Severiano, Herestios, Zósimo, Isidoro e muitos outros sábios são torturados e mortos. O pregador cristão Conon e seus seguidores exterminam os últimos pagãos na ilha de Imbros, no nordeste do Mar Egeu. Os últimos crentes do deus Zeus Lavranio também são exterminados em Chipre. Estes são anos frutíferos para o cristianismo.

- Em 476, Odoacro, líder visigótico de uma união de tribos germânicas, é proclamado Rei de Roma, já sob um sistema pseudo-feudal que substitui os restos decadentes de uma Roma destruída por dentro. Este ano de 476 é considerado o fim do Império Ocidental. O último imperador de Roma, Rômulo Augusto (ironicamente, ele tem o mesmo nome de um dos míticos gêmeos fundadores de Roma), é deposto por seu próprio exército, um exército que já é romano apenas no nome, pois é composto quase exclusivamente por alemães, que são os únicos que sentem algum tipo de lealdade para com Roma, e para quem a palavra "romano" se tornou sinônimo de traiçoeiro, covarde e indigno de confiança. Rômulo Augusto é enviado pelos alemães, num gesto de grande nobreza, para o exílio de Constantinopla com todas as honras e emblemas imperiais do Ocidente. O Império do Oriente ou Império Bizantino subsistirá, progressivamente re-helenizado, destinado a ser um baluarte contra o Islã até que, no século XV, caia nas mãos dos turcos otomanos.

- Entre 482 e 486, após uma desesperada revolta pagã anticristã, a maioria dos pagãos da Ásia Menor foi exterminada.

Figura 69 — A extensão do cristianismo em 485

Fonte - Europa Soberana (2013)

Na figura 69, mostra a propagação do cristianismo em 485. O Império Romano do Ocidente caiu, reinos germânicos surgiram em seu lugar, o Império Romano do Oriente ainda existe e a Inglaterra voltou ao paganismo com a invasão anglo-saxônica. Em vermelho, as áreas sujeitas a forte influência cristã. Em rosa, as áreas menos sujeitas à Igreja.

- Em 486, em Alexandria, são descobertos mais sacerdotes pagãos que permaneciam escondidos. Eles são humilhados publicamente, torturados e executados.

- Em 493, Teodorico, o Grande, um rei alemão, assume o controle da Itália. Admirador da Roma clássica que nunca conheceu, tenta preservar o que resta da arquitetura, da escultura e do aparato do Estado, pondo fim à destruição cristã.

- No império oriental, e já no século VI, declara-se que qualquer pagão carece de direitos.

- Em 525, o batismo torna-se obrigatório mesmo para os que já se declaram cristãos. O imperador Justino I ordena a destruição do templo do Deus local Teandrites e ordena o massacre de pagãos na cidade de Zoara.

- Em 527, o imperador Justiniano I do Oriente, incorporou em seu Corpus Juris Civilis o direito romano, base de todo o direito europeu medieval, exceto na Saxônia e na Inglaterra (após a invasão normanda, apenas o condado inglês de Kent manteve o direito saxão).

- Em 528, Justiniano proíbe os chamados "jogos olímpicos alternativos" de Antioquia. Ele ordena a execução de qualquer pessoa que pratique "feitiçaria, adivinhação, magia ou idolatria" e proíbe todos os ensinamentos pagãos.

- Em 529, o imperador fecha a academia de filosofia em Atenas (onde Platão havia ensinado) e confisca seus bens. Põe-se assim fim à existência de um dos principais centros da cultura europeia desde o período clássico.

- Em 532, João Asiaco, um monge fundamentalista e fanático que tem a bênção do imperador, organiza uma cruzada contra o que resta dos pagãos derrotados da Ásia Menor. Baseado em muito sangue, "Cristianiza" Frígia, Caria e Lídia. 99 igrejas e 12 mosteiros são construídos em templos pagãos destruídos.

- Em 546, João Asiaco condena centenas de pagãos à morte em Constantinopla.

- Em 553, no Segundo Concílio de Constantinopla, foi decretado que: “Será anatematizado todo aquele que apoiar a ideia mística da pré-existência da alma e a maravilhosa opinião sobre o seu retorno”. Estamos, nada mais e nada menos, que diante de um banimento das crenças sobre a reencarnação.

- Em 556, o imperador envia outro comissário cristão, Amâncio, a Antioquia, para exterminar os últimos pagãos e queimar todas as bibliotecas particulares remanescentes.

- Em 562 ocorre uma onda de perseguições em que pagãos de Atenas, Antioquia, Palmira e Constantinopla são humilhados, presos, encarcerados, torturados e executados.

- Em 568, a Itália é invadida pelos lombardos, tribo germânica que, pressionada pelos ávaros, se instala no que hoje é a Lombardia, no norte da Itália.

- Entre 578 e 582, os pagãos são torturados e crucificados em todo o império oriental, exterminando os últimos pagãos de Heliópolis e Baalbek.

- Em 580, provavelmente graças às dicas de sempre, agentes cristãos descobriram um templo secreto dedicado a Zeus em Antioquia. Um sacerdote pagão comete suicídio para evitar a tortura, e os demais pagãos são presos pelos cristãos. Os prisioneiros, que surpreendentemente incluem o vice-governador Anatólio, são torturados e enviados a Constantinopla para julgamento. Estão condenados a serem devorados pelas feras, mas as feras não os atacam (algo que nunca havia acontecido com os cristãos lançados às feras durante as antigas perseguições romanas). Portanto, eles são crucificados. Depois, a multidão cristã pagãnofóbica arrasta seus cadáveres pelas ruas e os joga em um aterro sanitário.

- Em 583, o imperador Maurício renova as perseguições antipagãs.

- Em 590 há outra febre antipagã novamente. Até então, o paganismo organizado no sul da Europa foi praticamente erradicado. O que resta é um amontoado de tristes ruínas salpicadas de sangue, tradições de significado esquecido, resquícios de práticas pagãs. Os helenos e latinos originais foram perseguidos em todo o Medi-

terrâneo, deseuropeizando-o seriamente, e uma enorme massa de mestiços sem herança permanece, que adotam o cristianismo com muita propriedade. Acima dela está uma casta de pastores: a Igreja e o clero cristão. Até que a área sofra novas invasões germânicas, o panorama continuaria assim.

- Entre 590 e 604, o Papa Gregório I "O Grande" ordenou a queima do conteúdo da biblioteca Palatina em Roma, devido aos escritos "pagãos" que ela abrigava.

- Em 692, durante o Concílio de Constantinopla, são proibidas as celebrações de origem pagã como as Calendas, Brumálias, Anthesterias, etc.

Um caso notável foi o de uma população lacônica de Mesa Mani, Cabo Tainaron, na Grécia. Em meados de 804, eles resistiram com sucesso a uma tentativa de Tarásio, Patriarca de Constantinopla, de cristianizá-los. Sua resistência duraria até que, entre 850 e 860, o santo armênio Nikon, pela violência, os converteu ao cristianismo. Lembremos que a Lacônia era o antigo reino do qual Esparta era a capital.

Por fim, pensemos em outra tragédia que ocorreu paralelamente ao genocídio, lavagem cerebral e várias destruições: a adulteração, queima, falsificação, manipulação e desfiguração da literatura clássica. Desta forma, o cristianismo profanou a antiga sabedoria europeia, erradicando a memória dos deuses ancestrais e sabotando a mesma civilização europeia durante séculos. Por exemplo, os "Anais" de Tácito foram corrigidos e censurados pelos monges copistas em tudo que pudesse manchar a memória das origens da nova fé. Plínio, o Velho, afirma ter coletado em sua "História Natural" 20.000 fatos teúrgicos ou mágicos das obras de 100 diferentes autores gregos e romanos, mas não fomos capazes de recebê-los em sua totalidade. Restam apenas fragmentos da "História do Império Romano" iniciada por Aufídio Basso e finalizada pelo próprio Plínio. Tito Lívio foi objeto de tamanha maldade (talvez por ter sido lido por Juliano) que restam apenas algumas "décadas" de sua obra histórica. Os livros de Heródoto, Suetônio e Plutarco são altamente adulterados. De Euclides, seus "Elementos de Geometria" foram preservados, mas seus outros escritos, especialmente os "Porismas", desapareceram. Foi queimada toda a produção de Porfírio, na qual constava um "Tratado sobre os Oráculos", um "Tratado sobre as Imagens dos Deuses", um "Tratado sobre o retorno da alma a Deus", um "Tratado sobre a abstinência", um "Vida de Plotino", uma "Vida de Pitágoras", algumas "Questões Homéricas" e quinze acusações contra cristãos cujos títulos nem sequer são

conhecidos. Os vários comentários de Proclus sobre os "Diálogos" de Platão desapareceram no ar, e seus "Elementos de Teologia" foram retocados e resumidos pelos cristãos em um "Livro das Causas" que foi atribuído a Aristóteles.

Tais foram os métodos usados pelos campeões do Oriente profundo para se apresentarem à Europa como salvadores supremos. Desde então, a Europa tem vivido essencialmente sob o peso de ideias orientais estrangeiras e projetadas pelo inimigo, lutando de tempos em tempos para se livrar de seu fardo.

Capítulo 9 – O martírio de Hipátia

Alexandria, Egito, ano 415. A protagonista é Hipátia (370-415), filósofa e matemática instruída por seu pai, o também famoso filósofo e matemático Téon de Alexandria. Os biógrafos de Hipátia contam que pela manhã dedicava várias horas ao exercício físico, e que depois tomava banhos relaxantes que a ajudavam a concentrar a mente para dedicar o resto do dia ao estudo da filosofia, música e matemática. Hipátia era virgem e casta, ou seja, estava no nível de sacerdotisa. Ela era, em suma, uma mulher sábia, "um ser humano perfeito", assim como seu pai queria. Hipátia também dirigia uma escola filosófica, da qual as mulheres eram excluídas (isso era para refletir sobre as feministas que tentaram "feministizar" a figura de Hipátia nos últimos tempos).

O figurão [cristão] de Alexandria naquela época era o arcebispo Cirilo (370-444), sobrinho do já mencionado Teófilo. Ele tinha o título de patriarca, honra eclesiástica quase equivalente à de Papa, e que só pertencia aos arcebispos de Jerusalém, Alexandria e Constantinopla, ou seja, as cidades mais judaicas e cristãs do Império Romano. Durante esse tempo, houve outra rebelião em massa; novamente, houve brigas de rua, tensões e acertos de contas entre cristãos e pagãos.

O arcebispo Cirilo lançou uma perseguição aos acadêmicos de Alexandria, 24 anos após o incêndio da biblioteca. Desta vez, mais radicalizados, os cristãos assassinaram quem se recusasse a se converter à nova religião. Hipátia, então diretora do museu (onde se dedicava à filosofia de Platão), foi uma dessas pessoas, pelo que foi acusada de conspirar contra o arcebispo. Dias depois da acusação, alguns frades chamados parabolanos (monges fanáticos encarregados dos "trabalhos sujos" do arcebispo, e vindos da igreja de São Cirilo em Jerusalém) sequestraram "a filósofa" de sua carruagem, espancaram-na, despiram-na nua e a arrastaram por toda a cidade, até chegarem à igreja de Cesareia. Lá, por ordem de Pedro, o Leitor, ela foi estuprada várias vezes e depois esfolada e a carne arrancada com cascas de ostras afiadas. Hipátia morreu indignada, esfolada e sangrou em dores excruciantes. Depois disso, eles desmembraram seu cadáver, desfilaram seus pedaços por Alexandria como troféus e os levaram para um lugar chamado Cinaron, onde foram queimados. O arcebispo que ordenou seu martírio é lembrado pela Igreja como São Cirilo de Alexandria.

Só uma multidão doente de ressentimento e ódio, e inflamada por comissários que são especialistas na arte de criar escravos, poderia levar a cabo esse ato que repugna qualquer um com um mínimo de decência. Hipátia era a vítima perfeita para um sacrifício ritual: europeia, bela, saudável, sábia, pagã e virgem. E é isso que mais emociona os escravos quando se trata de sacrificar é a inocência e a bondade da vítima. Por outro lado, a crueldade demonstrada, mesmo em relação à destruição de seu cadáver, indica que os cristãos temiam muito Hipátia e tudo o que ela representava. A morte da cientista, além de ser perfeitamente ilustrativa das atrocidades cometidas pelos cristãos nessa época, inaugurou uma era de perseguição aos sacerdotes pagãos no norte da África, especialmente dirigida contra o sacerdócio egípcio. A maioria deles foi crucificada ou queimada viva.

Figura 70 — Hipátia, de Charles William Mitchell.

Fonte - Europa Soberana (2013)

A atrocidade contra Hipátia é aqui descrita porque era conhecida, e é ilustrativo e chocante ter acontecido a uma mulher desarmada, indefesa e inofensiva, mas seria equivocado da nossa parte achar que foi um caso isolado: muitos simples pagãos "que não mexiam com ninguém" foram sacrificados de maneira semelhante ou pior, e continuariam a sendo sacrificados por muitos séculos.

Capítulo 10 – Conclusão

O cristianismo primitivo caracterizou-se por sua intolerância e intransigência, e por se considerar a única via de salvação para todos os homens do planeta; essas características foram herdadas do judaísmo, de onde veio e que imitou. Demonstrou que, paradoxalmente, considerar todos os seres humanos iguais é a pior forma de intolerância, uma vez que se assume como dogma de fé que a mesma religião ou moral é válida e obrigatória para todos os homens, e por isso lhes é imposta, mesmo contra sua vontade. Esse aspecto foi renovado posteriormente com as outras grandes e virulentas doutrinas igualitárias: a democracia e o comunismo.

Os pagãos, ao aceitarem a diferença dos povos, aceitavam também que eles adoravam outros deuses que não os seus e tinham costumes diversos, e jamais teriam pensado em pregar sua religião ou sua moral fora de seu povo. Teria parecido ridículo para eles pregar a adoração de Odin entre os negros, por exemplo, e eles não se importavam se os semitas adoravam Molloch. A tática do pagão europeu sempre foi dominar por cima através do triunfo militar, não converter ou manipular pensamentos à força. A reação do cristianismo, por outro lado, foi eliminar tudo o que pudesse ser uma reminiscência de antigas crenças e tradições pagãs. Qualquer conhecimento medicinal, de plantas ou animais, era tachado de heresia e perseguido. Na verdade, qualquer tipo de conhecimento que não fosse judaico-cristão, era conscienciosamente perseguido. O terror espiritual apareceu no mundo antigo, irrompendo sangrentamente a Europa.

Este é o cristianismo, e o que veio depois, partes, colagens, palimpsesto[20] e misturas dele com o paganismo, em combinações instáveis que nunca terminaram de coalhar no confuso inconsciente coletivo europeu. Naqueles tempos, a esquizofrenia do Ocidente atual estava estabelecida: dividida entre a heroica herança romano-pagã ou a herança judaico-cristã humanista.

Os fundadores dos povos e os grandes conquistadores queriam que seus povos triunfassem e fossem eternos na Terra. Eles não conseguiram a longo prazo, e todos desapareceram. Os romanos, então, começaram a fazer parte dessa lista macabra [de aniquilação dos povos]. No Ocidente, o futuro de milênios pertencia aos

---

[20]Percaminho eliminado para reutilização

alemães, que estabeleceram reinos feudais em toda a Europa Ocidental, onde se ergueram como aristocracia.

Listei fatos que marcaram o fim da antiguidade clássica com toda a sua sabedoria e o início de uma idade das trevas. Esta idade das trevas, que usou os alemães como uma ferramenta, e da qual os alemães não eram culpados (eles só deram o toque de graça a um monstro decadente, e foram precisamente eles que preservaram as obras de arte romanas da destruição cristã quando tomaram o poder – veja o caso do rei Teodorico), duraria na Europa até o tempo do catarismo, dos vikings e das cruzadas no século XI, quando os cavaleiros europeus descobriram a tradição que o Oriente tinha mantido e alguns frades dedicaram-se a recolher conhecimentos naturais, como a medicina ou a botânica. O legado mesopotâmico, egípcio, persa e, até certo ponto, grego e hindu foi preservado pela civilização islâmica que, ao contrário do cristianismo, não só não destruiu o legado pagão, mas o preservou.

Dizemos que o ressurgimento da espiritualidade europeia veio da mão das castas guerreiras e cavalheirescas. E os resultados mais visíveis (alguns mais limpos do que outros) de tal ressurgimento foram o Sacro Império Romano-Germânico, os vikings, a civilização occitana, os templários, o Renascimento italiano com seu fascínio pelo mundo greco-romano e o Império Espanhol.

Haverá quem se confunda com a "herança cristã" da Europa. Eu não vejo os europeus vivendo com costumes e ritos naturais, belos e harmoniosos, que executavam automaticamente como a coisa mais normal do mundo, participando assim dessa imensa orquestra que é a Terra. Vejo hoje em dia um credo fanático pregado por fundamentalistas semitas do Oriente e da África, que inflamaram os espíritos do lixo do mundo contra as pessoas boas, contra os nativos europeus, contra os representantes da ordem e da luz. Eles disseram que esses nossos antigos costumes eram abominações. Eles disseram que aqueles de nós que os praticavam eram pecadores. Disseram que nossa ciência era feitiçaria demoníaca e nossa arte blasfêmia. Eles diziam que quem não se ajoelhasse diante de um estranho novo deus oriental merecia os piores tormentos. Amaldiçoaram os fortes, os nobres, os lutadores, os puros, os filósofos e os sábios, e abençoaram os escravos, os doentes, os oprimidos, as prostitutas, os ignorantes e os covardes. Eles destruíram o legado que acumulamos ao longo dos séculos. Eles mataram nossos líderes. Eles puseram fim a um Império que poderia ter se espalhado pelo mundo sob influência germânica. Eles

mergulharam a Europa na ignorância e baniram o conhecimento. Durante séculos, espalharam a depressão, a culpa e o sentimento do pecado, introduzindo na Europa aquele câncer que é o Antigo Testamento e aquele veneno castrador que é o Novo Testamento. Se a Europa pôde desenvolver-se nestas condições, não foi graças ao cristianismo, mas graças às coisas que o cristianismo ainda não tinha destruído.

Capítulo 11 – Nietzsche sobre o Cristianismo

Mas você não entende? Você não tem olhos para ver algo que precisou de dois milênios para alcançar a vitória?...

Aquele Jesus de Nazaré, o evangelho vivo do amor, aquele "redentor" que traz felicidade e vitória aos pobres, doentes e pecadores - não era precisamente a sedução na sua forma mais perturbadora e irresistível, a sedução e o desvio precisamente para esses valores judaicos e para essas inovações judaicas do ideal? Israel não atingiu, precisamente pelo desvio deste "redentor", deste aparente antagonista e liquidatário de Israel, o objetivo último do seu sublime desejo de vingança? Não faz parte da magia negra oculta da verdadeira grande política? de vingança, de uma vingança clarividente, subterrânea, lenta, pré-calculadora, o fato de que o próprio Israel teve que negar e pregar na cruz diante do mundo inteiro, como se fosse seu inimigo mortal, o verdadeiro instrumento de sua vingança, para que "o mundo inteiro", isto é, todos os adversários de Israel, pudessem morder sem receio precisamente essa isca? E, por outro lado, poderia alguém imaginar, com todo o refinamento do espírito... algo que se iguale em força atraente, inebriante, desconcertante, corruptora... àquele horripilante paradoxo de um "deus na cruz", a esse mistério de uma crueldade e autocrucificação inimagináveis, definitivas e extremas de Deus para a salvação do homem? [sob este signo, latim] Israel tem triunfado repetidamente, com sua vingança e sua revalorização de todos os valores sobre todos os outros ideais, sobre todos os ideais mais aristocráticos.

("Genealogia da moral", Tratado Primeiro, 8)

....

O Cristianismo é conhecido como a religião da piedade...A piedade impede essa lei da evolução, que é a seleção. Preserva o que já está maduro para perecer; constitui uma resistência que milita em favor dos deserdados e condenados da vida, e mantendo vivos vários fracassados de todas as linhagens, dá à própria vida um aspecto sombrio e duvidoso.

Multiplicar a miséria e preservar tudo o que é miserável significa um dos principais instrumentos para aumentar a decadência.

("O Anticristo", 7)

....

O cristianismo só pode ser compreendido partindo do ambiente em que surgiu: não foi um movimento reacionário contra o instinto judaico, mas sua consequência lógica, mais uma dedução de sua terrível lógica. Para colocar nas palavras do Redentor: "A salvação vem dos judeus".

("O Anticristo", 24)

....

A incapacidade de oferecer resistência traduz-se numa moral ("não resistir ao mal" é a frase evangélica mais profunda, e aquela que, em certa medida, nos oferece a sua chave).

("O Anticristo", 29)

....

O cristianismo espalhou o veneno dessa doutrina de que "todos temos os mesmos direitos" da maneira mais intensa. O cristianismo travou uma guerra de morte, desde os recantos mais remotos dos maus instintos, até todo sentimento possível de respeito e distância entre os seres humanos; isto é, lutou contra o fundamento e a base de toda elevação, de todo avanço da cultura. Fez de sua principal arma o ressentimento das massas contra nós, contra todo indivíduo aristocrático, alegre e generoso que possa haver na Terra; contra a nossa felicidade na terra. Conceder "imortalidade" ao filho de qualquer vizinho significou o maior e mais perverso atentado cometido até hoje contra a humanidade aristocrática.

O cristianismo é uma rebelião de tudo que rasteja no chão contra tudo que tem altura.

("O Anticristo", 43)

....

Para não perder de vista o fio, consideremos antes de tudo que estamos entre os judeus. A elevação do pessoal à categoria do "sagrado", que neste caso atinge um nível de genialidade jamais alcançado por nenhum outro livro ou por qualquer ser humano, essa falsidade da palavra e do trabalho feito arte, não é fruto de dom casual de um indivíduo, de um caráter pessoal fora do comum. É o produto de uma raça. Todo o judaísmo, com seu aprendizado e técnica seculares e rígidos, alcança sua obra-prima no cristianismo na arte da santa mentira. Essa última proporção da mentira que é o cristianismo representa o judeu elevado ao quadrado e até ao cubo...

Toda essa falsidade só foi possível pelo fato de já existir no mundo uma espécie de delírio de grandeza semelhante, radicalmente semelhante: o delírio de grandeza próprio do judeu. Quando o abismo se abriu entre judeus e judaico-cristãos, estes últimos não tiveram outra alternativa senão usar contra os judeus os mesmos procedimentos de sobrevivência que o instinto judaico ditava, enquanto os judeus até então vinham usando esses procedimentos contra os não-judeus, exclusivamente judeus.

("O Anticristo", 44)

....

Na época em que as camadas doentes e corruptas dos párias (chandalas) eram cristianizadas em todo o Império, existia, em sua mais bela e madura manifestação, seu tipo oposto: a aristocracia. A maioria acabou dominando; o espírito democrático dos instintos cristãos prevaleceu. O cristianismo não era de caráter "nacional", nem era determinado pela raça: dirigia-se a todas as variedades de deserdados da vida, tinha aliados em toda parte. O cristianismo foi fundado naquele rancor característico dos doentes que se dirige instintivamente contra os sãos, contra a saúde. Tudo o que é bem constituído, o altivo, o arrogante e, sobretudo, o belo, fere-lhe os olhos e os ouvidos.

("O Anticristo", 51)

....

O cristianismo foi o vampiro do Império Romano; em uma noite ele aniquilou aquela enorme obra realizada pelos romanos para conquistar uma terra sobre a qual foi construído um império duradouro.

De fato, São Paulo representava o ódio da chandala a Roma, ao "mundo", encarnado, transformado em gênio; o Eterno Judeu por excelência. Foi ele quem intuiu o modo como poderia ser provocado "um incêndio em escala mundial", com a ajuda da pequena seita cristã, fora do judaísmo; a forma como foi possível concentrar num enorme poder, sob o símbolo do "Deus crucificado", tudo o que era inferior, o que era clandestinamente rebelde, todo o legado das intrigas anarquistas existentes no império. "A salvação vem dos judeus." O cristianismo poderia ser a fórmula que superaria todos os tipos de cultos subterrâneos (os de Osíris, os da Grande Mãe, os de Mitras, por exemplo).

("O Anticristo", 58)

....

Em todas as épocas houve o desejo de "melhorar" os homens, e isso foi chamado de "moral" por excelência. Porém, nesta mesma palavra estão contidas as mais diversas tendências. À domesticação da besta humana e à criação de uma certa classe de homens foi dado o nome de "aperfeiçoamento": só estes termos zoológicos designam realidades, e realidades que precisamente o "melhorador" característico, o padre, não sabe nem quer saber... Chamar de "melhoria" a domesticação de um animal é algo que nos soa quase como uma piada. Quem sabe o que acontece em locais onde se domesticam animais silvestres duvidará muito que sejam "melhorados". Isso os enfraquece, os torna menos nocivos, baseado em deprimi-los por meio do medo, dor, ferimentos e fome. O mesmo vale para o homem domesticado que foi "melhorado" pelo padre.

Na Alta Idade Média, quando a Igreja era realmente um lugar para domesticar animais, os melhores exemplares da "besta loira" eram caçados em todos os lugares; os aristocratas alemães foram "melhorados", por exemplo. Mas como era esse alemão "aprimorado" quando foram levados para um mosteiro? A de uma caricatura

de homem, a de uma monstruosidade: ele havia se tornado um "pecador", trancado em uma jaula e aprisionado por ideias terríveis. Lá ele jazia doente, sombrio, com nojo de si mesmo, com um ódio mortal a todos os impulsos que incitam a vida, desconfiado de tudo o que ainda era forte e feliz: em suma, ele havia se tornado cristão. Fisiologicamente falando, na luta com a besta, a única forma de enfraquecê-la é fazendo-a ficar doente. Assim a Igreja o entendia; ela estragou o homem, enfraqueceu-o, mas fingiu tê-lo feito melhor.

("O Crepúsculo dos Ídolos", 5)

....

…os Evangelhos constituem um documento de primeira ordem; mais ainda do que o livro de Enoque. O cristianismo, originário de raízes judaicas e apenas explicável como uma planta característica deste solo, representa o movimento contrário a toda moral de criação, raça e privilégio. É a religião antiariana por excelência. O Cristianismo é a inversão de todos os valores arianos, o triunfo dos valores Chandala, o evangelho dirigido aos pobres e inferiores, a rebelião geral de todos os oprimidos, miseráveis, desperdiçados e malsucedidos dirigidos contra a "Raça"; a eterna vingança dos chandalas se transformou em religião de amor.

("O Crepúsculo dos Ídolos", 4)

....

Capítulo 12 – Versão Nietzscheana do sermão da montanha

Vocês já ouviram como nos tempos antigos foi dito: "Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a Terra". Mas eu vos digo: bem-aventurados os valentes, porque farão da Terra o seu trono. E você já ouviu o homem dizer: "Bem-aventurados os pobres de espírito, porque eles entrarão no reino dos céus". Mas eu digo a você: abençoados são aqueles cuja alma é grande e cujo espírito é livre, pois eles entrarão no Valhalla. E vocês já ouviram os homens dizerem: "Bem-aventurados os que promovem a paz, porque eles serão chamados filhos de Jeová". Eu, porém, vos digo: bem-aventurados os que fazem a guerra, porque não serão chamados filhos de Jeová, mas filhos de Wotan[21], que é maior do que Jeová. E por fim digo que Wotan colocou um coração de pedra em nosso peito, que aquelas palavras da antiga saga escandinava vieram de um verdadeiro viking e que um homem nascido de tal raça se orgulha de não ter sido criado para sentir piedade.

O cristianismo foi um movimento subversivo de agitação contra Roma, contra a Grécia e, finalmente, contra o mundo europeu.

Temos que assumir que o que chegou até nós da cultura da antiguidade é apenas uma pequena fração do que realmente era, e que foi tirado de nós pela destruição judaico-cristã.

O Cristianismo, como uma rebelião de escravos concebida e liderada por judeus para destruir o poder romano (e, posteriormente, todo o poder europeu), era e é uma doutrina destinada a transformar povos fortes em rebanhos domesticados.

---

[21]Wotan = Odin, Deus Nórdico

Figura 71 — Arcanjo

Fonte - Europa Soberana (2013)

Até hoje, somos incapazes de ver o que esse arcanjo da figura 71 tem a ver com o cristianismo. Este guerreiro não tem absolutamente nada a ver com as multidões de escravos que destruíram a maior parte da arte clássica por representar a figura humana. Esta imagem vem do subconsciente pré-cristão europeu: mesmo dentro do cristianismo, o elemento indo-europeu e o elemento semítico se chocam...

POSFÁCIO

Nietzsche pensa que existem dois tipos de homens: senhores (nobres) e servos (escravos), que deram significados diferentes à moralidade. Para os senhores, o binômio “bem-mal” equivale a “nobre-desprezível”. Desprezam como ruim tudo o que é fruto da covardia, do medo, da piedade, tudo o que é fraco, tímido e mesquinho e que diminui o impulso vital. Apreciam como bom, porém, tudo o que é superior, altivo, ousado, forte e dominador, a luta constante da vida. As formas iniciais e primitivas de moralidade foram estabelecidas por uma aristocracia guerreira e outras castas dominantes de civilizações antigas.

Nietzsche apresenta essa ***“moral dos senhores”***, como o sistema original e natural de moralidade, talvez mais associado por ele à Grécia homérica, mas inerente a todos os povos indo-europeus. A moralidade real é criação exclusiva dos senhores e baseia-se na fé em si mesmos, no orgulho, na força, na beleza e na saúde. Segundo a moral dos senhores, o superdotado (superior) não tem obrigação de se submeter aos padrões daqueles que são mais fracos que ele, e todas as suas ações, obedecendo aos instintos naturais e a uma personalidade genuinamente nobre, são comparadas às ações de um predador diante de sua presa, eles não seriam vistos como "bons" ou "maus", mas estariam "além do bem e do mal".

Pelo contrário, a ***moral dos servos (ou moral dos escravos)*** nasce do ressentimento dos oprimidos, doentes, fracos e fracassados, e se produz como reação à moralidade dos senhores, começando por condenar os valores e qualidades dos poderosos. Uma vez denegridos o poder, a ordem, a glória dos senhores, o escravo passa a decretar como "boas" as qualidades dos fracos e exalta as fraquezas e os vícios, apresentando-os como virtudes e espalhando-os pelo mundo.

Os servos inventam uma moral que torna mais suportável sua condição de escravo e incapaz. Como os escravos são fracos e não podem agir sob as regras dos fortes, eles promovem valores como mansidão, submissão, resignação, conformismo, paciência, humildade, compaixão, misericórdia, pacifismo, tolerância, igualdade (muitos deles típicos do cristianismo) e criticam o poder, a paixão, a supremacia, o orgulho, o autoaperfeiçoamento, a glória e a força.

Dessa forma, para Nietzsche, a modernidade, herdeira absoluta do judaísmo-cristianismo, da Revolução Francesa e do socialismo [marxista], submergiu em uma moral escrava incompatível com a natureza e suas leis, pois suprimiu instintos e im-

pulsos vitais, o que gradualmente iria levar a humanidade à sua autodestruição. Seria necessária uma "transmutação de todos os valores" para reverter esse processo de decadência, em que muitas das coisas atualmente consideradas "más" eram, no início dos tempos, boas e vice-versa.

Nietzsche vê no cristianismo o fermento enfraquecido do Ocidente. Segundo ele, o cristianismo apenas retomou, disfarçado, os temas do judaísmo, o ódio das classes aristocráticas, o ódio dos indivíduos superiores, envenenando a humanidade ao oferecer uma moral ressentida. Ela revive no cristianismo todos os traumas de uma comunidade judaica dominada por padres, que para serem líderes perpétuos precisa de uma massa de oprimidos, fracassados e paranoicos. Mais do que este partido de apóstolos de Jesus, Nietzsche acusa diretamente Paulo de Tarso (um judeu de cidadania romana), dessa transfusão venenosa do judaísmo transformado em cristianismo e transplantado para o Ocidente.

O que é o cristianismo então? E Nietzsche responde: "É a forma decadente do mundo antigo”. Mas até chegar às suas últimas consequências, o cristianismo teve que engendrar um enfraquecimento no espaço e no tempo, como ele diz: "Porque a Revolução Francesa é filha e continuação do cristianismo... tem esse mesmo instinto hostil as castas, a aristocracia, e aos últimos privilégios [dos arianos].”

Como resultado da Revolução Francesa, Nietzsche acrescenta: “O socialismo (leia-se, marxismo), tirania extrema exercida por tolos e medíocres, mal esconde sua vontade de negar a vida".

Assim tudo se concatena: de Sócrates ao cristianismo, dela à Revolução Francesa e dela ao socialismo [marxista], em diferentes formas e vestimentas é o mesmo fenômeno de debilitação; em uma palavra: decadência.

Nietzsche foi além dos pensadores anticristãos do Iluminismo, que achavam que o cristianismo era simplesmente falso. Ele alegou que foi deliberadamente infundida pelos judeus como uma religião subversiva concebida como uma arma psicológica contra o Império Romano pelo apóstolo Paulo e, em seguida, propagada com maior virulência, a fim de se vingar da destruição de Jerusalém e do Templo nas mãos dos romanos durante a Primeira Guerra Judaico-Romana.

Para Nietzsche, o cristianismo é uma religião de aflição e mansidão que prega o abandono da vida pela depressão dos impulsos vitais, alienando o homem de tudo o que o torna um ser vivo e, no sentido existencial, atraindo-o para a morte e para o nada com promessas de "vida eterna" e promovendo um tipo de moralidade que

exalta as fraquezas e os vícios apresentando-os como virtudes estendendo-os ao redor o mundo como uma praga venenosa.

De certa forma, Nietzsche indiretamente alimentou várias correntes neopagãs antissemitas que viam o cristianismo como uma invenção judaica para destruir a moral genuína do homem branco.

A filosofia geral de Nietzsche, embora haja pontos de pouca importância que em alguns escritos possam indicar o contrário, em grande parte converge com a filosofia do Nacional-Socialismo, para a qual muitas de suas expressões, e em sua interpretação legítima, foram proclamadas como paradigma do movimento. Filosoficamente, esse pensador era atraente para o Nacional-Socialismo, pois era um amante da vida e da natureza. Os nacional-socialistas amavam a vida e a natureza e não pretendiam especular sobre Deus ou a vida após a morte. Por esta razão o Nacional-Socialismo tentou tornar-se uma espécie de religião sem deus, onde se pregavam todos os valores e tendências que Nietzsche refletia em seu livro Zaratustra, como o orgulho, a vontade de poder e a restauração de uma moralidade de senhores (nobres), o espírito anti-igualitário e antidemocrático, a luta contra a misericórdia, o amor à vida terrena e a beleza espiritual que se encontra nela, a dureza e o espírito corajoso.

Por esta razão, Friedrich Nietzsche tem sido considerado por muitos, um precursor (ou mesmo profeta) do Nacional-Socialismo. O próprio Hitler era um leitor fervoroso de Nietzsche, a ponto de dar uma coleção inteira de obras a Benito Mussolini. Quando Hitler chegou ao poder em 1933, o Arquivo Nietzsche recebeu apoio financeiro e divulgação. A irmã de Nietzsche, Elisabeth Förster-Nietzsche, adotou fervorosamente a ideologia Nacional-Socialista e cuidou de distribuir seu trabalho por todo o Terceiro Reich hitlerista.

— Terry Knight

GLOSSÁRIO

Deuses Gênios[22] = “protetores da capacidade procriadora do homem.”

Deuses Lares = Protegiam o lar doméstico.

Deuses Manes = Almas dos parentes que faleceram e que foram transformadas em seres divinos.

Deuses Penates = Forneciam saúde e crescimento econômico para a família.

Espíritos Númenes[23] = Espírito que seguia o homem para protegê-lo.

Pater familias = Chefe da família.

[22] Disponível em: https://www.infoescola.com/mitologia/mitologia-romana/. Acesso em: 01/02/2023

[23] Disponível em: https://dicionario.priberam.org/n%C3%BAmen . Acesso em: 01/02/2023

REFERÊNCIAS

DESERT Triangle Tour. 2020. Disponível em: https://satswarooptravels.com/desert-triangle-tour/. Acesso em: 13 nov. 2022.

DESPUÉS del Concilio de Nicea. Apologia 2.1. 2012. Disponível em: https://apologia21.com/2012/12/26/despues-del-concilio-de-nicea-2/. Acesso em: 20 nov. 2022.

ESPARTA e sua lei. Legio Victrix. 2020. Disponível em: https://legio-victrix.blogspot.com/2020/11/eduardo-velasco-esparta-e-sua-lei.html. Acesso em: 19 nov. 2022.

EUROPA Soberana: Roma contra Judea, Judea contra Roma (I) —las bases del conflicto. ventatodocompro. 2016. Disponível em: http://ventatodocompro.blogspot.com/2016/11/europa-soberana-roma-contra-judea-judea.html. Acesso em: 14 nov. 2022.

FERRER, Adela. **El asesino del zodíaco (2) Maneras de matar: Marte en Cáncer, Leo y Virgo**. Astrologos del Mundo. 2014. Disponível em: https://astrologosdelmundo.ning.com/profiles/blogs/maneras-de-matar-marte-en-c-ncer-leo-y-virgo. Acesso em: 19 nov. 2022.

FORMIAE ROMANA IL "MEDICUS OCULARIUS IOLAO " E LA "SACERDOS HELVIA STEPHANIS ". formiaelasuastoria. 2017. Disponível em: https://formiaelasuastoria.wordpress.com/2017/08/13/formiae-romana-il-medicus-ocularius-iolao-e-la-sacerdos-helvia-stephanis/. Acesso em: 14 nov. 2022.

FRIEDERICH, Johann Konrad. **Das Welttheater oder die allgemeine Weltgeschichte der Schöpfung bis zum Jahr 1840**: in fünf Abtheilungen. Frankfurt a.M, v. 4, 1836.

Genny. **Ierarhiile Ceresti**. PUTEREA CREDINTEI. 2010. Disponível em: http://puterea-credintei.blogspot.com/2010/05/ierarhiile-ceresti.html. Acesso em: 22 nov. 2022.

JUDEA contra roma, roma contra judea. Archive.org. 2017. Disponível em: https://web.archive.org/web/20170903061232im_/https://i.imgur.com/UvsVbMk.png. Acesso em: 14 nov. 2022.

LAURETI, Tommaso. **Presenting Catholic Prayer, in all its diversity.**. Catholic American Thinker. 2012. Disponível em: https://www.catholicamericanthinker.com/catholic-prayer.html. Acesso em: 18 nov. 2022.

MARTÍN GONZÁLEZ, David. **Roma y su agotadora conquista de Judea**. La Vanguardia. 2020. Disponível em: https://www.lavanguardia.com/historiayvida/historia-antigua/20200206/473297339791/antigua-roma-pueblo-judio-conquista-jerusalen.html. Acesso em: 16 nov. 2022.

MITOLOGIA Romana. **Infoescola**, 2023. Disponível em: https://www.infoescola.com/mitologia/mitologia-romana/. Acesso em: 01/02/2023

MOST WORSHIPFUL PRINCE HALL GRAND LODGE: Message from the Most Worshipful Grand Master. mastermason. Barbados, 2009. Disponível em: http://www.mastermason.com/MWPHGLC/New%20Folder/index.html. Acesso em: 14 nov. 2022.

MURDOCK, Acharya. **Mithra: The Pagan Christ**. Stellar House Publishing. 2019. Disponível em: https://stellarhousepublishing.com/mithra/. Acesso em: 19 nov. 2022.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **El Anticristo: Una Maldición Contra El Cristianismo**. Espiritualidad & Pensamiento, 2018. 7, 24, 29, 43, 44, 51, 58 p.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepsculo de los dolos**: O Cmo Se Filosofa Con El Martillo. Alianza Editorial Sa, f. 104, 2013. 208 p.

NITO103. **Jesus cristo crucificado**. depositphotos. 2009. Disponível em: https://br.depositphotos.com/stock-photos/jesus-cristo-crucificado.html. Acesso em: 14 nov. 2022.

NÚMEN, in **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2021, https://dicionario.priberam.org/n%C3%BAmen. Acesso em: 02-02-2023.

OUTROS tipos de coleccionismo. Fórum de Numismática. 2014. Disponível em: http://www.forum-numismatica.com/viewtopic.php?t=105324. Acesso em: 19 nov. 2022.

PIO CLEMENTINO Museum. Musei Vaticani. Vaticano, 2022. Disponível em: https://www.museivaticani.va/content/museivaticani/en/collezioni/musei/museo-pio-clementino/Cortile-Ottagono/laocoonte.html. Acesso em: 21 nov. 2022.

Rodi. **Stiati ca… Creştinismul s-a confruntat cu păgânismul în diversele lui forme ce se statorniciseră în Imperiul Roman**. agnus dei. 2016. Disponível em: https://rodiagnusdei.wordpress.com/2016/05/18/stiati-ca-crestinismul-sa-confruntat-cu-paganismul-in-diversele-lui-forme-ce-se-statornicisera-in-imperiul-roman/. Acesso em: 18 nov. 2022.

ROMA contra Judea, Judea contra Roma (II) : las guerras judeo-romanas. Europa Soberana. Espanha, 2013. Disponível em: https://web.archive.org/web/20170927024326/http://europasoberana.blogspot.com.es/2013/05/roma-contra-judea-judea-contra-roma-ii.html. Acesso em: 17 nov. 2022.

ROMA contra Judea, Judea contra Roma (II): las guerras judeo-romanas. Europa Soberana. Espanha, 2013. Disponível em: https://web.archive.org/web/20170903061302/https://i.imgur.com/ubnsSWu.png. Acesso em: 17 nov. 2022.

ROMA contra Judea, Judea contra Roma (III): el cristianismo y la caída del Imperio. Europa Soberana. 2013. Disponível em: https://web.archive.org/web/20171003200205/http://europasoberana.blogspot.com.es/2013/05/roma-contra-judea-judea-contra-roma-iii.html. Acesso em: 19 nov. 2022.

SOVEREIGN EUROPE. **Roma contra Judéia, Judéia contra Roma (I)** : as bases do conflito. Evropa Soberana. Espanha, 2013. Disponível em: https://web.archive.org/web/20170830124631/http://europasoberana.blogspot.com.es/2013/05/roma-contra-judea-judea-contra-roma-i.html. Acesso em: 14 nov. 2022.

TACITUS, Publius Cornelius. **The histories**: Capítulo 4 e 5. 1994.

TRATADO Primero. *In:* NIETZSCHE, Friedrich. **La genealogía de la moral** . NoBooks Editorial, 1974. cap. 8, 15, 16.

WINSLOW, Kirk. **Understanding the Bible 08: Solomon's Temple**. jesusat2am. 2013. Disponível em: https://www.jesusat2am.com/2013/11/25/understanding-the-bible-08-where-heaven-meets-earth-the-temple/. Acesso em: 14 nov. 2022.

WRENN, Eddie. **A new side to Nero? Ancient Greek poem found in a rubbish dump praises cruel Emperor 200 years after his death**. Mail Online. 2012. Disponível em: https://www.dailymail.co.uk/sciencetech/article-2194564/Mystery-ancient-Greek-poem-Egyptian-rubbish-dump-praises-cruel-Emperor-Nero-200-years-death.html. Acesso em: 18 nov. 2022.

ΟΙ ΦΙΛΌΣΟΦΟΙ ΣΤΗΝ ΑΛΕΞΑΝΔΡΙΝΉ ΚΑΙ ΕΛΛΗΝΟΡΩΜΑΪΚΉ ΕΠΟΧΉ. ellinondiktyo. 2015. Disponível em: https://ellinondiktyo.blogspot.com/2015/07/blog-post_83.html?m=1. Acesso em: 14 nov. 2022.

ANEXO A — MANUAL DA JUVENTUDE HITLERISTA (1937)

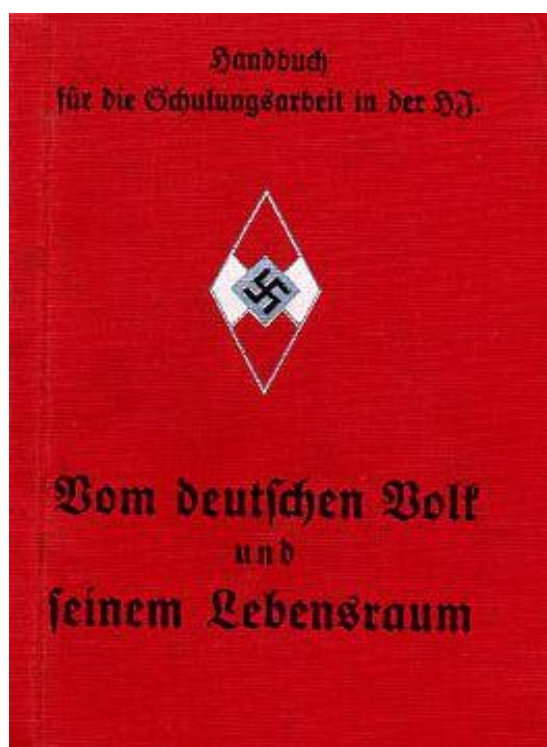
Antecedentes: Este material vem de um pequeno livro para líderes da Juventude Hitlerista. Traduzo as seções que tratam especificamente de raça e da crítica ao cristianismo, embora para a mente nacional-socialista raça e solo (Blut und Boden) estivessem inextricavelmente relacionados. Esse material forneceu aos líderes o histórico de que precisavam para transmitir o pensamento racial nacional-socialista aos meninos da Alemanha.

Material de autoria do professor: Randall Bytwerk, todos os créditos devem ir para ele e não para mim.

Fonte I: Fritz Bennecke (ed.), Vom deutschen Volk und seinem Lebensraum. Handbuch für die Schulung in der HJ (Munich: Franz Eher, 1937).

Fonte II: https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/hjhandbuch.htm

---

Sobre o povo alemão e seu território

Introdução: A cosmovisão dos fatos

A cosmovisão do nacional-socialismo é hoje propriedade comum de todo o povo alemão. Todos os cidadãos sem preconceitos de boa vontade fizeram do pensamento nacional-socialista tão profundamente seu que ele fornece respostas para todas as questões da vida e direção para todas as ações.

Essa visão de mundo nacional-socialista compartilhada permite que os cidadãos

alemães participem ativamente da formação de nossa vida nacional. Independentemente de sua posição, cada alemão pode, por pensamento e ação, participar da renovação política, cultural e econômica. Essa visão de mundo comum é o vínculo inquebrantável que une a liderança e os seguidores de nosso povo em seu trabalho comum.

No passado não havia esse envolvimento geral de todos os cidadãos na formação de nossa vida política. Havia um abismo profundo entre os “governantes” e os “súditos”. Mesmo quando estávamos sob o chamado governo democrático, o cidadão comum não tinha nenhum papel na determinação do destino de nosso povo. O envolvimento profundo e a participação real de todos os alemães eram impossíveis, pois na maioria dos casos apenas um pequeno círculo da elite determinava a direção que o governo deveria seguir. Isso não ocorreu apenas porque o passado carecia de uma visão de mundo unificada e comum. As muitas assim chamadas cosmovisões eram suficientemente obscuras e confusas para serem incapazes de levar a uma construção de vontade política.

As visões de mundo anteriores não foram construídas sobre o reconhecimento da realidade e o conhecimento dos fatos. Em vez disso, eram teorias abstratas não relacionadas à realidade que se desenvolveram ao longo da história. Eles não tinham nada a ver com os fatos reais e, de fato, muitas vezes estavam em conflito agudo com eles. O conflito entre a teoria e a realidade logo confundiu tanto todos os assuntos da vida nacional que até mesmo os “líderes” desses grupos de visão de mundo não conseguiam ordenar a confusão. O cidadão comum não podia fazer mais do que esperar com mais ou menos paciência para ver o que resultaria no campo político. Ele foi levado do palco político para o público. O exato oposto é o caso hoje. Todas as questões da nossa vida política são tão claras, simples, e unificados para que cada cidadão possa entendê-los e trabalhar para resolvê-los.

A visão de mundo nacional-socialista não é o resultado de um pensamento abstrato e complicado. Não é uma teoria, mas está claramente ligada à realidade. O pensamento nacional-socialista vem da experiência. É uma visão de mundo baseada em fatos e realidade. Os fatos mais importantes e influentes na vida das nações são “sangue e solo”. Aquele que compreende suas leis e efeitos na história pode determinar o futuro. O objetivo deste manual para a Juventude Hitlerista é construir sua vontade política de acordo com a visão de mundo nacional-socialista.

Capítulo I: Desigualdade Humana

O fundamento da visão de mundo nacional-socialista é o conhecimento da desigualdade humana. Provavelmente ninguém discordará disso, desde que nos atenhamos à aparência física. É óbvio que os de "peles vermelhas", os "amarelos", os negros e os brancos são muito diferentes. E todos os brancos não são iguais. O observador cuidadoso pode encontrar diferenças no tamanho físico e na forma. A cor dos olhos, cabelos e pele também varia muito.

Mas também existem diferenças espirituais entre as pessoas. Isso fica particularmente claro quando várias pessoas falam sobre um determinado assunto. Para uma pessoa, o trabalho é uma "maldição", "castigo de Deus", um fardo que se deve remover o mais rápido possível. Para o outro, é uma parte necessária da existência que dá sentido à vida humana. Por um lado, bravura e lealdade, não passam de grande estupidez. Ele preferia ser "um covarde por alguns minutos" do que "estar morto pelo resto da vida". Para outro, bravura e lealdade são as características usadas para valorizar e estimar as pessoas. Ele mantém sua palavra, em tempos bons ou ruins. Ele não pode viver sem honra e prefere morrer a ser um covarde.

As pessoas diferem em mais do que suas características físicas. Tão profundas quanto, e sem nenhuma maneira de preencher a lacuna, são as diferenças de espírito, alma e corpo juntos formam a pessoa inteira, uma vez que formam um todo unificado. Suas relações internas devem, portanto, ser estudadas. Então reconheceremos claramente a vasta diferença entre os de sangue alemão e os judeus, embora suas características físicas possam sugerir que ambos eram membros do mesmo grupo humano. Compreendemos então a desigualdade humana. Agimos de acordo com esse entendimento.

A era passada ignorou inteiramente a desigualdade humana ou então agiu de forma contrária ao seu melhor conhecimento. Durante a colonização do Paraguai no século XIX, por exemplo, os jesuítas permitiram que os colonos brancos se casassem com índias nativas. Talvez eles pensassem que a população nativa seria assim elevada ao nível dos brancos. Mas esses casamentos mistos produziram bastardos infelizes que não eram nem brancos nem nativos. Na maioria dos casos, herdaram as más características de ambos os grupos, carecendo de estabilidade espiritual. Em nosso tempo, também, certas pessoas ocasionalmente não sabiam a diferença entre honra racial e corrupção racial. Os numerosos bastardos resultantes das rela-

ções com as forças negras de ocupação na região do Reno, ou aquelas que vieram das relações entre judeus e alemães, são exemplos trágicos. Mesmo os mais altos cargos governamentais da era do Sistema [o termo nacional-socialista para a República de Weimar] ignorou intencionalmente o conhecimento racial. Por exemplo, eles proibiram o conhecido estudioso racial Ludwig Schemann de estudar a natureza das raças e retiraram o apoio à sua pesquisa.

Ainda hoje, o pensamento racial do Nacional-Socialismo tem oponentes implacáveis. A Maçonaria, o Marxismo e as igrejas cristãs fazem causa comum neste assunto. A Maçonaria Mundial esconde seus planos judaicos de dominação mundial por trás de slogans de "humanidade". O judeu e o turco podem alcançar seus graus tão bem quanto o cristão. O marxismo tem os mesmos objetivos da Maçonaria. Para ocultar seus verdadeiros objetivos, usou o slogan "Igualdade, Liberdade e Fraternidade". Sob a liderança judaica, o marxismo quer unir tudo "que tenha rosto humano".

A igreja cristã, acima de tudo a Igreja Católica Romana, rejeita o pensamento racial ao afirmar que "todos os homens são iguais perante Deus". Todos os que são da fé cristã, sejam judeus, negros da selva ou brancos, são melhores e mais valiosos para ela do que um alemão que não é cristão. A fé salvadora é o único vínculo.

A prova de que a Igreja Católica Romana está agindo contra seu melhor conhecimento ao rejeitar o pensamento racial é clara a partir dos seguintes fatos. Houve uma vez o perigo de que os objetivos dos jesuítas fossem subvertidos ou redirecionados por membros judeus. O resultado foi a proibição de os judeus se tornarem jesuítas. Hoje o perigo já passou há muito tempo e a igreja quer esquecê-lo.

Por que encontramos o absurdo sobre a igualdade humana na Maçonaria, no marxismo e na igreja cristã? Todos os três estão mais ou menos lutando pelo poder mundial. Eles, portanto, têm que ser "internacionais". Eles nunca podem aceitar laços raciais, étnicos ou nacionais entre as pessoas sem desistir de seus objetivos.

Apesar desses principais oponentes, no entanto, o pensamento racial está constantemente ganhando terreno. A verdade está gradualmente ganhando. Precisamos apenas pensar na crescente frente de países que estão resistindo à influência destrutiva dos judeus. E lembramos as leis de imigração de muitos países que proíbem judeus ou outros grupos indesejados.

Mas não queremos ficar com assuntos superficiais. Necessitamos ainda de maior clareza neste assunto. Só então podemos entender o quarto ponto do programa do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, que diz: "Apenas

camaradas raciais podem ser cidadãos. Um camarada racial deve ser de sangue alemão, independentemente da religião. Nenhum judeu pode ser um camarada racial”.

ANEXO B — PANFLETO DA POLÍTICA RACIAL DA SS (1943)

Antecedentes: Este é um panfleto descrevendo as teorias raciais nacional-socialistas. Parece ter sido destinado principalmente a membros da SS, embora a cópia em que estava traduzindo tenha o selo de uma biblioteca escolar. O livreto também sugere um plano de abrangência do conteúdo da cartilha em onze aulas, indicando que se destinava ao uso nas escolas.

Material disponibilizado pelo professor: Randall Bytwerk, todos os créditos devem ir para ele e não para mim.

Fonte I: Der Reichsführer SS/SS-Hauptamt, Rassenpolitik (Berlin, 1943).

Fonte II: https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/rassenpo.htm

Política Racial

Capítulo 1: Pensamento racial

Hoje estamos no meio de outra época revolucionária. Os entendimentos científicos revolucionários da genética e da raça encontraram expressão política na visão de mundo nacional-socialista. Mais uma vez desabou um mundo de aparências que havia escondido de nossos olhos a verdadeira natureza da humanidade e as conexões entre corpo, alma e espírito. O fundamento da cosmovisão cristã é a doutrina da separação do corpo e da alma; a alma e o espírito pertencem a um mundo independente do físico, livre das leis naturais, e até certo ponto são capazes de libertar o corpo humano de seu ambiente natural. É uma grande mudança quando a teoria racial reconhece a unidade de corpo, alma e espírito e os vê como um todo que segue as leis eternas da natureza. [...]. Ideias sobre a humanidade e os povos que duraram milênios estão entrando em colapso. O espírito nórdico luta para se libertar das correntes que a Igreja e os judeus impuseram ao germanismo. E não é apenas uma batalha espiritual, pois encontra expressão na luta do nacional-socialismo pelo

poder, bem como nos atuais campos de batalha a leste e a oeste. A próxima vitória trará uma mudança fundamental em nossa visão do mundo e abrirá o caminho para a humanidade nórdica para um futuro novo e maior.

Os inimigos da cosmovisão nacional-socialista e sua doutrina da igualdade da humanidade

As igrejas

A Igreja Cristã ensinou a igualdade da humanidade desde o início e a realizou nas áreas que dominava. O judeu Paulo foi acima de tudo o responsável pela ideia, apesar do orgulho de sua ascendência judaica pura. Ele ganhou os habitantes do Império Romano para a nova fé. O Império Romano experimentou considerável mistura racial, o que encorajou a rápida disseminação da doutrina da igualdade racial. Qualquer um podia tornar-se cristão, fosse romano, grego, judeu, negro, etc. Como cristãos eram todos iguais, pois o importante era que pertenciam à Igreja e aceitavam seus ensinamentos. As únicas diferenças que contavam eram aquelas entre crentes e incrédulos, e entre sacerdotes e leigos dentro da Igreja. Uma vez que todos os homens foram criados à imagem de Deus, tudo precisava ser ganho para a Igreja. O objetivo é uma humanidade unificada unida em uma Igreja abrangente liderada pelos padres.

Legenda: A mesma alma habita nesses corpos diferentes?

A expressão mais clara disso vem na declaração do Papa Pio IX em 29 de julho de 1938: “Hoje a raça humana é uma única raça, grande e católica”. Esta doutrina religiosa não veio da religião nativa de uma raça ou de um povo racialmente puro. Desenvolveu-se no Oriente durante um período de caos racial das mais variadas cul

turas e encontrou sua forma final sob a influência bizantina.

Ser absorvido na comunidade cristã e receber educação cristã não fez nada para mudar ou melhorar a natureza ou estilos de vida dos vários povos, no entanto. Eles apenas ficaram incertos sobre sua verdadeira natureza, o que significa que influências estrangeiras interferiram em áreas onde apenas o sangue deveria falar, por exemplo, as relações entre homens e mulheres, seleção de cônjuges, a relação entre família e pessoas, de fato em relações com costumes e estilos de vida.

Em mais de mil anos, o cristianismo não conseguiu elevar o nível cultural dos negros ou dos índios sul-americanos. Mas a Igreja construiu muros onde não deveriam existir, por exemplo aqueles entre alemães de várias confissões. E derrubou os muros que a natureza estabeleceu ao abençoar os casamentos entre arianos e judeus, negros e mongóis. Tirou milhões de pessoas valiosas de seus papéis ordenados por Deus na comunidade do povo e as colocou em mosteiros ou no sacerdócio. Suas doutrinas são responsáveis pela queda de raças, povos e culturas.

Os instintos saudáveis dos povos alemães resistiram desde o início ao seu ensinamento estrangeiro, ou tentaram dar-lhe um cunho próprio. Os povos nórdicos lutaram contra isso durante séculos. Mestre Eckhart disse há mais de 600 anos: “O divino está em mim, eu faço parte dele; Posso reconhecer a vontade de Deus sem a ajuda dos padres”.

Lutero disse aos cristãos para ouvir a si mesmos e agir de acordo com suas consciências. Mas a tragédia da Reforma [protestante] é que começou como uma revolução alemã, mas terminou em uma batalha sobre dogmas, e Lutero finalmente ligou a consciência aos ensinamentos judaicos da Bíblia. [...]. O espírito científico nórdico só pode aceitar como verdadeiro aquilo que está de acordo com a ciência e a experiência. Hoje, até mesmo a outrora imóvel Igreja está fazendo perguntas sobre a igualdade da humanidade. A visão de mundo nacional-socialista, baseada no conhecimento das leis de herança e da desigualdade das raças, conseguirá superar esse antigo ensinamento falso e devolver o povo alemão à sua visão de mundo nativa.

Liberalismo

A Revolução Francesa (1789) introduziu na Europa uma nova ideia orientadora, resumida na frase “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. Foi uma revolta de elementos racialmente inferiores que assumiram ideias que em parte tinham origens raciais totalmente diferentes e só poderiam ser pervertidas por eles. Os judeus tiveram uma influência decisiva. Assim como a Igreja, o liberalismo ensinava que todas as pessoas eram iguais, que não havia diferenças de valor entre as raças, que as diferenças externas (por exemplo, tipo de corpo, cor da pele) não eram importantes. Cada pessoa, independentemente da raça, pode ser um herói ou um covarde, um idealista ou um materialista, criativo ou inútil para a sociedade, militarmente capaz, cientificamente capaz, artisticamente talentoso. O meio ambiente e a educação eram os elementos importantes que tornavam os homens bons e valiosos. Se alguém fornecesse o ambiente adequado e libertasse as pessoas de suas correntes, os povos se uniriam para desenvolver suas habilidades em uma humanidade unificada e a paz eterna resultaria. Portanto, o liberalismo exigia igualdade para todos, as mesmas oportunidades para todos, em particular os judeus, igualdade e liberdade na esfera econômica, etc.

Nós, alemães, vimos aonde levam tais doutrinas. O liberalismo derrubou as estruturas que mantinham as raças e os povos unidos, liberando os impulsos destrutivos. O resultado foi o caos econômico que levou, de um lado, a milhões de desempregados e, de outro, ao luxo sem sentido de chacais econômicos. O liberalismo destruiu as bases econômicas do povo, permitindo o triunfo dos sub-humanos. Conquistaram o protagonismo dos partidos políticos, da economia, das ciências, das artes e da imprensa, esvaziando a nação por dentro. A igualdade de todos os cidadãos, independentemente da raça, levou à mistura de europeus com judeus, negros, mongóis e assim por diante, resultando na decadência e declínio da raça ariana.

Tudo o que a civilização nórdica havia conquistado dos poderes das trevas nas áreas da cultura, ciência e liberdade foi ameaçado no instante em que os judeus e outros elementos inferiores ganharam poder. A dominação europeia do mundo entrou em colapso como resultado da Guerra Mundial, e o melhor dos povos germânicos, os alemães, enfrentou o perigo do declínio. Adolf Hitler sozinho resgatou a Alemanha e toda a Europa desse destino.

Marxismo

O oponente mais perigoso de nossa visão de mundo no momento é o marxismo e seu descendente, o bolchevismo. É um produto do espírito judaico destrutivo, e são principalmente os judeus que transformaram essa ideia destrutiva em realidade. O marxismo ensina que existem apenas duas classes: os proprietários e os sem propriedade. Cada um deve ser destruído e todas as diferenças entre as pessoas devem ser abolidas; uma única sopa humana deve resultar. Aquilo que antes era santo é desprezado. Todas as conexões com a família, clã e pessoas devem ser dissolvidas. O marxismo apela aos impulsos mais básicos da humanidade; é um apelo aos sub-humanos.

Vimos em primeira mão aonde o marxismo leva as pessoas, na Alemanha de 1919 a 1932, na Espanha e sobretudo na Rússia. O povo corrompido pelo liberalismo não consegue se defender desse veneno judaico-marxista. Se Adolf Hitler não tivesse vencido a batalha pela alma de seu povo e destruído o marxismo, a Europa teria afundado no caos bolchevique. A guerra no Oriente levará à eliminação final do bolchevismo; a vitória da cosmovisão nacional-socialista é a vitória da cultura ariana sobre o espírito de destruição, a vitória da vida sobre a morte.

O Judeu

Os judeus estavam por trás dos ensinamentos de igualdade da Igreja, do liberalismo e do marxismo. Eles foram os primeiros e mais fanáticos proponentes da ideia. O judeu Paulo espalhou a doutrina cristã da igualdade. A Maçonaria dominou o mundo intelectual da Revolução Francesa, e o Liberalismo surgiu da Maçonaria. O judeu português Ricardo, o "pai da economia nacional clássica", é o profeta da teoria econômica liberal do livre comércio e da pirataria econômica. A fundação do marxismo e do bolchevismo é "Das Kapital", do judeu Mordechai (Marx).

Como o judeu ganhou esse poder destrutivo sobre os povos europeus? Os judeus são uma raça mestiça. A característica essencial que os separa de todas as outras raças e povos é o instinto de parasitismo. Os próprios judeus são mais claros sobre isso. Karl Marx, o autor de "Das Kapital", diz: "Qual é a característica essencial do judaísmo? Praticidade, interesse próprio. Qual é a cultura do judeu? Pechinchan-

do. Qual é o deus dele? Dinheiro." O filósofo judeu Spinoza disse: “O que exigimos é simples: que controlemos tudo o que é necessário para o nosso próprio bem”.

A natureza parasitária dos judeus é clara em sua capacidade de se ajustar aos povos hospedeiros. Um exemplo característico é a relação do judeu com a língua: mesmo antes de nossa era, o povo judeu havia mudado sua língua várias vezes. Onde quer que fossem, eles adotavam a língua anfitriã, embora geralmente não conseguissem esconder suas adições raciais.

No entanto, os judeus são um dos povos mais racialmente conscientes. As leis do Antigo Testamento e do Talmude proíbem fortemente o casamento com gentios. Judeus líderes sempre enfatizaram a importância da raça e da pureza racial. Até a União Soviética, que se opunha à raça, havia aprovado medidas para proteger o sangue judeu. A declaração mais familiar vem do judeu Benjamin Disraeli (originalmente d'Israeli, mais tarde Lord Beaconsfeld), o antigo primeiro-ministro britânico: *“Ninguém pode ser indiferente ao princípio racial, à questão racial. É a chave para a história do mundo. A história muitas vezes é confusa porque é escrita por pessoas que não entenderam a questão racial e os aspectos a ela pertinentes... Raça é tudo, e toda raça que não evitar que seu sangue se misture perecerá. . . Língua e religião não determinam uma raça – o sangue a determina.”*

Sua natureza parasitária levou o judeu a manter sua própria raça pura e a atacar outras raças no âmago de seu ser, sua natureza racial. Somente quando a pureza racial de um povo foi destruída, o judeu é capaz de se desenvolver livremente e sem restrições. As políticas de Disraeli provam que muitos judeus trabalham conscientemente para destruir a pureza racial. Ele nomeou a Rainha Elizabeth Imperatriz da Índia, criando uma abertura na Inglaterra para estilos de vida orientais. Ele enganou o povo inglês com a noção de um Império Oriental, sabotando e falsificando assim os instintos raciais ingleses.

O judeu também traiu os povos da Rússia com imagens do céu na terra, levando a uma grande mistura de raças, acelerando enormemente um processo de decadência já em andamento. O judeu só pôde realizar seus planos de dominação mundial quando a Rússia se tornou fraca, sem instintos, sem cultura. É assim que entendemos a descrição de Mommsen do povo judeu como o “fermento da decomposição”. Como resultado, nunca pode haver paz, mas apenas combate, entre os judeus e os povos racialmente conscientes. A Europa terá derrotado esta ameaça somente quando o último judeu deixar nossa parte do planeta. As palavras do

Führer no início da guerra serão cumpridas: o povo alemão não será destruído nesta guerra, mas sim o judeu.

O triunfo do pensamento racial

A nova compreensão científica da importância do sangue para a existência do povo alemão e sua cultura não venceu sem luta. O pensamento de nosso povo foi desviado pelas forças da Igreja, do liberalismo, do bolchevismo e do judaísmo. Somente a vitória de Adolf Hitler e a visão de mundo nacional-socialista permitiram que o povo alemão pensasse racialmente. A cosmovisão apela à herança de sangue nórdica de cada alemão. Temos que agradecer pelo enorme progresso de nosso povo após 1933 e pelos triunfos sem precedentes de seu exército na construção de uma nova ordem na Europa e no mundo. Destruir o judaísmo removerá a causa final que levou ao declínio e queda da Europa e de sua cultura.

Quando o nacional-socialismo assumiu o poder na Alemanha, a maioria dos cidadãos não entendeu o significado revolucionário da ciência racial e da genética. A vitória do pensamento racial em tão pouco tempo é espantosa. O conhecimento científico geralmente requer décadas, até séculos, então entre no pensamento de um povo. A visão de mundo que Adolf Hitler desenvolveu, com base nesses resultados científicos incontestáveis, permitiu que a maior parte de nosso povo fosse persuadida da correção e do significado decisivo do pensamento racial.

Mesmo em outras partes do mundo germânico onde a influência do liberalismo tem sido a mais forte e persistente (Suécia!), as pessoas estão percebendo o significado histórico e o valor do sangue nórdico comum e a importância de mantê-lo puro. Eles reconhecem que ainda hoje os povos germânicos do Norte estão em perigo.

Capítulo 2: Raça e Pessoas

Algumas citações deste capítulo:

“A alma humana não existe independente do corpo, como ensina a Igreja. Corpo e alma são uma unidade inseparável. O corpo vivo é a manifestação da alma.”

“Cada manifestação do povo depende do indivíduo e da família. A saúde e a vitalidade de um povo e a extensão e grau de sua cultura dependem da existência ou não de grupos racialmente valiosos suficientes. O indivíduo e o governo têm uma tarefa comum, que só podem cumprir juntos: manter puros esses grupos e famílias racialmente valiosos. Adolf Hitler levou o povo alemão à percepção de que a raça nórdica é a raça mais criativa e valiosa do mundo. Ela determinou sua natureza, sua cultura e sua história. Portanto, cuidar do valioso sangue nórdico é sua tarefa mais importante. Cada um de nós tem um papel. A consciência de nossa ancestralidade orgulhosa deve ser a força orientadora de nosso comportamento.”

ANEXO C — NACIONAL-SOCIALISMO E RELIGIÃO

Antecedentes: Este é um pedaço de um texto do autor T-Knight, publicado na Metapédia, em agosto de 2022, que mostra os planos de Adolf Hitler para descristianizar a Alemanha. A metodologia usada foi o sincretismo religioso, cujo objetivo era acabar com o cristianismo — uma religião de origem judaica, globalista, internacionalista, e tão desprezada pela aristocracia Nacional-Socialista. O partido de Hitler via o cristianismo aberto a todas as culturas e raças, logo essa religião era vista como multicultural, antinacionalista e antirracista. O NSDAP até chegou a criar o “cristianismo positivo”: uma fé de transição gradual para se livrar do cristianismo das confissões católicas e protestantes, retornando as raízes antigas ancestrais.

Fonte:
http://es.metapedia.org/m/index.php?title=Nacionalsocialismo_y_religi%C3%B3n&oldid=209719

A posição do Partido Nacional-Socialista

A posição religiosa do estado nacional-socialista alemão foi definida principalmente pelo artigo 24 do programa do partido que *"garantia a liberdade de todas as confissões religiosas dentro do estado, desde que não comprometam sua estabilidade ou contrariem o sentimento moral e dos bons costumes da raça germânica"*. Ou seja, que o valor da raça é o critério absoluto em relação à concepção religiosa e está acima da religião. Para o nacional-socialismo, é a raça, e não a religião, o único fator de união de um povo.

Na lei sobre a referida liberdade de consciência, o Estado Nacional-Socialista define claramente como este sentimento deve ser interpretado: *“Crer é uma questão mais pessoal e a pessoa só é responsável pela própria consciência.”*

O Estado Nacional-Socialista declara-se laico e não confessional e recusa qualquer ingerência em matéria religiosa desde que os seus representantes não intervenham na arena política.

Isso permitia a um cristão, católico ou protestante, ou seguidor de outra religião, viver sua fé dentro do Partido e da Alemanha, se o fizesse por convicção e escolha pessoal.

O Nacional-Socialismo também aspirava a um retorno à origem e à veneração aos ancestrais e buscava a restituição de uma cosmovisão espiritual germânica original e suas tradições, sem chegar a uma reconstrução estrita do paganismo dos povos germânicos ou da religião germânica.

Da mesma forma, de acordo com a concepção nacional-socialista da religião, a experiência religiosa nunca deve ser baseada em um conflito com outra concepção religiosa, pois tal atitude estaria em contradição com o espírito do programa do Partido e com a ética nacional-socialista. O governo alemão não iria promover uma divisão nacional por motivos religiosos, quando o que queria era unificar a Alemanha.

Cristianismo Positivo

O programa nacional-socialista de uma "religião de acordo com a raça" tinha como um de seus objetivos despojar o cristianismo de todos os traços judaicos. Esse "cristianismo", que precisava ser expurgado de seus elementos semíticos hebraicos e infundido com elementos indo-europeus, ficou conhecido pelo termo, criado por Alfred Rosenberg, **"cristianismo positivo"** e que foi a base dos "cristãos alemães" (Deutsche Christen, e também às vezes mais tarde chamado de "cristianismo ariano"). Essa doutrina continha elementos de uma religião *sui generis* em concorrência com as duas igrejas (católica e protestante) e nas suas características fundamentais não continha elementos, propriamente falando, do cristianismo tradicional.

Esta doutrina, pensada como uma fé transitória, e semelhante à heresia gnóstica de Marcião (85-160), rejeitava o Antigo Testamento, negava a origem hebraica de Jesus de Nazaré (considerando-o ariano), afirmava que São Paulo, como um judeu, falsificou a mensagem de Jesus, e ensinou que "O povo alemão não é herdeiro do pecado original, mas nobre por natureza"[24]. Tudo isso seguiu um plano de lon-

---

[24] Eliade, Mircea, *História das crenças e ideias religiosas* (Volume IV), Ed. Herder, pp. 553-554

go prazo para descristianizar a Alemanha e gradualmente reverter o processo de evangelização de séculos atrás, usando exatamente o mesmo método que a Igreja usou contra o paganismo através do sincretismo religioso, e assim devolver o povo às suas tradições originais.

Os principais proponentes do "cristianismo positivo" (Rosenberg, Himmler, Goebbels e Bormann) eram bastante conhecidos por sua rejeição total ao cristianismo. Rosenberg, junto com Robert Ley e Baldur von Schirach, endossou o Movimento da Fé Germânica (Deutsch Glaubensbewegung), uma organização pagã que amplamente rejeitava as concepções judaico-cristãs de Deus, e que foi formada sob o Terceiro Reich com a intenção de substituir instituições cristãs tradicionais e reduzir sua influência.

Em 3 de dezembro de 1928, Joseph Goebbels havia escrito: *"O movimento nacional-socialista defende um cristianismo positivo sem estar vinculado a uma determinada denominação. Os protestantes, assim como os católicos e os cristãos alemães têm seu lugar nele."*

No entanto, por volta de 1940 Hitler, e em favor de uma perspectiva científica, abandonou a ideia do cristianismo positivo e de um "cristianismo arianizado", ou no mito do "Jesus ariano" já promovido anteriormente por Houston Stewart Chamberlain, Lanz von Liebenfels, e alguns membros do partido. Em vez disso, as festas da Igreja, plagiadas pelo cristianismo dos pagãos, tiveram que recuperar seu significado original em primeiro lugar.

Rejeição do cristianismo e retorno às raízes ancestrais

Independentemente do debate e da posição oficial do regime, analisadas em profundidade em ambas as doutrinas, o Nacional-Socialismo e o Cristianismo são completamente antitéticas[25]. Por exemplo, a promulgação de uma biopolítica, juntamente com medidas de eugenia, eutanásia e aborto[26] regularizado dentro do regime (medidas que todos os povos europeus haviam implementado na antiguidade pagã), denotava que sua ética e hierarquia de valores, eram substancialmente opostas à ética de valores cristã. Quase imediatamente após a assinatura da concordata impe-

[25] Opostos entre si, ou seja, inimigos.
[26]Aqui se refere ao aborto de mestiços e pessoas com linhagem genética defeituosa.

rial, a "Liga da Juventude Católica" foi dissolvida e foi decretada uma lei de esterilização que escandalizou a comunidade cristã.

A moral cristã era vista como Fremdmoral, ou seja, uma moral estrangeira em relação ao povo alemão. Este termo geralmente se refere a princípios morais que não se originaram dentro da "espécie" de alguém (Artung), e assim minaram a ética "específica" de alguém (arteigene).

Isso também se refletiu claramente nas ideias de Erich e Mathilde Ludendorff "para um conhecimento alemão de Deus apropriado para a raça" de sua sociedade esotérica Bund für Gotteserkenntnis ('Sociedade para o Conhecimento de Deus'), bem como na organização Ahnenerbe. A questão da religião vista como forma de interpretar o mundo foi contemplada a partir das ideias que relacionavam o código genético com o comportamento espiritual das raças e que sustentavam a "adequação racial” ou grau de acomodação às idiossincrasias da raça que teve de assumi-la para a preservação da identidade e cultura nacionais.

O Terceiro Reich fez uso da simbologia cristã e pagã em seus desfiles e propaganda, mas o pagão sempre prevaleceu e seus desfiles e marchas tinham como objetivo comemorar o passado pagão. A suástica que Hitler adoptou como símbolo do seu movimento, é propriamente um símbolo solar que tem origem nas crenças indo-europeias pré-cristãs, e o grito de " Sieg Heil!", é uma aclamação à Vitória que também provém do passado pagão, assim como em Roma era "Ave Vitória!".

O Schwert-Schwur ou Juramento da Espada, vem da cultura germânica pré-cristã. Era uma antiga cerimônia em homenagem aos Deuses em que a irmandade dos guerreiros jurava lealdade e fidelidade ao povo e à comunidade. Todas as tribos germânicas observaram este juramento sagrado e aderiram a ele. O gesto da mão com dois dedos voltados para cima está relacionado à "mão abençoada" do deus Sabazios ou do frígio "Zeus" (século VI a.C) e possivelmente também a um antigo mudra védico. Mais tarde, foi copiado pela Igreja Católica.

Celebração do solstício de verão em 1937, patrocinada pela SS no Estádio Olímpico de Berlim.

Beltane (1º de maio) celebração da Juventude Hitlerista e da SS

Fotografia da primeira celebração da colheita (Erntedankfest) no Terceiro Reich, em setembro de 1933. As donzelas carregam símbolos solares ao redor da carruagem de Freya (ou Frigg), deusa da fertilidade

Desfile do Terceiro Reich com evidente lembrança do passado pagão.

Mulheres nacional-socialistas em uma celebração pagã.

Schutzstaffel (SS)

Se o NSDAP era uma organização política que pouco se intrometia nos assuntos religiosos, principalmente por razões diplomáticas, a SS, na sua qualidade de Ordem ideológica e destinada a ser a aristocracia do Ocidente, também fazia reivindicações neste campo.

A volta a um universo mental propriamente ariano não poderia deixar de lado o que une o homem ao princípio superior absoluto, ou seja, a religião. A denúncia do inerente carácter halogéneo do judaico-cristianismo, que durante séculos impregnara as mentalidades europeias, atingiu uma virulência talvez maior do que a referida ao judaísmo. O cristianismo, derivado da filosofia judaica, não foi perdoado por ter veiculado uma ideologia globalista e ter sistematicamente apagado, humilhado e denegrido tudo o que pudesse ser reminiscente da antiga cultura germânica (ver por exemplo: Carvalho de Thor).

Um exemplo dessas humilhações contra a cultura germânica é o sermão do cardeal Michael von Faulhaber em 1933, no dia de São Silvestre:

> *“Não se pode falar de uma cultura germânica per se, anterior aos tempos pré-cristãos e fundada em Tácito. Os alemães só se tornaram um povo com uma civilização no sentido pleno da palavra graças ao cristianismo. A tarefa mais difícil para os missionários cristãos era convencer os alemães a transformar suas espadas em arados.”*[27]

O cristianismo protetor dos fracos e doentes, pregando o pecado e a vergonha do corpo, o desprezo pelos animais e pelas mulheres, estigmatizando a alegria e o orgulho, denegrindo as realidades raciais, foi considerado pelos nacional-socialistas como uma "doença da alma"[28]. Nas esferas da SS foi ensinado abertamente a rejeitar o Cristianismo, e em seu lugar foi estudado o passado pagão e foram usados emblemas rúnicos que séculos atrás foram perseguidos e demonizados

---

[27] N. Citando Isaías 2:4 e Miquéias 4:3.

[28] (http://www.libreria-argentina.com.ar/libros/edwige-thibaut-la-orden-ss-etica-e-ideologia-de-la-orden-negra.html) Edwige Thibaut, *A Ordem SS*

pela Igreja. Por sua vez, a Juventude Hitlerista publicou panfletos nos quais o cristianismo era colocado, juntamente com o judaísmo, a imprensa, a maçonaria, o bolchevismo, como o inimigo internacional do povo alemão. (***Ver Anexo A e B***)

Certamente foi a primeira questão na história sobre a exposição da filosofia judaico-cristã como um todo. No entanto, as abordagens foram altamente diferenciadas em diferentes aspectos. Uma relativa simpatia pelo protestantismo foi testemunhada, apenas na medida em que significava uma revolta contra o espírito papista romano, mas foi rejeitada por causa de seu caráter bíblico dogmático.

Em 1937, Himmler escreveu uma carta a todos os chefes de instrução proibindo-os de atacar a pessoa de Cristo, sem dúvida considerando que tal atitude poderia colidir com as convicções da maioria dos SS ainda ligados à velha religião e que um estudo de costumes feito em um sentido positivo pode ser mais persuasivo. No entanto, um dos comandantes SS mais radicais a esse respeito foi, sem dúvida, Theodor Eicke, chefe do Totenkopfverbände, que iniciou uma agressiva campanha anticristã, durante a qual muitos SS que se apegavam ao cristianismo foram expulsos do corpo.

O desaparecimento progressivo do cristianismo teve de ser feito, portanto, em benefício de um retorno ao espírito fundador da Europa que animara a religião pagã dos ancestrais. A SS propunha-se redescobrir o princípio de uma atitude religiosa propriamente ariana perante a vida e o mundo, abafada e disfarçada sob a maquilhagem cristã, mas sempre presente, sobretudo no mundo camponês. A religião foi restituída ao seu sentido primordial, recolocando-a no quadro natural visível, reflexo da ordem superior invisível.

O homem tomou consciência de que não passava de um elemento da ordem natural, sujeito à sua lei como todo ser vivo. Ele não poderia, portanto, realizar-se plenamente exceto neste mundo, levando uma vida que desenvolveu e manteve as qualidades do corpo, caráter e espírito. Desprezar o aspecto físico e material, como o mundo vivo em geral, equivalia a desprezar o modo sensível de expressão do divino. Por seu respeito às diferenças e sua oposição à mistura uniforme, o homem seguiu os grandes mandatos da natureza soberana. Essa devoção profundamente fiel ao mundo das leis naturais eternas estava tão distante do ateísmo considerado produto da decadência quanto das práticas antiquadas do cristianismo.

O cristianismo também foi considerado o precursor do bolchevismo, e ambos como revoltas contra a própria natureza, sendo ambas criações judaicas. Martin Bormann lembrou-se de Hitler dizendo:

"O cristianismo é uma religião contra a lei natural, um protesto contra a natureza. Levado ao seu extremo lógico, o cristianismo significaria o cultivo sistemático do fracasso humano.[29] *O cristianismo puro — o cristianismo das catacumbas — é preocupado em traduzir a doutrina cristã em fato. Isso simplesmente leva à aniquilação da humanidade. É simplesmente todo o coração do bolchevismo sob um enfeite de metafísica"*[30]

Por causa dessa fidelidade às leis naturais, a SS passou a adotar uma atitude que hoje seria descrita como "ambiental", defendendo o retorno à vida camponesa saudável, ao uso de produtos naturais e ao respeito à natureza. De fato, o Ministro da Agricultura Richard Walter Darré, grande proponente da famosa doutrina Nacional Socialista do Sangue e do Solo e o verdadeiro pai do "Movimento Verde" da Ecologia Nacional Socialista, foi um dos mais ávidos anticristãos do regime. Exposições agrícolas tinham temas de antigas revoltas camponesas contra a Igreja e foram produzidos calendários camponeses que substituíam os festivais cristãos pelos originais germânicos pagãos.

Esse conceito de vida oferecia um contraste marcante com a tradição cristã, hostil a toda expressão natural e pregando o temor de Deus. A vaidade do homem bíblico, acreditando-se superior à natureza, só pode desencadear as piores catástrofes, como as que se desenham no horizonte do terceiro milénio (desaparecimento de numerosas espécies animais, destruição das florestas, poluição, destruição da camada de ozônio, etc.).

A SS sempre evitou criticar as opiniões religiosas dos indivíduos, considerando-as um assunto estritamente pessoal. Atacou sobretudo a filosofia e as instituições eclesiásticas no contexto do estudo da concepção nacional-socialista do mundo, o que pode parecer paradoxal. O sentido do sagrado e da piedade que reside em cada indivíduo, cristão ou não, manteve um valor absoluto. A liberdade de crença foi respeitada. Nas fichas de recrutamento, perguntava-se se o candidato era “ca-

[29] Hitler's Table Talk, meio-dia de 10 de outubro de 1941.
[30] Hitler's Table Talk, meio-dia de 14 de dezembro de 1941.

tólico, protestante ou “crente” (gottglaubig), ou seja, “pagão”. A revolução religiosa foi realizada progressivamente, a fim de adquirir uma força decisiva. Tratava-se de levar os cristãos à ótica pagã sob o efeito da impressão exercida pelo esplendor e profundidade das cerimônias religiosas, pelo estudo e apreciação de um universo espiritual original e verdadeiramente ariano. Somente a aceitação voluntária deu toda a sua eficácia à purificação do significado religioso, e não a coerção. Esta "nova" e ainda imemorial religião carregava seus próprios ritos e cerimônias. O Schulungsamt também tinha a função de devolver seu significado pagão original às festas e cerimônias relacionadas aos eventos mais importantes da vida do homem, como o batismo (definido como dar um nome), namoro, casamento, funerais, etc.

Buscou-se a restauração da identidade e do caráter nacional, o reencontro com suas próprias origens, promovendo o gradual desaparecimento de nomes judaico-cristãos como Johann, Hans, Joseph, Elisabeth, Anna, Eva, Michael, etc. considerados estrangeiros, e sua substituição por nomes como Siegfried, Baldur, Harald, Fritz, Heinz, Karl, Astrid, Gertrud, Irmgard, etc. do passado germânico pagão. O nome deveria expressar a etnia a que se pertencia, por isso considerou-se importante conhecer o significado do nome antes de impô-lo à criança.

Os chefes de instrução eram os únicos habilitados a conceber o espírito e a forma das festividades, com exceção das aplicações práticas que dependiam exclusivamente dos chefes de unidade. A SS proibiu-se de criar um novo clero dogmático, concedendo prerrogativas aos chefes de instrução. Os chefes de unidades praticavam certas cerimônias apenas no caso de seus homens estarem diretamente envolvidos, excluindo assim o risco de uma transmissão sectária do poder religioso. Manteve-se apenas o quadro religioso no qual se expressava livremente a sensibilidade pessoal de cada um.[31]

As festas foram concebidas com o intuito de devolver ao homem os seus laços privilegiados com a natureza como expressão da criação divina. Tratava-se também de retirar a reorientação judaico-cristã imposta às festas tradicionais, como a festa de Jul ou Yule (Natal), a festa de Ostara (Páscoa), Litha ou Solstício de Verão (Festa de São João). Nisso, o mundo camponês oferecia o aspecto perfeito de uma sociedade que soube preservar o significado de suas antigas tradições por meio de seu apego e fidelidade à natureza. A palavra “pagão” vem de *paganus*,

[31] (http://www.libreria-argentina.com.ar/libros/edwige-thibaut-la-orden-ss-etica-e-ideologia-de-la-orden-negra.html) Edwige Thibaut, A Ordem SS

camponês, em referência às populações camponesas não convertidas. Assim, o homem sentiu mais uma vez o elo indispensável e responsável na longa cadeia do clã, transmitindo vida e tradições de forma imutável. A soberba dos corpos e dos rostos com olhos brilhantes voltados para o Sol testemunham a alegria da criação que Deus deu ao homem, que lhe agradece através das festas.

Visões Religiosas de Adolf Hitler

Existem relatos conflitantes sobre as crenças religiosas de Adolf Hitler, suas opiniões sobre religião e seus laços com a Igreja. Esta questão tem sido frequentemente objeto de debate histórico entre biógrafos e controvérsia devido a discrepâncias entre os discursos públicos de Hitler (a maioria dos quais usava linguagem neutra que poderia ser facilmente aplicada a qualquer confissão) e suas declarações privadas (as que exibiam liberdade de pensamento e tendiam a refletir ideias pagãs e anticristãs). Os autores concordam que as declarações privadas dos líderes nacional-socialistas devem receber mais atenção do que suas declarações públicas.

Na verdade, Hitler não era contraditório ou ambíguo em suas opiniões, mas tinha ideias muito claras sobre o cristianismo. No entanto, ele não poderia expô-los publicamente sem arruinar seu projeto político e os expôs em particular.[32]

Adolf Hitler foi criado por uma mãe católica devota, porém após a infância deixou de participar dos sacramentos católicos. Durante sua juventude, Hitler se interessou muito pela mitologia, especialmente a germânica. Sabe-se também que ele gostava de astrologia, ariosofia e publicações ocultas da época, como Ostara (Esoterismo Nacional-Socialista).

[32] Nota do tradutor: quase 94% dos alemães eram cristãos, Hitler não era louco de atacar o cristianismo publicamente, e se o fizesse, poderia perder a maioria dos votos da população e desencadear uma rebelião contra o Terceiro Reich, então ele usou a estratégia de fazer discursos favoráveis ao cristianismo para ganhar votos e se manter no poder, mas pelas costas sempre atacava o cristianismo. Os manuais da SS são a prova disso – esses manuais atacavam duramente essa religião. Hitler sabia que o cristianismo era uma invenção judaica para enfraquecer a raça branca e que para se livrar dessa religião iria demorar muito tempo. Não é fácil convencer uma pessoa a abandonar o cristianismo, principalmente quando foi educada desde sua infância. A destruição do cristianismo deveria ser aos poucos, lentamente, de modo que era necessário primeiro convencer as pessoas do alto escalão para depois convencer as massas mais iletradas (A maioria do alto escalão do partido já estava totalmente convencido que o cristianismo era uma invenção judaica. A prova disso é que a maioria do alto escalão do NSDAP foi no enterro de Elisabeth Förster-Nietzsche). As massas alemãs iletradas, burras, estúpidas e infantilizadas, conhecidos popularmente como “gado”, deveriam ser convencidos por meios de panfletos, propaganda escolar e sincretismo religioso.

Em sua obra ***Minha Luta***, Hitler opinou contra a interferência da religião na política e vice-versa:

“As doutrinas e instituições religiosas de um povo devem ser respeitadas pelo líder político como invioláveis; caso contrário, deve deixar de ser político e tornar-se reformador, se tiver capacidade para isso.”

“Os partidos políticos nada têm a ver com questões religiosas, desde que não prejudiquem a moral da Raça; da mesma forma, é impróprio envolver a Religião na política partidária.”

Uma das muitas mentiras e calúnias lançadas contra a figura de Adolf Hitler é a de sua suposta “ausência de fé” ou “ateísmo”, desmentida por várias citações de seu livro ***Minha Luta***, de suas conversas particulares e de alguns discursos. Hitler nomeou Deus em muitos de seus discursos e neles pode ser visto que ele era um homem de fé:

“A verdade é que somos criaturas e que existe uma **força criativa***. Fingir negar esse fato é um disparate. Quem acredita em algo, mesmo que seja errado, é superior a quem não acredita em nada.”*

“A Natureza Eterna inexoravelmente vinga a transgressão de seus preceitos. É por isso que agora acredito que, ao me defender do judeu, estou lutando pela obra do **Criador Supremo***.”*

“O objetivo pelo qual temos que lutar é assegurar a existência e o crescimento de nossa raça e de nosso povo; o sustento de seus filhos e a preservação da pureza de seu sangue; a liberdade e a independência da pátria, para que nosso povo possa cumprir a missão que o **Supremo Criador** *lhe reservou.”*

“Diante de tudo isso, nós, nacional-socialistas, devemos defender inabalavelmente nosso objetivo de política externa, que é garantir ao povo alemão seu lugar de direito no mundo. E esta é a única ação que diante de **Deus** *e de nossa posteridade alemã pode justificar um sacrifício de sangue; diante de*

Deus, porque na terra fomos colocados com a missão da eterna luta pelo pão de cada dia; diante de nossa posteridade, porque o sangue de um único cidadão não será derramado sem que este sacrifício signifique a vida de outros mil cidadãos da futura Alemanha."

Adolf Hitler, Minha Luta

Em uma conversa em 14 de outubro de 1941, Hitler diz que um homem sem instrução corre o risco de cair no ateísmo:

"Um homem educado retém um senso dos mistérios da natureza e se curva ao incognoscível. Um homem sem instrução, ao contrário, corre o risco de cair no ateísmo (que é um retorno ao estado animal) assim que percebe que o Estado, por puro oportunismo, usa falsas ideias em matéria de religião, enquanto em outros campos baseiam tudo na ciência pura."

— ***Hitler's Table Talk, meio-dia de 14 de outubro de 1941.***

O historiador Werner Maser começa sua biografia[33] com esta declaração de Hitler:

"Ao regular minha vida com base no conhecimento que Deus me deu, posso estar errado, mas não posso mentir."

Hitler era da opinião de que a religião é benéfica para a humanidade. E Maser cita em sua obra uma declaração de Hitler de novembro de 1941:

"Para o ser humano, um aprofundamento do sentimento íntimo [divino] é algo completamente maravilhoso."

Em 1º de fevereiro de 1933, ou seja, um dia após sua nomeação como chanceler, ele declarou:

---

[33] Werner Maser, Hitler: Legenda. Mythos. Wirklichkeit (1971) (Hitler: Lenda, Mito, Fato). Biografia de Adolf Hitler.

“Que Deus conceda a sua graça ao nosso trabalho, oriente bem a nossa vontade, abençoe as nossas intenções e nos encha da confiança do nosso povo.”

E no primeiro discurso de Hitler no Reichstag, em 21 de março de 1933, na igreja da guarnição de Potsdam, o Führer finalizou dizendo:

“Que a ***Providência*** *nos conceda também a coragem e a constância que sentimos ao nosso redor neste santo sagrado para todos os alemães, homens que lutam pela liberdade e grandeza de nosso povo, reunidos ao pé da tumba do maior de seus reis.”*

Em 1º de maio de 1933, diante de dois milhões de trabalhadores alemães, ele disse:

"O povo alemão não é mais o povo sem honra, sem orgulho, anarquista, fraco e incrédulo. Não, senhor, o povo alemão está mais uma vez forte em sua vontade, forte em sua perseverança, forte para suportar todos os sacrifícios. Senhor, nós não nos afastamos de Ti! Abençoa a nossa luta pela nossa liberdade e com ela pelo nosso povo e pela nossa Pátria.”

Em 6 de outubro de 1939, dizia:

“Como Führer do povo alemão e Chanceler do Reich, só posso neste momento agradecer a Deus por ter me dado sua bênção milagrosa em nossa primeira e dura luta por nossos direitos e implorar a Ele que nos ajude a encontrar o verdadeiro caminho, bem como o de todos os outros, para que não apenas o povo alemão, mas em toda a Europa, gozai da felicidade em paz.”

Em 30 de janeiro de 1942:

“Senhor, dá-nos força para defender a liberdade do nosso povo, dos nossos filhos e dos filhos dos nossos filhos. E não só ao nosso povo alemão, mas também a toda a Europa.”

Em 30 de janeiro de 1944, ele disse:

“Por isso, quanto maiores forem as preocupações hoje, mais o Todo-Poderoso apreciará, julgará e recompensará aqueles que, diante de um mundo de inimigos, levantaram a bandeira em suas mãos leais e avançaram resolutamente com ela.”

O último discurso de Hitler também está cheio de referências ao Todo-Poderoso e assim, em 24 de fevereiro de 1945, ele disse:

“Diante da aniquilação judaico-bolchevique e diante de seus assassinos na América e na Europa Ocidental, há apenas um imperativo: colocar em ação com extremo fanatismo e amarga integridade até as últimas forças que um Deus bondoso permite ao homem encontrar em tempos graves para a defesa de sua vida.”

Adolf Hitler, discurso de 19 de julho de 1937, na abertura da primeira grande exposição de arte alemã:

“Cubismo, Dadaísmo, Futurismo, Impressionismo, etc. nada têm a ver com o nosso povo. Todas essas concepções não são antigas nem modernas: não são mais do que a falsa tagarelice de homens a quem Deus negou a graça da autêntica capacidade artística, concedendo-lhes, ao contrário, a capacidade de fofocar e confundir. [...] Este tipo humano que apareceu pela primeira vez perante o mundo inteiro no ano passado, durante os Jogos Olímpicos em sua esplêndida e orgulhosa força e saúde, esse tipo humano, queridos tagarelas pré-históricos da arte, representa o tipo da nova era. E você, o que produz? Aleijados e idiotas deformados, mulheres que despertam apenas horror, homens mais parecidos com bestas do que homens, crianças que, se vivessem da maneira como foram retratadas, simplesmente acreditariam em uma maldição de Deus!”

Adolf Hitler, discurso no Palácio dos Esportes em Berlim, 10 de fevereiro de 1933:

> *“Os partidos da luta de classes devem se convencer de que, enquanto **Deus** me der vida, farei todo o possível para destruí-los com todas as minhas forças e com toda a minha vontade. Jamais abandonarei este dever: fazer desaparecer da Alemanha o marxismo e seus assassinos. [...] Ao reconciliar as classes, queremos conduzir, direta ou indiretamente, este povo alemão unido de volta às fontes eternas de sua força. Queremos educá-los desde a infância, para fazê-los acreditar em Deus e fazê-los acreditar em seu povo.”*

Depois de ler esses trechos dos discursos de Hitler e ***Minha Luta***, a conclusão é que Hitler muitas vezes chamou de "Deus", "o Criador", "Providência", "o Supremo Criador", etc. como uma força criadora divina. E isso prova que ele não era ateu como seus caluniadores alegam falsamente. Nenhum político atual é tão crente quanto Adolf Hitler era. Atualmente é "proibido" encontrar a menor virtude em Hitler, no Nacional-Socialismo ou no Terceiro Reich. Tudo o que foi dito sobre Hitler por seus adversários responde a uma campanha de mentiras e calúnias.

Quanto às SS, o segundo texto dos juramentos que tinham que fazer para ser membro delas dizia: "Você acredita em Deus ou nos Deuses?" e deve ser respondido: "Sim, eu acredito em Deus (ou nos Deuses)".

Os soldados da Wehrmacht usavam no cinto o lema tradicional do Reino da Prússia "Gott mit uns" que significa "Deus conosco". Embora o conceito de "Deus" para líderes como Himmler, Rosenberg ou o próprio Hitler, implicasse um significado além daquele do Deus judaico-cristão.

No entanto, ao se referir a um ser supremo, essa concepção não deve ser interpretada sob o conceito judaico-cristão. Hitler em várias ocasiões substituiu a palavra ***"Deus"*** pela palavra ***"Providência"***. ***Os estoicos*** usavam essa palavra para designar a força que governava todos os eventos na terra e toda a vida humana. O próprio Maser chegou a esta conclusão:

> *“Quando Hitler falou da **Providência**, ele o fez no sentido da providência estoica onisciente que criou o mundo para dirigi-lo e governá-lo de acordo com seus próprios fins. Extensa evidência mostra que ele estava firmemente convencido de que estava sob influência divina. Tanto em público quanto em par-*

ticular, ele costumava interpretar seus sucessos ou fracassos sob essa ótica."[34]

Algumas citações de Hitler sobre isso:

Adolf Hitler, 5 de abril de 1933, discurso perante a Câmara Alta do Reichstag:

"Se o povo alemão conhece milênios de destino cheio de vicissitudes atrás de si, não deve ser a vontade da ***Providência*** *que antes de nós eles tenham lutado e se sacrificado para que as gerações futuras estraguem suas próprias vidas e não possam entrar nos milênios vindouros."*

Adolf Hitler, discurso de 21 de março de 1934, na inauguração da cruzada trabalhista:

"A ***Providência*** *fez de nós um povo inteligente, capaz de resolver os problemas mais difíceis, e o alemão é trabalhador e apto para todos os trabalhos. Os engenheiros e técnicos alemães, nossos físicos e químicos estão entre os melhores do mundo."*

Adolf Hitler, discurso de ano novo de 1º de janeiro de 1941:

"Nós, que vivemos nesta época, não podemos nos livrar da impressão de que os desígnios da ***Providência*** *são mais fortes do que o propósito e a força dos indivíduos. [...] Esta convicção é a que tem impulsionado os Exércitos Nacional-Socialistas nos últimos anos. E será ela que lhes dará a vitória na próxima. Porque lutamos pela felicidade dos povos, sabemos que merecemos a bênção da Providência. O Senhor Supremo nos acompanhou até agora em nossa batalha e não nos abandonará no futuro, se soubermos ser fiéis e corajosos no cumprimento de nosso dever incorruptível."*

---

[34] Werner Maser, Hitler: Legenda. Mythos. Wirklichkeit (1971) (Hitler: Lenda, Mito, Fato). Biografia de Adolf Hitler.

Hitler, que, ao contrário da crença popular, acreditava ser o responsável por seus fracassos, disse ao seu otorrinolaringologista Giesing, em relação à derrota em Stalingrado:

> *“A sorte tende a lidar com contratempos como Stalingrado de tempos em tempos; sei que a **Providência** também levou em conta a parte contrária e no futuro levará ainda mais.”*

Em outra ocasião, e falando sobre o ataque de julho de 1944, ele disse:

> *“Se alguma vez me assaltaram dúvidas sobre a tarefa que me foi confiada pela **Providência**, agora se dissiparam completamente. Dia após dia considero um verdadeiro milagre ter saído vivo de tantos montes de ruínas.”*

Pouco antes de cometer suicídio, Hitler disse ao seu médico:

> *“A **Providência** guiou-me até agora com toda a segurança; continuarei no caminho que me marcou apesar de todos os obstáculos intermediários.”*

Segundo Maser, Hitler substituiu a palavra "Deus" por "Providência" porque considerou que a Igreja fez mau uso da palavra "Deus". Hitler também defendeu ideias científicas.

Todos os discursos em que Hitler e outros líderes favoreceram o cristianismo foram discursos públicos, portanto é quase certo que foram proferidos em primeiro lugar para fins políticos, como forma de manter a maioria católica e protestante calma e não provocar uma divisão para razões religiosas. Outra possibilidade é que também se referissem à doutrina que o governo promovia, ou seja, o "cristianismo positivo", que tinha quase nada de cristão. O positivo que se percebia no cristianismo, preferindo-o como "base moral" ao invés da ameaça marxista, eram na realidade valores europeus gerais como ordem, lealdade, honestidade, gentileza, autodisciplina, moderação e valores familiares, todos os valores que na realidade não requerem o cristianismo para sobreviver.

Em uma de suas conversas privadas coletadas por sugestão de Martin Bormann (Hitler's Table Talk), onde Hitler expressa que não vê sentido em reviver a ve-

lha religião germânica para que ela mais uma vez ocupa o lugar do cristianismo uma vez erradicado, pois em sua opinião a religião germânica já estaria "obsoleta" diante dos novos paradigmas do século XX, ao contrário, prefere que a ciência seja aquela que continua com os padrões de seu movimento. Isso não deve ser visto, porém, como oposição a um retorno a um universo cultural especificamente “ariano”, ou seja, 'pagão', como era encabeçado o movimento nacional-socialista:

> *“Ninguém tem o direito de privar as pessoas simples de suas crenças infantis até que tenham adquirido outras mais razoáveis. Na verdade, é muito importante que a crença superior esteja bem estabelecida neles antes que a crença inferior seja eliminada. Devemos finalmente conseguir isso. Mas não faria sentido substituir uma velha crença por uma nova que simplesmente ocuparia o lugar deixado por sua predecessora. Parece-me que nada seria mais tolo do que restabelecer o culto a Wotan. Nossa velha mitologia deixou de ser viável quando o cristianismo se consolidou. Nada morre a menos que esteja morrendo. Nesse período, o mundo antigo estava dividido entre sistemas de filosofia e adoração de ídolos. Não é desejável que toda a humanidade fique estupefata e a única maneira de se livrar do cristianismo é deixá-lo morrer aos poucos. Um movimento como o nosso não deve se deixar levar por divagações metafísicas. Deve manter o espírito da ciência exata. Não é função do Partido ser uma falsificação da religião (...) A ciência não pode mentir, pois procura sempre, de acordo com o estado momentâneo do conhecimento, deduzir o que é verdadeiro. Quando ele comete um erro, ele o faz de boa-fé. O cristianismo é mentiroso. Ele está em perpétuo conflito consigo mesmo.”*

Apesar disso, Hitler nunca rejeita a noção do divino que é inerente ao homem, e cujo estado mais elevado ele associa a viver "em comunhão com a natureza" (algo realmente não muito diferente da essência do paganismo):

> *“Alguém poderia se perguntar se o desaparecimento do cristianismo significaria o desaparecimento da fé em Deus. Isso não é para desejar. A noção de divindade oferece à maioria dos homens a oportunidade de concretizar o sentimento que têm das realidades sobrenaturais. Por que destruir esse poder maravilhoso que eles têm de incorporar o sentimento do divino que está ne-*

les? O homem que vive em comunhão com a natureza está necessariamente em oposição às Igrejas. E é por isso que elas estão indo para a ruína, porque a ciência está fadada a vencer. Não quero especialmente que nosso movimento adquira um caráter religioso e institua uma forma de culto. Seria terrível para mim, e eu gostaria de nunca ter vivido, se tivesse que acabar na pele de um Buda! Se eliminássemos as religiões pela força neste momento, o povo unanimemente nos suplicaria uma nova forma de culto."

Quando alguém quer defender um "Hitler católico-cristão" pode obter bastante material para fazê-lo. Porém, o mesmo ocorre ao contrário, pois não são poucas as citações e declarações do Führer criticando o cristianismo, que mostram que sua visão rejeitava a ideia do deus judaico-cristão, e suas ações refletem, na verdade, um sentimento anticristão, como, o fato de sua doutrina ter sido influenciada pelas ideias de Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche (autores anticristãos), desde a juventude.

Segue abaixo as citações que provam que Hitler era anticristão...

Adolf Hitler, Minha Luta, Parte II, Capítulo V: Cosmovisão e Organização:

"Cada um pode hoje, com tristeza, verificar que, na antiguidade, muito mais livre, o primeiro terror espiritual ocorreu por ocasião do aparecimento do cristianismo. É verdade que o mundo, desde então, foi torturado e dominado por aquele sectarismo fanático."

Nesta mesma obra (Minha Luta), Hitler escreve sobre a prioridade racial sobre os conflitos religiosos entre católicos e protestantes, observando que essas igrejas "permanecem indiferentes" à questão maior:

"Milhares de nossos concidadãos estão cegos para o envenenamento de nossa raça, sistematicamente praticado pelo judeu. Metodicamente, esses parasitas das nações estão degenerando nossa juventude inexperiente, destruindo assim um valor que jamais poderá ser restaurado. E as duas Igrejas cristãs - a católica e a protestante - são indiferentes a esta obra de profanação e

destruição. Para o futuro da Humanidade, a importância do problema não está no triunfo dos protestantes sobre os católicos ou dos católicos sobre os protestantes, mas em saber se a raça ariana subsistirá ou desaparecerá. Apesar disso, essas duas confissões, longe de lutar contra o destruidor da espécie, apenas tentam se aniquilar."

— **Adolf Hitler, Minha Luta**

Nas conversas de Mesa de Hitler, destaca-se uma coleção de excertos e transcrições editados por Martin Bormann (secretário de Hitler), intitulada Hitler's Table Talk[35], onde são prestados testemunhos de colegas próximos que afirmam como Hitler frequentemente pronunciava opiniões privadas contra o cristianismo. Simpatizantes católicos de Hitler sempre afirmam, sem qualquer prova, que essas citações são falsificações.

Rummel Rudolph cita Hitler após a invasão da União Soviética em julho de 1941 afirmando o parentesco judaico entre o bolchevismo e o cristianismo:

"O golpe mais duro que já atingiu a humanidade foi a chegada do cristianismo. O bolchevismo é o filho ilegítimo do cristianismo. Ambos são invenções do judeu. A mentira deliberada em questões de religião foi introduzida no mundo pelo Cristianismo. O bolchevismo pratica uma mentira da mesma natureza quando pretende trazer a liberdade aos homens, quando na realidade procura apenas escravizá-los. No mundo antigo, as relações entre os homens e os deuses eram baseadas no respeito instintivo. Era um mundo iluminado pela ideia de tolerância. O cristianismo foi a primeira religião do mundo a exterminar seus adversários em nome do amor. Sua tônica é a intolerância. Sem o Cristianismo, não teríamos o Islã. O império romano, sob influência germânica, teria se desenvolvido na direção da dominação mundial, e a humanidade não teria extinguido quinze séculos de civilização de uma só vez. Não se diga que o cristianismo trouxe ao homem a vida da alma, visto que

---

[35] Conversa de mesa de Hitler, 1941-1944 (https://ia801304.us.archive.org/34/items/HitlersTableTalk_1941_1944/Hugh%20Trevor-Roper%20-%20Hitlers%20Table%20Talk%201941-1944%20%28His%20Private%20Conversations%29.pdf), Londres, 1953.

essa evolução estava na ordem natural das coisas. O resultado do colapso do Império Romano foi uma noite que durou séculos.”

— **Hitler's Table Talk, noite de 15 de julho de 1941.**

Em uma conversa em 19 de outubro de 1941, Hitler se referiu ao cristianismo como um dos "dois grandes flagelos", juntamente com a varíola. Ele ainda o cita como um protótipo do bolchevismo:

“A razão pela qual o mundo antigo era tão puro, leve e sereno era que nada sabia sobre os dois grandes flagelos: a varíola e o cristianismo. O cristianismo é um protótipo do bolchevismo: a mobilização, pelos judeus, das massas de escravos para minar a sociedade. Assim, entende-se que os elementos saudáveis do mundo romano estavam sendo julgados contra essa doutrina. No entanto, hoje Roma se permite censurar o bolchevismo por ter destruído as igrejas cristãs! como se o cristianismo não tivesse se comportado da mesma forma com os templos pagãos!”

— **Hitler's Table Talk, 19 de outubro de 1941.**

Em outra conversa em 21 de outubro de 1941, Hitler elogia os Três Livros Contra os Galileus, de Juliano II, um tratado anticristão do ano 362:

“Quando alguém pensa nas opiniões mantidas sobre o cristianismo por nossas melhores mentes há cem ou duzentos anos, fica envergonhado ao perceber o quão pouco evoluímos desde então. Eu não sabia que Juliano, o Apóstata, havia feito um julgamento tão presciente sobre o cristianismo.”

— **Hitler's Table Talk, 21 de outubro de 1941.**

Em outro lugar ele diz:

“O cristianismo é uma rebelião contra a lei natural, um protesto contra a natureza. Levado ao seu extremo lógico, o cristianismo significaria o cultivo sistemático do fracasso humano.”

— **Hitler's Table Talk, meio-dia de 10 de outubro de 1941.**

Falando das tentativas de sincretismo entre o nacional-socialismo e o cristianismo, ele afirma que não é possível porque vê um obstáculo no próprio cristianismo, que considera como bolchevismo disfarçado de metafísica:

> *"Kerrl, com a mais nobre das intenções, quis tentar uma síntese entre o nacional-socialismo e o cristianismo. Não acho que isso seja possível, e vejo o obstáculo no próprio cristianismo. Acho que ele poderia ter chegado a um entendimento com os Papas da Renascença. Obviamente, seu cristianismo era um perigo no nível prático e, no nível da propaganda, ainda era uma mentira. Mas um Papa, mesmo um criminoso, que protege os grandes artistas e espalha beleza em torno deles, é, no entanto, mais compreensivo comigo do que o ministro protestante que bebe da fonte envenenada [A Bíblia]. O cristianismo puro, o cristianismo das catacumbas, preocupa-se em traduzir a doutrina cristã em fatos. Simplesmente leva à aniquilação da humanidade. É simplesmente Bolchevismo de todo o coração, sob um enfeite de metafísica."*

— **Hitler's Table Talk, meio-dia de 14 de dezembro de 1941.**

Em uma conversa em fevereiro de 1942, Hitler diz que o cristianismo foi introduzido pelos judeus para arruinar o mundo antigo:

> *"O evento sensacional do mundo antigo foi a mobilização do submundo contra a ordem estabelecida. Esse empreendimento do cristianismo não tem mais a ver com religião do que o socialismo marxista tem a ver com a solução do problema social. As noções representadas pelo cristianismo judaico eram estritamente impensáveis para os cérebros romanos. O mundo antigo gostava de clareza. Lá a pesquisa científica foi incentivada. Os deuses, para os romanos, eram imagens familiares. É um tanto difícil saber se eles tinham alguma ideia exata da Outra Vida. Para eles, a vida eterna era personificada nos seres viventes e consistia em renovação perpétua. Eram concepções bem próximas das que eram comuns entre japoneses e chineses na época em que a suástica surgiu entre eles."*

“Era necessário que o judeu entrasse em cena e introduzisse essa concepção maluca de uma vida que continua em uma suposta outra vida! Permite considerar a vida como algo insignificante aqui embaixo, pois ela florescerá mais tarde, quando já não existir. Sob o disfarce de uma religião, o judeu introduziu a intolerância em uma área onde a tolerância prevalecia antes. Entre os romanos, o culto da inteligência soberana era associado à modéstia de uma humanidade que conhecia seus limites, a ponto de consagrar altares ao deus desconhecido.”

“O judeu que introduziu fraudulentamente o cristianismo no mundo antigo, para o arruinar, voltou a abrir a mesma brecha nos tempos modernos, desta vez usando como pretexto a questão social. É o mesmo truque de antes. Assim como Saul se tornou São Paulo, Mordechai se tornou Karl Marx.”

“A paz só pode resultar de uma ordem natural. A condição dessa ordem é que haja uma hierarquia entre as nações. As nações mais capazes devem necessariamente tomar a iniciativa. Nesta ordem, as nações subordinadas obtêm o maior benefício, sendo protegidas pelas nações mais capazes. É o judaísmo que sempre destrói esta ordem. Provoca constantemente a rebelião do fraco contra o forte, da bestialidade contra a inteligência, da quantidade contra a qualidade. Demorou quatorze séculos para o cristianismo atingir o auge da selvageria e da estupidez. Portanto, seria um erro apostar no lado da confiança e proclamar nossa vitória final sobre o bolchevismo. Quanto mais tornamos o judeu incapaz de nos prejudicar, mais nos protegemos desse perigo. O judeu desempenha na natureza o papel de elemento catalisador. Um povo que se livra de seus judeus retorna espontaneamente à ordem natural.”

— **Hitler's Table Talk, 17 de fevereiro de 1942.**

“Você sabe o que causou a queda do mundo antigo? A classe dominante tornou-se rica e urbanizada. Desde então, foi inspirado pelo desejo de garantir uma vida despreocupada para seus herdeiros. É um estado de espírito que carrega o seguinte corolário: quanto mais herdeiros, menos cada um deles recebe. Daí a limitação dos nascimentos. O poder de cada família dependia, até certo ponto, do número de escravos que possuía. Assim cresceu a plebe,

que foi forçada a se multiplicar, diante de uma classe patrícia cada vez menor. No dia em que o cristianismo aboliu a fronteira que até então separava as duas classes, o patriciado romano se viu submerso na massa resultante. É a queda na taxa de natalidade que está por trás de tudo.”

— Hitler's Table Talk, noite de 28 a 29 de janeiro de 1942.

Em conversa, Hitler referiu-se ao cristianismo como uma "doença":

“Nossa era certamente verá o fim da doença do cristianismo. Vai durar mais cem anos, talvez duzentos anos. Meu pesar terá sido não poder, como quem quer que seja o profeta, contemplar de longe a terra prometida.”

— Hitler's Table Talk, meio-dia de 27 de fevereiro de 1942.

“Eu nunca vou acreditar que o que é baseado em mentiras pode durar para sempre. Eu acredito na verdade. Tenho certeza de que, a longo prazo, a verdade deve vencer. Provavelmente estamos prestes a entrar em uma era de tolerância quando se trata de religião. A cada um será permitido buscar a própria salvação da maneira que melhor lhe convier. O mundo antigo conhecia esse clima de tolerância. Ninguém estava envolvido em proselitismo. Se entro numa igreja, não é com a ideia de derrubar ídolos. Está procurando, e talvez encontrando, belezas que me interessam. Seria sempre desagradável para mim passar para a posteridade como um homem que fez concessões nesse campo. Percebo que o homem, na sua imperfeição, pode cometer inúmeros erros, mas dedicar-me deliberadamente ao erro, isso é algo que não posso fazer. Nunca chegarei pessoalmente a um acordo com a mentira cristã. Agindo como ajo, estou longe de querer chocar. Mas me revolto quando vejo que a própria ideia da Providência é ridicularizada dessa maneira. É uma grande satisfação para mim sentir-me totalmente alheio a esse mundo. Mas sentirei que estou no meu lugar de direito se, depois da minha morte, me encontrar, juntamente com pessoas como eu, numa espécie de Olimpo. Estarei na companhia dos espíritos mais iluminados de todos os tempos.”

— Hitler's Table Talk, meio-dia de 27 de fevereiro de 1942.

“O cristianismo é a pior regressão que a humanidade pode sofrer, e é o judeu que, graças a esta invenção diabólica, o fez retroceder quinze séculos. A única coisa que seria ainda pior seria a vitória do judeu através do bolchevismo. Se o bolchevismo triunfasse, a humanidade perderia o dom do riso e da alegria. Simplesmente se tornaria uma massa disforme, condenada ao cinza e ao desespero. Os sacerdotes da antiguidade estavam mais próximos da natureza e buscavam modestamente o sentido das coisas. Em vez disso, o cristianismo promulga seus dogmas inconsistentes e os impõe pela força. Tal religião carrega consigo a intolerância e a perseguição. É a coisa mais sangrenta que se possa imaginar.”

— **Hitler's Table Talk, noite de 20 a 21 de fevereiro de 1942.**

"Este terrorismo na religião é o produto, para resumir, de um dogma judaico, que o cristianismo universalizou e cujo efeito é semear inquietação e confusão nas mentes dos homens. É óbvio que, no campo das crenças, os ensinamentos terroristas não têm outra finalidade senão desviar os homens de seu natural otimismo e desenvolver neles o instinto da covardia. Quanto a nós, conseguimos expulsar os judeus de nosso meio e excluir o cristianismo de nossa vida política.”

— **Hitler's Table Talk, meio-dia de 4 de abril de 1942.**

Em certa ocasião, Hitler confessou que em sua juventude havia defendido a ideia de destruir radicalmente a Igreja, como com dinamite, a fim de eliminá-la da face da terra. No entanto, mais tarde Hitler quis agir de forma inteligente:

“A religião cristã é inimiga da beleza. O judeu fez o mesmo truque com a música. Ele criou uma nova inversão de valores e substituiu a beleza da música pelo barulho. Certamente o ateniense, ao entrar no Partenon para contemplar a imagem de Zeus, deve ter tido outra impressão que não a do cristão que deve resignar-se a contemplar a careta de um homem crucificado. Desde os quatorze anos de idade me sinto liberto da superstição que os padres costumavam ensinar. Além de alguns Santos, posso dizer que nenhum dos meus companheiros continuou a acreditar no milagre da Eucaristia. A única diferen-

ça entre então e agora é que naquela época eu estava convencido de que todo o show tinha que ser explodido com dinamite.”

— **Hitler's Table Talk*, noite de 20 a 21 de fevereiro de 1942.***

“Quando eu era mais jovem, achava que era necessário resolver os problemas com dinamite. Desde então, percebi que há espaço para um pouco de sutileza.”

— **Hitler's Table Talk*, meio-dia de 13 de dezembro de 1941.***

Em conversa com Bormann, Hitler acusa diretamente São Paulo de inventar o cristianismo para se rebelar contra Roma, e depois fala sobre sua estreita ligação com o comunismo:

“Paulo de Tarso, que em suas origens foi um dos mais ferrenhos inimigos dos cristãos, de repente percebeu as imensas possibilidades de utilizar, de forma inteligente e para outros fins, uma ideia que tinha tão grandes poderes de fascínio. Ele percebeu que a exploração judiciosa dessa ideia entre os não-judeus lhe daria muito mais poder no mundo do que a promessa de ganho material daria aos próprios judeus (...) O futuro São Paulo criou um ponto de reunião de escravos de todos os tipos contra a elite, os mestres e aqueles que detinham a autoridade dominante. A religião inventada por Paulo de Tarso, que mais tarde foi chamada de Cristianismo, nada mais é do que o comunismo de hoje.”

Nesse momento Bormann interveio:

“Os métodos judaicos nunca variaram em sua essência. Em todos os lugares eles incitaram a multidão contra as classes dominantes. Em todos os lugares eles fomentaram o descontentamento contra o poder estabelecido. Porque essas são as sementes que produzem a colheita que esperam colher mais tarde. Por toda parte se atiçam as chamas do ódio entre povos do mesmo sangue. São eles que inventaram a luta de classes e, portanto, o repúdio a essa teoria deve ser sempre uma medida antijudaica. Da mesma forma, qualquer doutrina que seja anticomunista, qualquer doutrina que seja anticristã

deve, ipso facto, ser também antijudaica. A doutrina nacional-socialista é, portanto, antijudaica in excelsis, porque é anticomunista e anticristã. O nacional-socialismo é sólido em sua essência e toda a sua força está concentrada contra os judeus, mesmo em questões que parecem ter um aspecto puramente social e são projetadas para promover o conforto social de nosso próprio povo."

O Führer concluiu:

"Burgdorff acaba de me entregar um artigo que trata da relação entre comunismo e cristianismo. É reconfortante ver como, ainda nos dias de hoje, a relação fatal entre os dois é cada dia mais clara para a inteligência humana."

— **Hitler's Table Talk*, noite de 29 a 30 de novembro de 1944.***

Em dezembro de 1941, quando a derrota na guerra ainda não estava decidida, Hitler considerou que dedicaria o fim de sua vida a resolver o problema religioso:

"A guerra vai acabar um dia. Então considerarei que a tarefa final da minha vida será resolver o problema religioso. Só assim a vida do alemão nativo estará garantida de vez. Eu não interfiro em questões de crença. Portanto, não posso permitir que os eclesiásticos interfiram nos assuntos temporais. A mentira organizada deve ser esmagada. O Estado deve permanecer o senhor absoluto..."

"...O galho podre cai sozinho (...) é impossível manter a humanidade escravizada para sempre com mentiras. Afinal, foi apenas entre os séculos VI e VIII que o cristianismo foi imposto aos nossos povos por príncipes que tinham uma aliança de interesses com aqueles clérigos. Nossos povos já haviam conseguido viver bem sem esta religião. Tenho seis divisões da SS formadas por homens absolutamente indiferentes à religião. Não os impede de morrer com serenidade na alma."

"...São Paulo usou a doutrina de Cristo para mobilizar o submundo do crime e assim organizar um proto-bolchevismo. Essa intrusão no mundo marca o fim

de um longo reinado, o do claro gênio greco-latino. Que Deus é esse que só tem prazer em ver os homens se humilharem diante dEle? Tente imaginar o significado da seguinte história bastante simples. Deus cria as condições para o pecado. Mais tarde ele consegue, com a ajuda do Diabo, fazer o homem pecar. Então Ele emprega uma virgem para trazer ao mundo um filho que, por Sua morte, redimirá a humanidade! [...] Em sua vida, você costumava ouvir a música de Richard Wagner. Depois de sua morte, eles não serão mais do que aleluias, palmas das mãos, crianças em idade de mamadeira e velhos de cabelos grisalhos."

"O homem das ilhas presta homenagem às forças da natureza. Mas o cristianismo é uma invenção de cérebros doentes: nada mais insensato pode ser imaginado, nenhuma maneira mais indecente de zombar da ideia de Divindade. Um negro com seu tabu é esmagadoramente superior a um ser humano que acredita seriamente na Transubstanciação. Começo a perder todo o respeito pela humanidade quando penso que algumas pessoas do nosso lado, ministros ou generais, são capazes de acreditar que não podemos vencer sem a bênção da Igreja. Tal noção é desculpável em crianças pequenas que não aprenderam mais nada. Por trinta anos, os alemães se despedaçaram simplesmente para descobrir se deveriam ou não comungar em ambas as espécies. Não há nada mais baixo do que noções religiosas como essa. Desse ponto de vista, pode-se invejar os japoneses. Eles têm uma religião muito simples e os colocam em contato com a natureza. Eles até conseguiram pegar o cristianismo e transformá-lo em uma religião menos chocante para o intelecto. O que você quer que eu substitua a imagem cristã da Outra Vida? O que vem naturalmente para a humanidade é o senso de eternidade e esse senso está no fundo de todo homem. A alma e a mente migram, assim como o corpo retorna à natureza. Assim a vida renasce eternamente da vida. Quanto ao "por quê?" Depois de tudo isso, não sinto necessidade de quebrar a cabeça sobre o assunto. A alma é insondável."

"Se existe um Deus, ao mesmo tempo que dá vida ao homem, dá-lhe inteligência. Ao regular minha vida de acordo com o entendimento que me foi dado, posso estar errado, mas estou agindo de boa-fé. A imagem concreta da

Outra Vida que a religião me impõe não resiste ao escrutínio. Pensai naqueles que olham de cima para o que se passa na terra: que martírio para eles ver o ser humano repetir incansavelmente os mesmos gestos e, inevitavelmente, os mesmos erros! Na minha opinião, HS Chamberlain estava errado ao considerar o Cristianismo como uma realidade em nível espiritual... O homem julga tudo em relação a si mesmo. O que é maior do que ele mesmo é grande, o que é menor é pequeno. Só uma coisa é certa, essa faz parte do show. Cada um encontra seu próprio papel. A alegria existe para todos. Sonho com um estado de coisas em que todo homem saiba que vive e morre pela preservação da espécie. É nosso dever promover essa ideia: que o homem que se distingue no serviço da espécie seja considerado digno das mais altas honras."

"Que feliz inspiração ter deixado o clero fora do Partido! Em 21 de março de 1933, em Potsdam, foi levantada a questão: com a Igreja ou sem a Igreja? Eu conquistei o Estado apesar da maldição lançada sobre nós por ambas as fés [protestante e católica]. Nesse dia fomos diretamente ao túmulo dos reis enquanto os outros assistiram aos serviços religiosos. Supondo que naquela época eu tivesse feito um pacto com as Igrejas, hoje eu estaria compartilhando o destino do Duce. O Duce é um pensador livre por natureza, mas decidiu escolher o caminho das concessões. De minha parte, em seu lugar eu teria tomado o caminho da revolução. Eu teria entrado no Vaticano e expulsado todos, reservando-se o direito de se desculpar depois: "Desculpe, foi um erro." Mas o resultado teria sido, eles estariam do lado de fora! Afinal, não devemos obrigar que italianos e espanhóis fiquem livres da droga do cristianismo. Sejamos as únicas pessoas imunizadas contra esta doença."

— Hitler's Table Talk*, meio-dia de 13 de dezembro de 1941*

"Se alguém tem necessidades de natureza metafísica, não posso satisfazê-las com o programa do Partido. O tempo passará até que a ciência possa responder a todas as perguntas. Portanto, não é apropriado lançar-se agora em uma luta com as Igrejas. É melhor deixar o Cristianismo morrer de morte natural. Há algo reconfortante em uma morte lenta. O dogma do cristianismo se desgasta diante dos avanços da ciência. A religião terá que fazer cada vez

mais concessões. Pouco a pouco, os mitos desmoronam. Resta apenas provar que na natureza não há fronteira entre o orgânico e o inorgânico. Quando a compreensão do universo se generalizar, [...] a doutrina cristã será condenada como absurda (...) claro, atingiu o cúmulo do absurdo a esse respeito. E é por isso que um dia sua estrutura ruirá. A ciência já permeou a humanidade. Consequentemente, quanto mais o Cristianismo se apegar a seus dogmas, mais rápido ele decairá."

— **Hitler's Table Talk*, meio-dia de 14 de outubro de 1941.***

Em O Testamento de Adolf Hitler (1945), François Genoud cita o Führer falando de forma semelhante:

"O cristianismo não é uma religião natural para os alemães, mas uma religião que foi importada e não traz nenhum eco favorável ao coração e é alheia ao gênio inerente à raça."

De acordo com o arquiteto-chefe de Hitler, Albert Speer, Hitler fez fortes declarações anti-igreja a seus associados políticos. Diz-se que ele ordenou que seus principais colaboradores permanecessem membros oficialmente, mesmo que não tivessem "nenhum apego real a isso"[36]. Para vários analistas, Hitler usou sua imagem de adesão à Igreja apenas como uma estratégia política, estando ciente da influência do Vaticano ou da comunidade católica na Europa.

Werner Maser afirma que Hitler era considerado uma pessoa religiosa e "profundamente piedosa", mas que rejeitou a Igreja e tentou reformá-la no estilo do regime. No entanto, Maser aceita que é difícil saber quem foram os modelos nos quais ele baseou suas convicções espirituais. Que Hitler mostrava aversão à Igreja está bem estabelecido, embora a verdade seja que ele pertenceu a ela até sua morte. Segundo Maser, Hitler era da opinião de que o homem do século 20, devido aos avanços científicos, não deveria levar a Igreja a sério.[37]

---

[36] Albert Speeer. (1997). Dentro do Terceiro Reich: Memórias. Nova York: Simon and Schuster, p. 96.

[37] Werner Maser, Hitler: Legenda. Mythos. Wirklichkeit (1971) (Hitler: Lenda, Mito, Fato). Biografia de Adolf Hitler.

> *“Não quero impor minha filosofia a uma velha camponesa. O ensinamento da Igreja também é uma espécie de filosofia, embora não se esforce para ir atrás da verdade. Como os homens não conseguem pensar grandes coisas juntos, isso não prejudica nada. De uma forma ou de outra, tudo leva ao reconhecimento da impotência do homem perante a eterna lei natural. Isso não causa nenhum dano se chegarmos ao conhecimento... que a salvação do homem consiste em tentar entender a Providência divina sem acreditar que ele pode se rebelar contra essa Lei. Se o homem se adapta humildemente às leis, é digno de admiração.”*

A Oposição da Igreja ao Nacional-Socialismo

O regime tinha aliança com várias igrejas cristãs, incluindo a Igreja Católica e a Protestante, embora perseguisse alguns membros dessas denominações por se declararem abertamente inimigos do Estado alemão, mas nunca atacou organicamente o Cristianismo, muito menos a Igreja Católica. As contribuições monetárias do Estado para as igrejas eram muito altas. No entanto, embora Hitler se revelasse oficialmente católico, encontrou mais oposição em alguns círculos católicos do que entre os protestantes, e as autoridades da Igreja sempre foram hostis ao Nacional-Socialismo. Antes do NSDAP chegar ao poder, a Igreja se opôs a todas as políticas raciais e eugênicas do Partido, de sua visão de mundo, bem como do ensinamento do Estado uma vez no poder.

O cardeal Michael von Faulhaber ficou chocado com o "totalitarismo, neopaganismo e racismo" do movimento nacional-socialista e, como arcebispo de Munique e Freising, contribuiu para o fracasso do Putsch de Munique em 1923.

Em setembro de 1930, o Arcebispo de Mainz condenou publicamente o NSDAP e excomungou seus membros:

> *“É proibido a todos os católicos inscrever-se nas fileiras do Partido Nacional-Socialista (...). Os membros do partido de Hitler não podem participar de grupos em funerais ou outros serviços católicos (...). Um católico não pode ser admitido aos sacramentos enquanto permanecer registrado no NSDAP.”*

A condenação da Arquidiocese de Mainz foi publicada na primeira página do *L'Osservatore Romano* em um artigo datado de 11 de outubro de 1930. Ali foi declarada a incompatibilidade entre a fé católica e o nacional-socialismo.[38] [39]

Em fevereiro de 1931, este ato foi seguido pelo da Arquidiocese de Munique, que confirmou a incompatibilidade do catolicismo com o Nacional-Socialismo. Em março daquele ano, as dioceses de Colônia, Paderborn, Freiburg e as das províncias da Renânia também denunciaram o Nacional-Socialismo, proibindo publicamente qualquer contato com o partido. Indignado com a excomunhão expedida pela Igreja Católica, o Partido enviou Hermann Göring com pedido de audiência com o Secretário de Estado Eugenio Pacelli (futuro Papa Pio XII). Em 30 de abril de 1931, o cardeal Pacelli recusou-se a se encontrar com Göring, que foi recebido pelo subsecretário, monsenhor Giuseppe Pizzardo, com a incumbência de anotar tudo o que ele solicitasse.

Em 1932, a Igreja excomungou todos os líderes católicos do NSDAP, incluindo Adolf Hitler. Goebbels já havia sido expressamente excomungado por ter se casado com Magda Goebbels, uma mulher divorciada da fé protestante.

No mesmo ano, a Conferência dos Bispos Alemães publicou um documento detalhado dando instruções sobre como se relacionar com o NSDAP. O referido documento afirmava que os católicos eram absolutamente proibidos de serem membros do Partido e quem desobedecesse seria automaticamente excomungado.[40]

O documento também afirmava que:

> *"Todos os Ordinários declararam ilegal pertencer ao Partido Nazista, porque as manifestações de numerosos dirigentes e publicitários do Partido são hos-*

---

[38] Margherita Marchione, Papa Pio XII: Arquiteto para a Paz (https://books.google.com.mx/books?id=OGUzVS7GUUMC&pg=PA36&lpg=PA36&dq=L%E2%80%99Osservatore+Romano+october+11+1930&source=bl&ots=5r28Sazna4&sig=iz5nEnoBDZvCFdVTJmWz7Baj7HM&hl=es-419&sa=X&ved=2ahUKEwi3lo_DzcjbAhVr4oMKHaWRAz4Q6AEwA3oECAUQAQ#v=onepage&q=L%E2%80%99Osservatore%20Romano%20october%2011%201930&f=false)

[39] Informação Católica: Novos documentos comprovam a firme oposição ao nazismo por parte da Igreja Católica na Alemanha (http://www.infocatolica.com/?t=noticia&cod=4414).

[40] N. Este documento foi divulgado em setembro de 2009 pelo jornalista Michael Hasemann através da Pave the Wave Foundation. É ainda mais interessante ver qual foi a reação da mídia católica a esta descoberta, pois ficaram extremamente felizes em poder levantar insultos e difamações sobre a "cumplicidade" da Igreja Católica com o nazismo.

tis à fé e contrárias às doutrinas e indicações fundamentais da Igreja Católica."

Em janeiro de 1933, as associações católicas alemãs lançaram um panfleto intitulado *A Serious Appeal at a Serious Time*, no qual consideravam a vitória do NSDAP "um desastre" para o povo e para a nação. Em 10 de março daquele ano, a Conferência dos Bispos Alemães reunida em Fulda fez um apelo ao Presidente da Alemanha, General Paul von Hindenburg, para que expressasse "nossas mais sérias preocupações que são compartilhadas por grandes setores da população".

A oposição da liderança católica ao Nacional-Socialismo atingiu seu primeiro ponto alto nas eleições de 5 de março de 1933. Naquela ocasião, eles fizeram uma forte propaganda dos púlpitos a favor do partido de Hugenberg e os católicos foram proibidos de votar no partido sob a ameaça de excomunhão e entrada no inferno.

No entanto, como em outras igrejas alemãs, havia alguns clérigos e leigos que apoiavam abertamente a administração do Reich e Pacelli sugeriu aos bispos que revisassem sua atitude em relação ao Nacional-Socialismo, pois sua postura anticomunista era de interesse mútuo e ele procurou assumir vantagem disso.

Em 20 de julho de 1933, sob o pontificado do Papa Pio XI, o Vaticano assinou uma concordata com a Alemanha chamada ***Concordata Imperial*** que buscava regular as relações entre eles em assuntos de interesse mútuo. O vice-chanceler católico Franz von Papen serviu como representante do governo de Hitler no Vaticano para a assinatura da Concordata.

Entre as várias seções da Concordata estava a regulamentação do imposto de culto e sua cobrança e as diferentes proteções para a Igreja e seus ministros. No texto da Concordata pode-se ler: "De acordo com as normas da Concordata, o hábito religioso será protegido por uma disposição civil, da mesma forma que são os uniformes oficiais". O Estado também cobria as despesas das faculdades de Teologia existentes nas Universidades alemãs, que eram oito, além de outros seis centros menores. Em troca, Hitler conseguiu a autodissolução do Zentrum (Partido do Centro Católico), revogou as excomunhões dos membros católicos do NSDAP e a lealdade da hierarquia da Igreja. Cada vez que um novo bispo era nomeado, ele tinha que recitar: *"Juro por Deus e pelos Santos Evangelhos e prometo, ao tornar-me bispo, ser leal ao Reich alemão e ao Estado. Juro e prometo respeitar o governo constitucional e fazê-lo ser respeitado pelos meus clérigos"*. Além disso, os católicos foram

autorizados a ingressar no Partido Nacional-Socialista e a participar das celebrações católicas.

Logo depois, começaram as divergências quanto à sua interpretação e aplicação. A Igreja opunha-se à legislação sobre os judeus, já que segundo ela, violava o direito natural[41]. Até Mussolini passou a atuar como mediador.

Em 31 de dezembro de 1933, o cardeal Michael von Faulhaber fez um sermão em Munique no qual mostrava seu desprezo pela cultura germânica, vista pelos nacional-socialistas como "um crime político" e o orador como "um inimigo categórico e determinado do Estado nacional-socialista". Nas semanas que se seguiram, seu discurso recebeu críticas em revistas como *Germanien*, *Volk und Rasse*, e *Der Sturmtrupp*. Alemães de todas as idades e classes não podiam acreditar que o cardeal ousara "atacar nossos ancestrais germânicos e, portanto, também nossa raça e cultura germânica" e, com esse objetivo, atacar o documento mais importante e venerado do movimento: A Germânia de Tácito.

Outro evento de forte polêmica foi a lei da esterilização compulsória, que entrou em vigor no início de 1934, como parte do programa de eugenia nacional-socialista. Tornou-se motivo de confronto entre as autoridades do Vaticano e as do Reich, que estava determinado a aplicar suas teorias eugênicas em questões de seleção racial: teorias que Pio XI havia condenado abertamente na encíclica *Casti Connubi*[42] de 1931. A pedido da Santa Sé[43], o episcopado [católico] alemão fez todo o possível (incluindo cartas pastorais, contatos pessoais com líderes do regime, etc.) para conseguir a modificação da lei. Essa mobilização do mundo católico alemão levou, de fato, à modificação do regulamento de aplicação da lei, publicada em 5 de dezembro de 1933.

---

[41] Nota do tradutor: Por que a Igreja Católica queria libertar todos os judeus, que eram em sua maioria comunistas, dos campos de trabalhos forçados da Alemanha Nacional-Socialista? Qualquer idiota com QI baixo consegue perceber que o cristianismo nunca foi antissionista ou antissistema. E detalhe, estamos falando da igreja católica na época pré-segunda guerra mundial, ou seja, ela nem tinha sido infiltrada pela maçonaria, e mesmo assim sempre colaborou com o sionismo em maior ou menor grau.

[42] A igreja católica sempre condenou a eugenia, até antes da publicação dessa encíclica. A igreja prefere que milhões de deficientes e mestiços venham ao mundo do que praticar a esterilização. A própria igreja via a esterilização como algo anticristão, e se você fosse contra o pensamento da igreja era automaticamente excomungado. A igreja era a favor da disgenia, ou seja, colocar milhares de monges de sangue puro ariano e com QI alto em mosteiros e impedi-los de se reproduzirem (celibato). Com isso, eles não tinham filhos e o QI médio da população branca diminuía. Nietzsche foi o primeiro a perceber que os monastérios era um tipo de degeneração racial e contra a natureza.

[43] Jurisdição eclesiástica da Igreja Católica em Roma.

Posteriormente, em 14 de março de 1937, este papa promulgou uma encíclica intitulada *Mit brennender Sorge* ("Com preocupação ardente"), que se pronunciava contra as políticas raciais do regime e, consequentemente, contra o regime nacional-socialista, acusando-o de "divinizar a raça , o povo ou o Estado com culto idólatra" e "semeando o joio da suspeita, discórdia, ódio, calúnia e hostilidade fundamental aberta contra Cristo e sua Igreja". O documento foi lido no domingo, 21 de março de 1937, em todas as cerca de 11.000 igrejas católicas da Alemanha e declarou que não há compatibilidade possível entre a fé cristã e a ideologia nacional-socialista. Apesar disso, o governo permitiu a leitura do documento, bem como sua publicação em todos os meios de comunicação católicos. No dia seguinte, o *Völkischer Beobachter*, órgão oficial do NSDAP, publicou uma primeira resposta à encíclica, mas também a última. O ministro da Propaganda, Joseph Goebbels, decidiu que era do interesse do regime ignorar totalmente a encíclica. Um memorando interno do governo, datado de 23 de março de 1937, chamou a encíclica de "quase uma declaração de guerra contra o governo do Reich".

No documento, Pio XI também escreve reivindicando o **universalismo religioso**[44] contra as **religiões étnicas**, referindo-se claramente à tentativa do Terceiro Reich de erguer uma espiritualidade propriamente germânica:

> *“Só os espíritos superficiais podem cair no erro de falar de um Deus nacional, de uma religião nacional, e empreender a louca tarefa de aprisionar nos limites de um só povo, na estreiteza étnica de uma só raça, Deus, criador do mundo, rei e legislador dos povos, diante de cuja grandeza as nações são como gotas d'água no caldeirão.”*
>
> — **Pio XI, encíclica Mit brennender Sorge, 14 de março de 1937.**

Em 6 de setembro de 1938, um ano antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, Pio XI fez um discurso no qual disse:

[44] Nietzsche percebeu que o cristianismo era uma religião universalista (internacionalista), ou seja, uma religião cosmopolita pregada para todas as raças, que consequentemente levaria a miscigenação de todas as raças do planeta inteiro. Em linhas gerais, o cristianismo tinha os mesmos objetivos do Plano Kalergi. Se você caro leitor, quer saber qual é a conspiração judaica que é maior que o Sionismo e a Nova ordem Mundial, acabou de descobrir: o cristianismo. Jesus vai dar o mundo aos banqueiros judeus, esse que é o objetivo dele.

“Ressaltemos que, na Santa Missa, Abraão é nosso Pai e nosso Patriarca. O antissemitismo é incompatível com o pensamento elevado que esse fato expressa. É um movimento com o qual os cristãos não podem ter nada a ver. Não, não, eu digo a você que é impossível para um cristão fazer parte do antissemitismo. É inadmissível. Por meio de Cristo e em Cristo somos a descendência espiritual de Abraão. Espiritualmente, somos todos semitas.”[45]

Em 1939, Pio XI foi sucedido por Pio XII, às vezes apelidado de "Papa de Hitler”, e que, apesar de manter excelentes relações com a Alemanha durante seu mandato, estava longe de ser um simpatizante de Hitler. Há silêncios claros de Pio XII, que muitas vezes são interpretados como "apoiando os nazistas", mas na verdade são silêncios estratégicos a favor dos católicos. O papa sabia que não havia sentido em se opor publicamente aos nacional-socialistas; assim não derrubaria o regime, mas isso implicaria uma declaração aberta de guerra. O papa atuou nos bastidores durante a guerra e a Igreja continuou sua luta contra as políticas de eutanásia.

De fato, de acordo com documentos secretos do Vaticano recentemente divulgados, no início da guerra, o Papa Pio XII tentou realizar um ou vários exorcismos "à distância" em Hitler, como afirmou junto com o Cardeal Michael von Faulhaber e outros bispos, que Hitler estava possuído por um demônio.[46]

Em 1941, enquanto a Alemanha estava em guerra, a Igreja novamente atacou o regime, denunciando o programa de eutanásia *Aktion T4*. Sua denúncia causou forte comoção até mesmo entre os soldados católicos que estavam no front, a ponto de as autoridades governamentais pedirem a Hitler que o bispo de Münster, monsenhor Clemens August Graf von Galen, que em homilia em 3 de agosto de 1941 denunciou a programa, fosse enforcado por traição. Hitler se recusou a fazê-lo.

Em 20 de julho de 1944, ocorreu o atentado contra Hitler por Claus von Stauffenberg (Operação Valquíria) e com a coordenação do almirante Canaris. Pio XII é informado do ataque e encoraja os protagonistas a realizá-lo, justificando que se tra-

---

[45] Apesar de a igreja ser publicamente “contra” o marxismo, porém ela sempre teve vários pensamentos marxistas como: antiaristocracia, antirracialismo, multiculturalismo, negação das raças, pacifismo, disgenia, igualitarismo, miscigenação racial, Monogenismo, etc.

[46] Hitler e Stalin estavam possuídos pelo Diabo, diz exorcista do Vaticano (http://www.dailymail.co.uk/news/article-402602/Hitler-Stalin-possessed-Devil-says-Vaticanexorcist.html).

ta de um caso claro de tiranicídio. O envolvimento da Igreja na Operação Valquíria foi descoberto pelas forças de segurança do Reich.[47]

O padre Jules Meinvielle, que influenciou o "nacionalismo católico", considerou o fascismo como a tradução política do panteísmo hegeliano e também, seguindo os ensinamentos do documento, caracterizou o Nacional-Socialismo como *"um movimento cultural formalmente pré-cristão e essencialmente pagão, em sua pretensão de recriar os mitos nórdicos das antigas divindades germânicas."*[48]

Apesar da posição oficial da Igreja, muitos religiosos, deixando de lado suas diferenças, mas conscientes de seu patriotismo e lealdade do que de sua fé religiosa, apoiaram Hitler. No panfleto intitulado "Por que o Eixo Vencerá a Guerra? Controvérsia e razão da Europa cristã" que veio a representar o modo de pensar de muitos padres, disse:

> *"Se Hitler não tivesse forjado a Alemanha atual, a Europa estaria indefesa contra o comunismo e como a ascensão de Hitler ao poder não pode ser explicada humanamente, devemos concluir que o Deus das Vitórias coloca Adolf Hitler no poder para ser o salvador da civilização e do cristianismo".*

O sacerdote José Manuel Vega y Diaz, exclama em sua obra "A praga amaldiçoada do comunismo":

> *"Que os exércitos do Eixo e seus aliados vençam e façam desaparecer esta praga amaldiçoada que roeu a existência da humanidade em suas entranhas!"*

---

[47] N. Segundo o historiador dos Estados Unidos e especialista em contraterrorismo Mark Riebling em seu livro: The Church of Spies: The Pope's Secret War Against Hitler, publicado em 2016, (sempre escrevendo para o Vaticano), o papa tentou, em pelo menos três ocasiões, para assassinar Hitler. A primeira de outubro de 1939 a maio de 1940. A segunda de 1942 à primavera de 1943 e a última em 20 de julho de 1944, conhecendo e apoiando a Operação Valquíria. O autor afirma que, em setembro de 1939, Pio XII foi informado da criação de uma rede de resistência contra Hitler liderada por oficiais traidores. Ele se comunica com essa rede e é a favor da derrubada de Hitler. Durante toda a guerra, essa rede foi estruturada e organizada. É liderado em particular pelo almirante Wilhelm Canaris, chefe do Abwher, e por Josef Müller, um bávaro, que faz muitas viagens entre a Alemanha e Roma para coordenar as operações. Graças a esta rede, no início de maio de 1940, o Vaticano obteve os planos para o ataque alemão à França, que foram transmitidos a Paris. Mas a França não os leva em consideração, acreditando que é uma manobra nazista.

[48] (http://www.austral.edu.ar/ua/newsletter-i/ago_02_07/bosca_enciclica.pdf)

O reverendo M. Yate Allen, um inglês, disse:

> *"É porque sou padre e porque acredito firmemente na religião cristã que acolho com alegria e dou graças ao Todo-Poderoso pelo que foi realizado por Mussolini e Hitler "*

Reverendo Geoffrey Dymock, vigário de St. Bede's, Bristol, falando da Alemanha de Hitler, a descreveu como:

> *"Uma das grandes raças da Europa que conseguiu livrar-se das penas da vil escravidão das finanças internacionais "*

Em 1942, por ocasião da guerra na Rússia, os bispos alemães declararam:

> *“Uma vitória sobre o bolchevismo seria comparável ao triunfo do ensinamento de Jesus sobre os infiéis”*

O padre de Breslau, Dr. Nieborowski, que escreveu:

> *"O triunfo de Adolf Hitler foi o triunfo do cristianismo ameaçado de perigo iminente na Alemanha e na Europa. A Igreja Católica deve se ajoelhar para dar graças ao TodoPoderoso por esta salvação... aos nossos olhos e em sentido cristão e Católico, Hitler é um instrumento da Providência."*

Em carta nunca publicada no jornal "La Verdad" de Múrcia, o Sr. José Antônio Vidal Gadea, membro da Divisão Azul e Cavaleiro da Cruz de Ferro, confirmou que nos territórios sob a jurisdição de Alfred Rosenberg:

> *“Em uma carta que não foi publicada no jornal "La Verdad" de Múrcia, D. José Antonio Vidal Gadea, membro da Divisão Azul e cavaleiro da Cruz de Ferro confirmou que nos territórios sob a jurisdição de Alfred Rosenberg: "Eu estava durante o mandato alemão na linha de frente e percorri (não precisamente para passatempo) vários hospitais localizados em cidades alemãs, bem como de nações bálticas e eu pude ver a celebração de missas e ofícios em tem-*

plos cristãos. Um detalhe interessante é que a uma distância considerável dos templos foram colocadas placas avisando de sua proximidade e ordenando o silêncio para não perturbar as práticas religiosas... Todas as unidades alemãs tinham capelães de acordo com o credo religioso de seus componentes. A equipe de combatentes católicos incluiu um anel com uma "dezena" para a recitação do Santo Rosário."

Problema Atual

Existe uma grande e muito complexa controvérsia sobre a relação entre cristianismo e nacional-socialismo. Trata-se da questão de saber se um cristão pode ser um nacional-socialista ao mesmo tempo. Os pontos de controvérsia atingem as próprias fileiras dos nacional-socialistas, onde pagãos e cristãos frequentemente se chocam.

Alguns militantes tentam ser moderados em suas posições e com alguma prudência pensam que essas disputas "são estéreis e inconvenientes porque causam danos pela divisão". Hitler disse em várias ocasiões que as diferenças religiosas afastam as pessoas de lutar contra o inimigo comum. Consequentemente, muitos pagãos e nacional-socialistas cristãos preferem colocar essas diferenças de lado, se unir e colocar seus ideais pró-raça acima de suas crenças.

Outros consideram que tal posição foi útil no passado, e que a posição de Hitler é compreensível em termos políticos, mas que nunca deve ser tomada como dogma, muito menos se as circunstâncias assim o exigirem.

A Igreja Católica, como a Protestante e a Ortodoxa, apesar de ser geralmente atribuída a um caráter "tradicionalista", tem aderido [desde a sua fundação] em um grau ou outro ao pensamento politicamente correto, como a afirmação de que todo racismo (leia-se racialismo) é uma falsidade e que deveria ser combatido, por isso apoia a perseguição e a censura contra o sistema de ideias racistas ou racialistas (que por si só já é enérgico em lugares como Europa, Canadá e outros).

É por isso que as tentativas de conciliar a doutrina **universalista abraâmica**, **antirracista** e **igualitária** do **cristianismo** com a doutrina racial, **eugênica** e **aristocrática** do **Nacional-Socialismo** são **desvios ideológicos**. A verdadeira natureza do cristianismo deve ser denunciada, considerando-a parte essencial dos problemas que a raça branca enfrenta hoje. O objetivo do Nacional-Socialismo mostrado neste

livro e como se viu, embora discretamente dissimulado, foi sempre a descristianização. Isso se deve à incompatibilidade entre os dois.

Não se deve perder de vista que foi o caráter dogmático, intransigente, cismático e inerentemente antipagão do cristianismo que inevitavelmente acabou surgindo na mente de alguns aspirantes a militantes, e eles perceberam um conflito na colocação racial interesses acima de sua fé, e é aqui que se encontra a raiz do dito divisionismo.

O paganismo, ao contrário, nunca viu problema em fazê-lo, pois o paganismo se vê como uma religião do povo e da raça. O anticristianismo também não é inerente ao paganismo, mas surge como uma forma de autodefesa contra os ataques do cristianismo.

ANEXO D — FOTOS PROIBIDAS AO PÚBLICO

Adolf Hitler olhando para um busto de Friedrich Nietzsche

Adolf Hitler encontrando Elisabeth, irmã de Nietzsche.

Adolf Hitler visita o arquivo Friedrich Nietzsche em Weimar. Muitos dos manuscritos de Nietzsche serviram como base para escrever as políticas raciais da SS. Por causa disso, alguns nacionais-socialistas radicais acreditam que Nietzsche foi até o inventor do Nacional-Socialismo.

Hitler e vários alemães do alto escalão no funeral de Elisabeth Förster-Nietzsche em 1935.

Adolf Hitler olhando para o busto do filósofo alemão Friedrich Nietzsche - 1940.

"A humanidade como massa sacrificada à prosperidade de uma única espécie mais forte do ser humano – isso seria um progresso…" (Friedrich Nietzsche, Genealogia da Moral, tradução de 1974, p. 316)